

eric novello
(org.)

napoli do film

Editora
Draco

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

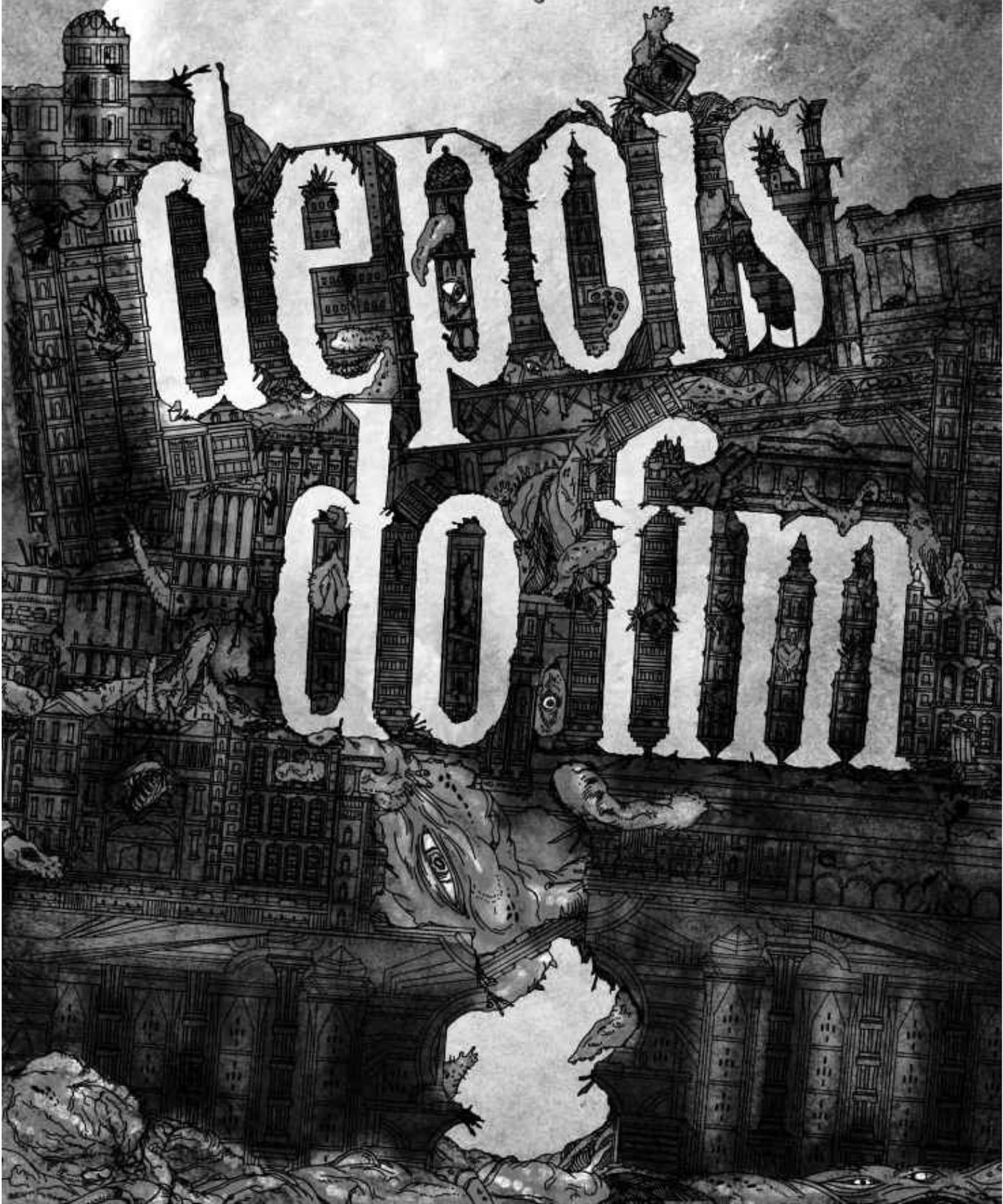
Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



eric novello
(org.)



depois do fim

eric novello (org.)

1ª edição

editora draco

são paulo

2014

Publisher: Erick Santos Cardoso

Edição: Eric Novello

Revisão: Cirilo S. Lemos

Produção editorial: Janaina Chervezan

Ilustrações (narrativa visual): Alliah

Arte e capa: Ericksama

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

Depois do fim / organizado por Eric Novello. – São Paulo : Draco, 2014.

ISBN 978-85-8243-035-4

1. Contos brasileiros I. Título.

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

1ª edição, 2014

Editora Draco

R. César Beccaria, 27 - casa 1

Jd. da Glória – São Paulo – SP

CEP 01547-060

editoradraco@gmail.com

www.editoradraco.com

www.facebook.com/editoradraco

twitter: [@editoradraco](https://twitter.com/editoradraco)

Sumário

Capa	
Ilustração	
Folha de rosto	
Créditos	
Nota do organizador	
Depois do fim	
Sangue Santo – Marcelo A. Galvão	
Narrativa visual - 01	
O último gole de cerveja – Eduardo Kasse	
Narrativa visual - 02	
A Sociedade Sombria – Nazarethe Fonseca	
Narrativa visual - 03	
Maioridade – Diogo de Souza	
Narrativa visual - 04	
Intervenções de um nautiloide sobre as grafluias do equinodermo resgatador – Alliah	
Narrativa visual - 05	
Passos Cegos – Blanxe	
Narrativa visual - 06	
O Dono do Cinturão Caminha entre Gigantes – Cirilo S. Lemos	
Narrativa visual - 07	
Postdomini – Gerson Lodi-Ribeiro	
Narrativa visual - 08	
Quem sobreviveu ao fim	
Notas	

Nota do organizador

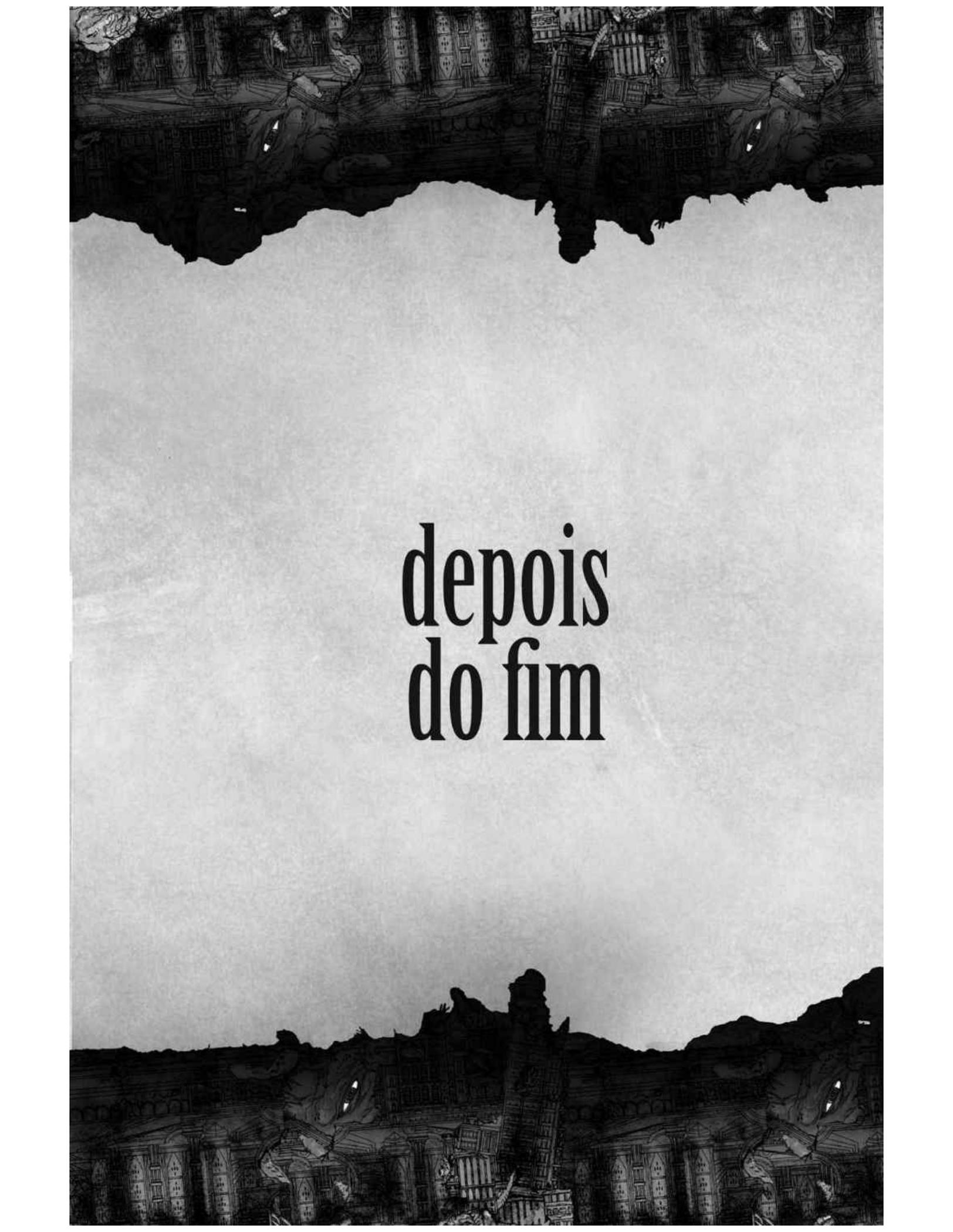
Desde os primórdios da ficção especulativa, o fim do mundo tem sido fonte de inspiração para histórias das mais diversas. Sua mera menção permite ao autor transportar os leitores a cenários áridos, explorar situações extremas de sobrevivência, mostrar facetas vis e mesquinhas do ser humano, procurar a redenção. Algumas vezes, abre-se o caminho inverso e o cenário apresentado é de renovação, um diálogo com a ponta de esperança que existe depois do fim.

Assim como a coletânea *Fantasia Urbanas*, sua antecessora conceitual, *Depois do Fim* traz um recorte de gêneros cada vez mais fortes em nosso cenário nacional. Fantasia, ficção científica, ficção histórica, terror e *new weird* se alternam para trazer ao leitor oito contos inéditos e uma breve história ilustrada. São narrativas que apostam com firmeza no entretenimento, desta vez adicionando uma paleta de cores mais sombria aos dramas de seus personagens.

Dentro delas, transitaremos por terras em que vampiros ajudam humanos a sobreviver a uma praga de zumbis; nos apropriaremos das visões científicas e filosóficas de um nauiloide no fundo do oceano; enfrentaremos lutas em um ringue de boxe em uma época em que é proibido sonhar; fugiremos de máquinas opressas em um cenário desértico, conversaremos com deuses frustrados e sedentos por novidades; veremos a lua ser virada nos céus diante de nossos olhos; enfrentaremos seres animais no meio do sertão e beberemos com um rei fanfarrão a um passo de ser deposto.

Às vezes no passado, às vezes no futuro, cada autor apresenta em *Depois do Fim* o seu ponto de ruptura. Em comum, a necessidade de seguir adiante e superar os mais tenebrosos contratempos. Nossa única certeza é a de que o dia seguinte sempre irá nos brindar com uma boa história.

Eric Novello



depois
do fim

Sangue Santo – Marcelo A. Galvão

O ar no Brejo Preto estava mais gelado do que o habitual na época do ano outrora conhecida como verão. O detalhe passou despercebido a um rapaz de cabeleira amarela e trançada que se equilibrava, de mãos e pés atados, à beira de um barranco íngreme. O Mestre se aproximou vestido numa bata escura, a cabeça sem cabelos ou sobrancelhas, característica que se repetia nas dezenas de pessoas reunidas ali.

– Sabia que antes não era possível observar as estrelas? – Ele disse. – Contam que uma névoa espessa escondeu o céu durante décadas após o Fim do Mundo. Consegue imaginar isto? – Sorrindo, o homem meteu mão por baixo da túnica e puxou um objeto brilhante sob o luar.

O rapaz amarrado gemeu ao ver a lâmina do facão.

– Se for verdade, significa que durante muito tempo a humanidade não pôde se guiar pelas constelações ou ler seu destino nelas. Mas quando a névoa sumiu, nossa visão foi restaurada.

O Mestre levantou os braços acima da calva. As mulheres e os homens ao redor fizeram ao mesmo para, em seguida, entoarem um cântico agudo, suas palavras incompreensíveis penetrando com violência os tímpanos do prisioneiro.

– Depois de estudar por anos os livros sagrados, finalmente descobri o que precisava fazer agora que as estrelas estão alinhadas de novo.

O facão desceu no pescoço do rapaz. O sangue esguichou do talho, regando de vermelho o solo. Com a vida se esvaindo, o corpo rolou pelo barranco e atingiu o brejo. A cantoria alcançou um volume estridente que normalmente incomodaria outras pessoas, mas não havia esse risco por ali: àquela hora, só virabichos vagavam pela mata dos arredores, procurando por presas fáceis.

Um brilho esverdeado emanou do fundo do pântano. As águas em volta do cadáver se agitaram e uma silhueta comprida deslizou pela superfície.

Num piscar de olhos, o rapaz foi engolido pelo brejo.

A cantoria parou.

O silêncio tomou conta do lugar.

As águas se acalmaram, refletindo a lua e os astros acima do sertão paulista.

O grupo gritou em júbilo. Sorrindo, o Mestre olhou para o céu noturno e confirmou que as estrelas estavam certas.

O Fim do Mundo se aproximava.

Mais uma vez.

Quando a maçaneta da porta girou, Guel Chorasangue só teve tempo de agarrar suas roupas e saltar pela janela do quarto, sem nem mesmo se despedir da mulher das coxas grossas – um gesto rude, mas

compreensível quando se frequenta o leito matrimonial alheio.

A voz grave do marido retumbou ao chamar a esposa. Encostado na parede da chácara, o rapaz abotoava a camisa axadrezada sem mangas e metia os pés nas alpargatas, torcendo para que o corno não o flagrasse ali. Mas pela troca de palavras ríspidas entre o casal, desconfiou que precisaria correr o mais rápido possível. Com o jeans já vestido e a jaqueta de couro no corpo, deslizou de mansinho para a bicicleta rente ao muro da casa. Foi quando notou que deixara ao lado da cama a mochila com os tônicos que vendia, a solução para espinhela caída, dor de dente e calvície, entre outros males que só o elixir – *feito a partir do legítimo sangue sagrado de Santo Akira* – poderia curar.

Não foi a única pessoa a reparar no detalhe esquecido: um berro de fúria soou no quarto. Sob o sol gelado do meio-dia, Guel montou a magrela no mesmo momento em que a porta da casa se escancarou. Pelo espelho retrovisor, viu o marido barbudo erguer uma espingarda, mirar, disparar.

Algo sibilou acima dos cabelos crespos e aloirados do rapaz. Guel não perdeu tempo e pedalou na direção da porteira aberta. Depois dela, a estrada de terra batida dava em uma ladeira que cortava a mata, lhe assegurando velocidade para fugir.

Mas o marido traído não desistiria de lavar com sangue a honra manchada: o homem corria e atirava, enquanto a mulher gritava, enrolada no lençol da cama que mal acomodava os quadris cheios. Guel ziguezagueava pela ladeira, as balas da espingarda zunindo pela estrada e despedaçando os galhos das árvores ao redor, o espelho refletindo a imagem do rapaz da cor da terra seca e uma marca de nascença avermelhada entre o nariz e o canto do olho direito.

O reflexo só durou até um tiro estilhaçar o espelho. Guel disparou ladeira abaixo, deixando para trás a mulher desconsolada e o homem furioso. Sua única preocupação agora era chegar ao Doutorado de Terrafria antes da abertura do festival de Santo Akira. Com sorte, conseguiria algum vinho barato e xarope de groselha – os principais ingredientes do tônico, que de sangue e sagrado não tinha nada – para fazer algumas garrafas e tentar diminuir o prejuízo.

Não muito longe dali, um cavalo relinchou assim que alcançou a encruzilhada, os músculos se retesando sob a sela. O homem de bigode preto que o montava se benzeu de imediato, puxando as rédeas com a outra mão.

O caminho à frente se afunilava. A trilha rasgava um bosque de jacarandás, ipês, paineiras, eucaliptos e pinheiros, as copas tão cerradas que impediam a entrada do sol e sombreavam a encruzilhada com uma penumbra cinzenta. O vento gelado soprou, balançando as folhas das árvores, e os pelos da nuca do homem se arrepiaram. Não era apenas o frio, ele sabia. Por cima do ombro, olhou os seus seguidores: dois cavaleiros em ponchos escuros ao redor de um riquixá, a garupa acomodando um passageiro de preto agarrado à bolsa de couro que levava no peito.

O cavalo resfolegou. O homem do bigode levantou a mão direita e o condutor do triciclo freou. Com a esquerda, desabotoou o coldre debaixo do poncho.

Aquilo foi um sinal para os outros cavaleiros. Armados com machetes, apearam das montarias, procurando por virabichos nos arbustos e árvores que flanqueavam a estrada ao norte do cruzamento. Depois de alguns minutos, retornaram aos cavalos. O homem do bigode fez um gesto com a cabeça e o condutor do riquixá voltou a pedalar.

O vento havia parado. Só mais algumas centenas de metros e a caravana deixaria o a penumbra que lembrava o início do anoitecer, ainda que fosse meio-dia.

Foi então que as copas das árvores se agitaram mesmo sem brisa e as folhas caíram do alto,

acompanhadas de três vultos meio gente, meio fera.

2

Você ainda vai morrer por causa de um rabo-de-saia.

As palavras de Kenji ecoaram na mente de Guel enquanto ele pedalava pela estrada coberta de cascalho pelos serviçais do Doutor. Isso sempre acontecia quando o festival de Santo Akira se aproximava, numa tentativa de facilitar a viagem de carroças, cavalos e bicicletas dos romeiros.

É, o amigo estava certo: não era a primeira vez que se metia em confusão por causa de mulher, geralmente uma já comprometida ou com pai zeloso. Guel tinha consciência de que elas se sentiam atraídas pelo corpo magro e torneado, o sorriso que a florava facilmente ou, ainda, a marca de nascença parecida com uma lágrima de sangue a escorrer do olho direito. O rapaz até mesmo conhecia algumas crendices quanto à origem dela.

Sua mãe teve vontade de comer morango quando tava grávida.

Foi vinho tinto demais que ela bebeu.

Mas também havia as provocações cruéis contadas por outras crianças quando moleque no Grão-Doutorado de São Paulo.

A tua mãe deixou um virabicho tocar debaixo da saia dela.

Ela trepou com um bando deles numa sexta-feira de lua cheia.

O esporro de um caiu na cara dela e te marcou.

O som de um relincho fez Guel Chorasangue se concentrar na encruzilhada que se aproximava. As mãos apertaram os freios da bicicleta a tempo de não ser atingida pelo cavalo que saiu em disparada, um homem de bigode a esporá-lo com força. A magrela deslizou alguns metros, levantando poeira até parar no meio do cruzamento.

Lá estava um riquixá tombado, quatro homens caídos ao redor. Não havia sinal de cavalos por ali e o cheiro da mata se misturava a um mais acre que Guel reconheceu como pólvora. Um gemido atraiu a sua atenção. A origem era uma polpa vermelha e branca de sangue e ossos, o que restara da face de um dos homens. Ao contrário dos outros, este vestia uma bata preta e comprida. Na mão, levava um anel grande e dourado que pelo jeito que reluzia, parecia bem valioso.

O rapaz desmontou ao lado do moribundo. O homem tentava falar, apontando para a mata, mas da mandíbula despedaçada saía apenas um gorgolejo. Agora mais perto, Guel reparou que o anel tinha uma cruz amarela gravada.

– Você é padre? – Ele perguntou e o outro concordou com a cabeça, enquanto balbuciava algo pelos lábios ensanguentados.

– A b-bols...a... – O homem disse antes de soltar o último suspiro.

Um grasnido soou acima das árvores e um urubu planou entre as copas, as asas enormes estendidas, pronto para se fartar no banquete ali embaixo. Guel olhou para os outros cadáveres: nenhum deles levava qualquer objeto valioso como o anel do padre. Em comum, tinham as marcas da morte violenta que se aplacaram sobre o grupo – talhos que rasgavam os torsos, dedos decepados e feridas nos antebraços -, sinais típicos de quem tenta se defender de seus atacantes.

Atacantes como virabichos.

A mata na outra margem se mexeu: algo vinha na direção da encruzilhada.

Guel engoliu em seco. Com um pulo, se embrenhou entre os arbustos ao lado. De onde estava,

conseguiu ver duas figuras grandes saírem para a estrada. Pelo tamanho, não havia dúvida de que eram virabichos. Em silêncio e sem tirar os olhos da encruzilhada, Guel retrocedeu ainda mais no bosque, afastando-se dos monstros passo a passo, o ar ao redor tão frio quanto o seu estômago tomado pelo medo de pisar em algum graveto seco e denunciar sua posição. Quando decidiu que já estava longe o bastante, ele se virou para correr.

E se deparou com um virabicho acorocado contra o tronco grosso de uma paineira. A boca aberta exibia um amontoado de dentes pontiagudos como as espinhas de um peixe. Uma juba se embaraçava ao redor do pescoço e da cabeça, com um par de chifres longos e curvados como os de um boi se erguendo da testa. O couro era coberto de pelos castanhos, com exceção de um pequeno buraco avermelhado no flanco esquerdo.

De longe, passava por um homem de verdade, com dois braços e duas pernas. Mas as histórias que Guel Chorasangue ouvira desde criança afirmavam que não havia nada de humano naquelas criaturas. Ou talvez até houvesse, tempos atrás. Para alguns, os primeiros virabichos eram homens e mulheres vítimas de uma maldição divina que os transformara em selvagens nos dias seguintes ao Fim do Mundo. Os monstros viviam em tocas no mato, devorando os desavisados. Às vezes, eram capturados, amansados e usados como mão-de-obra em Doutorados e fazendas da região.

Mas havia algo de diferente naquele ali. Em primeiro lugar, ele não respirava, fato provavelmente explicado pelo buraco nas costelas do qual escorria o sangue que empapava os pelos e que, por sua vez, esclarecia o cheiro de pólvora que Guel sentira na estrada. Depois, havia a bolsa de couro pendendo das garras dele, a superfície ostentando uma cruz amarelada.

O rapaz se lembrou da última palavra do falecido padre. O que quer que houvesse dentro da bolsa devia ser importante, talvez tão valioso quanto o anel do sacerdote.

Não faria mal se ele desse uma olhada no seu interior.

Por mais que o virabicho aparentasse estar morto, Guel pegou um galho comprido caído no chão e o cutucou na barriga, por precaução. O monstro tombou de lado, soltando a bolsa e fazendo os chifres e juba rolarem pela relva.

O rapaz franziu a testa. O topo da cabeça do virabicho se revelava calvo, sem sinal também de sujeira. E não só isso: na queda, os dentes saíram do lugar. Guel viu que a dentadura era mesma feita de espinhas de peixe, e os chifres e a juba não passavam de uma peruca costurada em um chapéu com os cornos colados nele.

O que aquele homem fazia no meio do mato, vestido de virabicho? O rapaz tentava achar uma explicação quando seu olhar se deteve na bolsa largada, fechada por um cordão trançado. Com cautela, ele a apanhou do chão.

– ... tem que tá por aqui. – Uma voz soou perto dali. Guel se voltou e uma dupla de virabichos saiu das árvores. – Eu vi quando ele levou o tiro e-

O mais alto parou de falar ao ver Guel à sua frente. Já o outro se interessou no que o rapaz carregava:

– Ei, dá essa bolsa aí! – Os dois monstros avançaram, as garras grandes e curvas brilhando. O rapaz não perdeu tempo: com passos largos, correu para a encruzilhada, saltou dos arbustos e montou na bicicleta, pedalando rapidamente e sem olhar para trás.

Guel só foi parar dez minutos depois, coração querendo escapar pelas costelas e pulmões em chamas. Enquanto recuperava o fôlego, se deu conta de que era a primeira vez que ouvia virabichos falarem e, pensando bem, aquelas garras pareciam mais com lâminas curtas de foices.

A estrada estava deserta. A alça da bolsa apertava seu peito. Ele desfez o nó do cordão e a abriu:

dentro, havia uma caixa pequena de madeira, trancada com um cadeado. Letras se destacavam nas laterais, mas aquilo de nada adiantava, pois Guel não sabia ler como a maior parte da população.

Já o cadeado tinha um significado claro: guardava alguma coisa valiosa. Para abri-lo, precisaria de alguém que tivesse ferramentas especiais.

A imagem de um rapaz de cabeleira loira e trançada lhe cruzou a mente. Rapunzé era o sujeito perfeito para aquele tipo de serviço.

Guel voltou a pedalar com força.

O Doutor não gostava de atrasos. No Doutorado da Terrafria, formado pelos restos de uma cidade anterior ao Fim do Mundo, a única pessoa que podia se atrasar era ele, o que sempre fazia durante eventos ou audiências em que os serviçais faziam fila para pedir favores dos mais diversos, deixando todos a esperá-lo por no mínimo dez minutos. Era seu modo de mostrar quem mandava ali, principalmente naqueles tempos de fome provocada pela seca na região e pela guerra do Grão-Doutorado de São Paulo com o Império do Rio.

A caravana deveria ter chegado meia hora atrás. Da sacada do palacete, o Doutor tinha a visão de quase toda a cidade. O coral e os violeiros se preparando no coreto da praça. As barracas de artesanato, prendas, bebidas e comidas prontas para recepcionar os romeiros de vários lugares. Bandeirolas coloridas enfeitando as casas que se espalhavam até encontrar a muralha de pedra que cercava Terrafria. Ao fundo, as montanhas se erguiam no horizonte. Além delas, a paisagem se transformava em um vasto monumento megalítico, as carcaças dos prédios ao norte do que restara da cidade de São Paulo.

O que importava era a construção no centro de Terrafria. O Santuário de Santo Akira se destacava com sua cor azul, o campanário comprido e os vitrais coloridos representando a vida do famoso padroeiro do Doutorado: o sangue escorrendo pelos estigmas do corpo, os milagres de cura, a morte ao lutar contra uma horda de virabichos vinte anos atrás. Pelos próximos dias, muita gente passaria ali para rezar e pagar promessas, e então visitar o museu dedicado ao santo, com imagens e objetos usados por ele em vida, considerados relíquias pelo Vigário. Depois, participariam da festa, aumentando ainda mais os lucros do Doutor, dono de tudo na cidade.

E o lucro poderia triplicar a partir deste ano. Tudo dependia da caravana chegar a tempo para o festival.

Alguém pigarreou dentro do palacete.

– Com licença, seu Doutor – disse o serviçal, retorcendo as mãos. O Delegado de Terrafria entrou logo depois, bigode negro desgrenhado e sangue a cobrir o que restava das roupas. No momento que o viu, o governante de Terrafria teve a certeza de que não receberia notícias boas.

O Doutor não era o único a receber notícias ruins.

Perto de Terrafria, um casarão se erguia entre os escombros de uma fazenda. Dezenas de livros se amontoavam numa sala, publicações antigas corrompidas por manchas esverdeadas de bolor ou devoradas por traças, escritas em línguas esquecidas antes mesmo do Fim do Mundo. Era ali, entre lunetas e mapas do céu, que se encontrava o Mestre, respirando o ar saturado com o odor de papel velho. Sentado em uma poltrona puída e segurando um livro no colo, mantinha a atenção no homem à frente. Este explicava que a missão falhara quando um sujeito fugiu com a bolsa de couro que deveriam trazer. No entanto, frisou, podia identificar o ladrão facilmente, um rapaz com uma marca vermelha na cara feito lágrima de sangue.

O Mestre ficou em silêncio observando os livros, histórias de antigas divindades agora esquecidas e de nomes quase impronunciáveis, e seus adoradores que as evocavam em troca de poder.

Divindades como aquela que o Mestre venerava.

Ó Grande Chucrocru.

Ele usara de suborno e ameaça para conseguir a informação sobre o conteúdo da bolsa e, depois de tanto esforço, não desistiria facilmente. O Mestre se levantou e sorriu, as rugas deixando no rosto vincos como os das capas e lombadas envelhecidas daqueles livros:

– Pois então faremos que esse sujeito tenha um motivo para chorar sangue de verdade se não devolver o que é nosso.

3

Santo Akira curou as pessoas com seu sangue

Santo Akira derrotou os infiéis

Santo Akira se fez mártir por nós!

O coral cantava com vigor, acompanhado das violas. Os cheiros de churrasquinho, *yakisoba* e pipoca atiçavam o estômago, enquanto cachaça, vinho e licor matavam a sede dos romeiros. As barraquinhas se espalhavam pelas calçadas ao redor da praça, vendendo também todo tipo de lembrancinha: as mais populares eram esculturas representando Santo Akira de cabelos e bigodes compridos, o pé direito esmigalhando a cabeça de um virabicho rabudo feito jacaré, e gravuras de seu rosto sereno encimado por um halo a encarar o observador com um resquício de olhos puxados, frutos da miscigenação.

– Não vejo Rapunzé desde ontem – disse Kenji, a barraquinha de artesanato espremida entre uma viela e um boteco. – E o safado prometeu que me daria uma mão aqui.

– Onde será que se meteu? – Guel gritou para se fazer ouvir acima das violas e dos bêbados no bar discutindo como realmente aconteceu o Fim do Mundo. O artesão encolheu os ombros:

– Só sei que ele estava se engraçando com uma dessas Apocalipseiras. – E apontou para o grupo que, com cabeças e sobrelhas raspadas, se destacava na multidão. Durante suas andanças pelo que sobrou do sertão paulista, Guel encontrara várias daquelas seitas vivendo em comunidades à margem de Doutorados. A origem delas datava dos dias logo após o Fim do Mundo, quando pessoas de diversas denominações religiosas, desorientadas ou sentindo-se esquecidas por não serem levadas pelo cataclismo, se reuniram para aguardar um novo apocalipse.

– A culpa foi de uma pedra gigante que caiu do céu! – Berrou um dos bêbados, o dedo enfiado no rosto do colega de mesa.

– Não, – o outro replicou, balançando a cabeça – o mundo acabou por causa de uma guerra.

Kenji olhou feio para os dois, percebendo que a discussão afastava os romeiros, e se voltou para Guel.

– Bom, de qualquer maneira, tenho que aproveitar para vender agora, já que não sei se a festa vai continuar depois do que fizeram com o Vigário.

– O que aconteceu com ele?

– Foi morto por virabichos quando trazia mais uma relíquia para o santuário. O Doutor tá reunindo uns homens para caçar os monstros.

A imagem do homem do chapéu com cornos relampejou pela mente de Guel.

– Não foram virabichos.

– É? E como sabe disso?

– Tá me chamando de mentiroso? – O bêbado gritou, a voz encharcada pela cachaça cobrindo a resposta de Guel. – Já disse que foi uma pedra! – E se levantou, puxando uma peixeira.

O companheiro de bebedeira fez o mesmo.

O dono do bar pegou um porrete escondido debaixo do balcão.

As pessoas ao redor se afastaram ao ouvirem o som dos apitos da Guarda chegando para colocar ordem. O povo agora só tinha olhos para a briga – um bêbado tentando furar o outro e ambos se desviando das cacetadas distribuídas pelo dono do boteco – mas Guel sentiu que era observado. Ele se virou e percebeu que estava certo: um trio de Apocalipseiros cochichava e apontava para ele.

Foi quando Guel se deu conta que eles eram tão carecas quanto o virabicho de araque que encontrara.

Ele engoliu em seco ao ver o grupo avançar para a barraca.

– Ei, aonde vai? – perguntou Kenji, mas Guel já corria pela viela, abraçado à sacola. Os Apocalipseiros se aproximavam, empurrando as pessoas aglomeradas. Adiante, a ruela se estreitava, com a muralha que cercava o Doutorado à esquerda. Um grasnar soou acima de Guel: um urubu imenso planava sobre Terrafria.

Aquilo não era um bom sinal.

A viela acabava em um pátio que funcionava como estacionamento para bicicletas. Bastaria virar à direita, montá-la e passar pelo portão do Doutorado.

O problema era uma dupla de Apocalipseiros parados bem ali.

Guel se voltou. Um ipê-amarelo imenso crescia rente ao muro, seus galhos mais altos quase alcançando o topo da construção. Afora dela, havia só mata.

Os perseguidores chegaram quando ele alcançava os últimos ramos. Para quem não nascera gato ou virabicho, a distância do alto da muralha até o chão era grande. Com os Apocalipseiros começando a escalar, o rapaz tinha que pensar em algo. Na mata, uma árvore baixa se estendia em direção ao muro: com um pulo, Guel se atirou no galho mais próximo, que se vergou com o peso e quebrou a poucos metros da terra. Ele rolou, se levantou, sacudiu a poeira da roupa e fugiu para o interior da floresta.

O sol desaparecia por trás da serra quando Guel parou de correr. Fazia algum tempo que não escutava os Apocalipseiros, sinal de que estavam longe.

Ou então eram silenciosos na perseguição.

Um uivo longo soou não muito distante e ele percebeu que estava no meio da floresta, território natural dos virabichos de verdade. Para sua segurança, Guel precisava sair da região antes que a noite caísse por completo.

Aquele som o distraiu. Um trio de Apocalipseiros surgiu à frente.

Ele retrocedeu e se virou apenas para se deparar com outros dois, empunhando machetes. Pelo visto, eram mesmo silenciosos na caçada.

– Tem algo que nos pertence, moço. – Um deles apontou para a bolsa de couro.

– Olha só, não é nada disso que vocês tão pensando. – Guel começou a dizer a frase que usava quando encontrava um marido contrariado por descobrir que ostentava um par de chifres. Mas pelo jeito que os Apocalipseiros o cercavam, o papo não funcionaria.

O que restava do sol gelado mal penetrava entre as copas das árvores, com as sombras rastejando ao redor para formar uma escuridão só. Guel percebeu um pedaço da penumbra se mover e um par de olhos amarelados surgir nela.

Os rosnados foram o primeiro sinal para os Apocalipseiros de que alguma coisa não estava certa.

Guel correu e se embrenhou na mata, deixando para trás os gritos desesperados dos homens. Não foi longe: um impacto pesado nas costas o levou ao solo coberto de folhas mortas. As garras do virabicho o prendiam com firmeza, seu bafo quente e rançoso a violentar as narinas de Guel. Muito mais fraco que seu oponente, o rapaz fechou os olhos, esperando pela mordida fatal.

Ouviu então uma fungada, sentindo algo úmido encostar em seu pescoço e depois descer para o peito, braços, virilha. Levantando uma pálpebra, viu o monstro – uma mistura de cachorro com homem – lhe cafungar o corpo.

A criatura se ergueu em um pulo, enquanto meia dúzia de virabichos se aproximava. Os gritos dos Apocalipseiros haviam sumido. O cachorro-homem se dirigiu para um virabicho que, pelas curvas arredondadas e pela pele dourada marcada por manchas escuras, lembrava uma espécie de jaguatirica-mulher.

– É ele mesmo. – Com um puxão, o cachorro-homem arrancou a bolsa de couro de Guel.

4

– Seja bem-vindo ao nosso lar – A virabicho disse para Guel Chorasangue, que arregalou os olhos não só por ver uma das criaturas falar com desenvoltura, mas também por estar no esconderijo delas.

Não havia como precisar onde se encontrava: na floresta, fora jogado nos ombros da jaguatirica-mulher e, a partir daí, só tivera vislumbres da mata, borrões devido aos saltos e a velocidade com que ela e os companheiros corriam. A única visão certa de Guel era a das costas da criatura e suas ancas cheias, não muito diferentes das de algumas mulheres que conhecera, com a diferença crucial da cauda comprida acima da bunda. A viagem terminou em frente a uma caverna disfarçada com vegetação cerrada, seguindo depois por um túnel às escuras. Quando Guel já pensava que não veria a claridade, uma réstia de luz brilhou.

Agora, percebia que o lar dos virabichos era mais uma aldeia do que uma toca. A lua iluminava choças e barracões se espalhando pelo terreno, uma cratera extensa e profunda talvez formada pela explosão de uma daquelas bombas que diziam ter provocado o Fim do Mundo. Lâmpadas acesas mostravam uma paliçada ao redor e ruas cruzando o lugar, com virabichos dos mais diferentes tipos – suas jубas, crinas e pelos presos em penteados ornamentados, usando joias e até mesmo roupas sobre o couro.

Um grasnido soou. Um pássaro grande, parecido com o que Guel havia presenciado na encruzilhada, pousou no topo de um casebre próximo. Forçando os olhos, o rapaz notou que a ave não era um urubu, mas sim outro virabicho: apesar do corpo coberto de penas negras, tinha braços mirrados abaixo das asas longas e as pernas curtas, acabando em pés de três dedos. O crânio era pelado, com um nariz pontudo no meio do rosto, os olhos esbugalhados a observá-lo.

Uma figura alta e robusta saiu do casebre, avançando na direção de Guel.

– Você já conheceu Ícaro – a voz dele retumbou feito trovão –, o companheiro que nos mantém informados do que acontece aqui embaixo, inclusive dos seus passos. Eu me chamo Brás. – Ele estendeu a pata direita para Guel que, assustado com o gesto, saltou para trás, se chocando com a criatura que o trouxera. Os lábios carnudos do virabicho se alargaram para exibir um sorriso de dentes pontiagudos. – Qual é o problema? O gato comeu sua língua?

A jaguatirica-mulher riu. Prensado entre os dois monstros, Guel sabia que não tinha para onde correr,

ainda mais com os olhos amarelados do tal de Brás cravados nele.

– Sou Leona – disse a virabicho. – Deve estar assustado por nos ver falar como gente, ao contrário dos nossos irmãos que tem as línguas e presas arrancadas pelos Doutores. É por isso que erguemos esta comunidade para podermos viver em paz. – Ela abriu os braços para mostrar o ambiente ao redor.

Guel viu um grupo lendo livros sob uma lamparina. Perto dali, gritos de alegria vinham de um campo relvado onde filhotes jogavam bola, usando patas e caudas para brincar. Leona continuou:

– Aqui não há escravos, todos aprendem a ler e escrever, e escolhemos nosso líder. – Apontou para o virabicho maior.

– Você não foi salvo daqueles malucos religiosos para morrer aqui. Que tal começarmos outra vez? – Brás sorriu e estendeu o braço. Mordendo os lábios, Chorasangue fitou o virabicho, dono de um focinho fendido e uma juba negra com tranças grossas que pareciam fumo de rolo, e decidiu retribuir o cumprimento, sentindo a mão ser envolvida por um aperto vigoroso.

– Se não querem me devorar, por que me trouxeram para essa toca? – perguntou após se apresentar.

– O senhor se tornou um homem abençoado desde o momento em que passou a carregar aquilo ali. – Brás olhou para a bolsa de couro nas mãos de Leona e depois para uma construção com um painel desenhado ao lado da entrada, iluminada por vários lampiões.

Foi quando Guel percebeu que a pintura retratava um Santo Akira sorridente entre dezenas de virabichos.

Guerra.

Era esta a palavra que Guel Chorasangue mais ouvia morando no Grão Doutorado de São Paulo. Ele se lembrava dela nos sussurros cheios de temor entre as pessoas, fossem homens obrigados a lutar ou mulheres preocupadas com o destino de seus maridos e filhos, ou nos discursos inflamados do Grão Doutor contra o Império do Rio, afirmando que preferia morrer a ser governado por um povo que chiava ao falar feito frigideira no fogo aceso. Nada como um pouco de rivalidade histórica pré-Fim do Mundo para alimentar as chamas da fogueira da intolerância.

Enquanto Guel, Rapunzé e Kenji se misturavam na multidão para bater carteiras e bolsas, o soberano assegurava que invadiriam em breve a capital fluminense, governada por descendentes da família imperial brasileira. Por isso, a partir daquele momento, o alistamento obrigatório começaria a partir dos dezesseis anos.

Na prática, significava que quem não fosse filho de Doutor ou apadrinhado de um seria mais uma bucha de canhão na guerra que durava quase uma década.

Os três amigos tomaram em pouco tempo a mesma decisão: partiriam para o interior antes que os portões da muralha que cercava São Paulo fossem fechados para impedir fugas. Pelos quatro anos seguintes, pulariam de Doutorado em Doutorado, sobrevivendo de pequenos golpes ou até de trabalho honesto, como o artesanato de Kenji.

Mas mesmo depois de tanto tempo ali, Guel jamais imaginaria que se encontraria numa capela levantada por virabichos para venerar um santo.

– Não matamos Santo Akira – disse Brás, enquanto o grupo entrava na construção simples, iluminada por castiçais e decorada com bancos compridos, uma cruz de madeira e um altar. Guel se lembrou das histórias que ouvira sobre o santo popular, um médico da região nas quais chagas iguais às de Cristo surgiram nas mãos, pés e cabeça. Sobre as curas milagrosas que realizava quando o sangue tocava uma pessoa. Sua morte heroica durante uma invasão de virabichos, com o corpo sendo estraçalhado e

devorado.

– Talvez seja difícil de você acreditar, mas houve uma época em que homens, mulheres e animais viviam em harmonia – O líder continuou, cruzando a capela. – E então veio o Fim do Mundo e tudo regrediu.

Os três estavam agora diante da mesa do altar, coberta por uma toalha branca e rendada que chegava até o chão. Com cuidado, Brás começou a recolher o tecido.

– Akira era um homem culto, estudioso das ciências naturais. Ele sabia que virabichos eram pessoas vítimas de alguma praga, e não abominações selvagens como queriam os Doutores, interessados em usá-los como mão-de-obra escrava. Foi nessa época que surgiram os estigmas nele e a fama de milagreiro, com pessoas de várias regiões querendo vê-lo para se curar.

A toalha estava dobrada, revelando que a mesa era uma urna de vidro.

– Ao contrário do Doutor de Terrafria, Akira sempre nos viu como aliados na reconstrução deste mundo e decidi confrontá-lo. – Brás balançou a cabeça maciça. – Foi ingenuidade dele. Como o Doutor não podia simplesmente matá-lo com a fama que Akira já acumulava, ele decidiu transformá-lo em mártir para aumentar os lucros.

O virabicho pegou um castiçal e o trouxe para perto. Guel viu que a urna abrigava um corpo humano, embrulhado em uma mortalha translúcida, e que o rosto ali – de olhos levemente puxados, bigodes compridos e a testa marcada por feridas – era familiar.

– Peraí, esse é o Santo Akira? Mas ele foi comido por virabi... – Guel parou de falar ao se dar conta da gafe.

– Uma história inventada, senhor Chorasangue. Akira foi gravemente ferido numa emboscada, porém conseguimos resgatá-lo antes de ser morto ou, pior ainda, profanado quando descobrissem a sua verdadeira natureza. Os tais estigmas que carregava eram sinais da transformação dele em um ser como nós. – Brás viu o rapaz arregalar os olhos. – Após o ataque, ele caiu inconsciente e seu corpo passou a secretar um líquido que o envolveu nessa espécie de casulo. Desde então, fugimos dos nossos perseguidores, aguardando o dia em que Akira desperte e nos lidere na construção de um mundo melhor. E a hora deste retornou chegou.

Leona se aproximou e retirou da bolsa de couro a pequena caixa trancada. Com um gesto rápido, Brás cravou as garras no cadeado e o arrancou, abrindo a tampa.

– O que é isso? – Guel observou um frasco de vidro contendo algo escuro, brilhando sob as luzes das velas. Brás sorriu, erguendo a relíquia.

– Este é o verdadeiro sangue de Santo Akira, capaz de curar todos os males. E, se estivermos certos, o catalisador para trazê-lo de volta.

Leona levantou a tampa da urna. Com uma atitude reverenciosa, o líder da comunidade derramou algumas gotas sobre o casulo. No mesmo instante, uma luz dourada se espalhou lentamente pela superfície até cobri-la por completo. Brás deu a mão para Leona, ambos com os olhos cheios de lágrimas. O ar ao redor da urna tremeluzia e um cheiro acre como o de incenso se espalhava pela capela. O silêncio era completo.

Sinos repicaram lá fora, quebrando a tranquilidade. Os dois virabichos se retesaram, para depois se entreolharem.

– O que está acontecendo? – disse Guel, ao ver Brás guardar outra vez o frasco.

– Estamos sendo atacados – respondeu, seguindo para a porta da capela. Gritos eram ouvidos, junto com o estrondo de armas de fogo.

– As tropas do Doutorado estão tentando atravessar a caverna – Ícaro grasnou pousando ao lado do trio, enquanto virabichos corriam pelas ruas da toca.

– Distribua as armas e preparem-se para lutar – Brás franziu o focinho, antes de se virar para Guel Chorasangue. – Pegue a sacola e siga Leona. Não podemos deixar a relíquia cair nas mãos deles.

– Por aqui. – A jaguatirica-mulher agarrou a mão do rapaz, o arrastando pelas ruas agitadas, passando por uma roça de milho até chegar à borda da cratera. Ela pegou Guel pela gola da jaqueta e alcançou o topo com um pulo. Adiante, a escuridão era completa. Leona, com os sentidos apurados, fazia o papel de guia.

Então ela fungou, parou e rosnou.

Pontos alaranjados brilharam na mata, as tochas iluminando as batidas dos Apocalipseiros. Leona bem que lutou, mas eles estavam em maior número. Quando a virabicho tombou, envolta numa rede de caça, Guel correu para longe das tochas, até algo atingi-lo na cabeça.

A escuridão ao redor se tornou ainda mais espessa.

5

A escuridão tinha gosto de ferro.

Guel descobriu isso ao sentir um líquido escorrer entre o olho direito e o nariz, chegar aos lábios e atingir a língua.

O rapaz despertou, gritou e não escutou a própria voz. Um zumbido penetrava em seus ouvidos. A cabeça doía e ele notou a testa úmida, o sangue brotando de um talho. Tentou levar as mãos para limpar o rosto ou tapar as orelhas, mas logo viu que estava amarrado.

– Chucrocru está chegando, irmãos – clamou um Apocalipseiro, com força o bastante para se sobrepor ao zumbido. Segurava numa mão um livro aberto e na outra a relíquia de Santo Akira.

– O que é isso...? – Guel conseguiu perguntar, percebendo que se encontrava à beira do Brejo Preto e cercado pelos fanáticos religiosos, origem do cântico que zunia estridente. Leona estava ao seu lado, também presa e balançando a cabeça, os ouvidos mais sensíveis torturados pela cantoria. O Mestre se voltou para os dois:

– Isso é o começo de um novo Fim do Mundo. – Ele riu ao ver o espanto de Guel. – Ah, você deve pensar que a Terra foi destruída por asteroides, pragas ou guerras. Nada disso, o que realmente provocou o apocalipse se encontra aqui.

Ele apontou para o brejo.

– Muitos anos de estudo me mostraram que, durante um alinhamento estelar raro, um grupo de pessoas invocou o Grande Chucrocru em troca de poder ilimitado. Mas – o Mestre encolheu os ombros, – algo não deve ter funcionado direito durante a cerimônia e a energia sagrada de Chucrocru afetou a natureza, as pessoas e os animais, deflagrando o Fim do Mundo. Ele acabou preso no fundo deste pântano, exaurido pela invocação, onde permaneceria eternamente se eu não descobrisse um jeito de fortalecê-lo. Sacrifícios humanos não bastam, eu preciso de algo a mais. – E levantou a relíquia, antes de prosseguir.

– Só esse verdadeiro sangue santo, que já curou dezenas de pessoas, tem o poder de recuperar e trazer à tona alguém do porte de uma divindade.

A cantoria dos Apocalipseiros aumentou, as frases em uma língua que Guel desconhecia.

– Desta vez, a cerimônia será conduzida sem falhas. Vocês dois são privilegiados por servir a Chucrocru como alimento após o seu retorno. – O Mestre se voltou para o brejo, lendo o livro em voz

alta e esvaziando o frasco nas águas escuras.

O sangue de Santo Akira borbulhou assim que tocou a superfície. Guel viu um círculo gigantesco se desenhar nela, enquanto um fedor de podridão se alastrava pelo ar.

A cantoria acelerou o ritmo.

O brejo se agitou: algo tentava irromper da água.

A voz do Mestre acompanhava as dos seguidores em um só coro.

Um tentáculo cinzento emergiu, grosso como o tronco de uma árvore, se elevando na direção do céu. Chagas avermelhadas e viscosas se abriam em sua pele, mostrando fileiras de dentes pontiagudos.

– Seja bem-vindo, ó Grande Chucrocru! – Anunciou o Mestre, rosto iluminado em êxtase.

Outros apêndices da criatura se retorciam enquanto ela tentava se desprender do brejo, espalhando água ao redor. Uivos agudos escapavam de cada uma das chagas, perfurando os ouvidos de Guel.

Ele tremeu de medo.

Foi então que a noite virou dia: uma bola de luz explodiu atrás do morro, iluminando de branco a paisagem. Da explosão jorrou um jato feito fogo de artifício, cruzando o céu estrelado até chegar ao brejo.

Era um vulto humano. Um par de asas se estendia das costas, as penas coloridas e brilhantes como o vitral de uma igreja. Ele desceu, aproximando-se dos Apocalipseiros. Guel notou uma aura dourada envolvendo o corpo nu e peludo do homem, enquanto uma galhada como a de veados brotava da testa. Os cabelos e bigodes compridos esvoaçavam no ar noturno. Do meio das palmas e dos peitos dos pés saíam protuberâncias ósseas, parecidas com espinhos longos.

Aquele era Santo Akira da Terrafria, ou o virabicho em que se transformara.

Guel, Leona e os Apocalipseiros não foram os únicos a notar a presença dele: no brejo, Chucrocru contorceu o tentáculo e o desceu na direção de Akira.

O santo se desviou, pulando para o lado. O monstro não desistiu: contraiu o tentáculo e o esticou, estalando-o no ar como um chicote. Desta vez, Akira alçou voo, pairando sobre o brejo, e uma chuva colorida desabou por baixo das suas asas: eram penas vermelhas e azuis, amarelas e verdes, afiadas e reluzentes como perfeitos e simétricos estilhaços de vitrais.

Chucrocru se estrebuchava, a carne acinzentada se rasgando a cada golpe.

Mas a luta ainda não havia terminado: batendo as asas com força, Akira subiu com velocidade na direção das estrelas. Em seguida, mergulhou rente ao brejo e de encontro a Chucrocru. As chagas berraram em agonia quando as asas deceparam o tentáculo, o apêndice caindo com estrondo sobre os Apocalipseiros.

Quando o silêncio voltou, livre da cantoria e dos uivos, Santo Akira pousou sorridente diante de Guel e Leona.

Terrafria amanheceu em polvorosa com as notícias que chegavam. As tropas do Doutor haviam achado a toca dos virabichos apenas para serem rechaçadas após uma misteriosa explosão de luz que cegara todos os homens. Um boato dizia que ela fora causada por um virabicho de asas coloridas e chifres na testa. Outro rumor afirmava que a criatura era muito parecida com Santo Akira. De qualquer modo, o povo do Doutorado se encontrava desorientado, já que seu governante morrera durante o ataque, atingido na barriga pelo disparo acidental de um soldado cego. O homem que não gostava de atrasos levou horas para morrer, se esvaindo em sangue e excremento.

– Agora que o Doutor se foi, temos oportunidade de mostrarmos às pessoas que virabichos não são

monstros, como foram ensinados a pensar. A interação entre nós e eles será o primeiro passo para a reconstrução de um novo mundo – disse Akira, caminhando pela toca junto a Guel, Brás e Leona.

Em uma busca, não descobriram qualquer sinal do líder dos Apocalipseiros: o corpo não se encontrava entre os adoradores esmagados pelo tentáculo do tal Chucrocru e a fazenda onde viviam estava deserta. Na certa, pensou Guel, o maluco fugira para longe, numa tentativa de fundar outra seita.

Enquanto ouvia Akira – que se recusava a ser chamado de santo – explicar seus planos, Guel notou que era observado por Leona, o olhar do tipo que se acostumara a ver em outras mulheres.

Ele retribuiu com uma piscadela, e ela sorriu.

Guel Chorasangue não tinha ideia de como a união proposta por Akira funcionaria, mas, por ele, começaria o mais cedo possível aquela interação com os virabichos.



O último gole de cerveja – Eduardo Kasse

Gargalhadas...

Como esse infeliz pode rir o dia todo?

Dia, noite, tanto faz! Aqui nesse calabouço fétido e úmido sempre é escuro. A luz vem de uma abertura minúscula perto do teto e de dois archotes nas paredes, que quase nunca são acesos.

Quando fui jogado nesse buraco ele já estava aqui, um trapo humano de barba grisalha e o corpo coberto de escaras e imundícies. Eu conseguia contar as suas costelas mesmo na penumbra. Não me lembrava da sua fisionomia, mas se eu o condenei a esse covil, certamente deveria haver um bom motivo. Contudo, ao vê-lo nesse estado deplorável, fiquei com um pouco de pena.

Ele estava de cócoras em um canto, roendo os ossinhos de algum bicho, que na primeira olhada julguei ser uma ave, mas quando ele sugou o rabo rosado e comprido senti o meu estômago revirar.

Terminada a sua refeição ele me encarou, ainda agachado e mexendo a cabeça tal qual um cão quando escuta uma barata correr debaixo da palha seca do chão das cabanas. E juro tê-lo visto farejar o ar.

O homem se aproximou curvado e, ao chegar a dois passos de mim, se endireitou e me encarou. Esperei um soco, uma mordida, no mínimo uma cusparada bem nos olhos, contudo ele riu, mostrando meia dúzia de dentes podres.

– Qual é a graça? – perguntei com firmeza. – Você sabe quem eu sou?

O riso evoluiu para uma gargalhada estridente, entrecortada por um som chiado que saía pelo seu nariz. Ele voltou para o seu canto e continuou com esses ruídos malditos até adormecer pouco tempo depois. Certamente o pobre diabo enlouquecera.

Será que eu teria o mesmo destino?

Já estou nessa merda de lugar há um ano, talvez mais, pois contar o tempo aqui é complicado. Graças aos deuses ainda mantenho um fio de sanidade. Apenas uma linha muito fina e que se esfiapa a cada dia.

Tento ter uma rotina para não enlouquecer. Recito versos de poemas antigos e cantarolo as cantigas que costumávamos cantar no salão do meu castelo depois das batalhas vencidas. Também faço contas como se tivesse cuidando das finanças do meu reino e isso me ajuda a manter a mente ativa. Para o corpo, algumas flexões de braço e uma sequência de socos e chutes no ar, como se participasse de uma luta imaginária. Mas, eu emagreci demais e não sou nem a metade do que fui antes de ser jogado aqui. A comida é parca e nojenta, mas não cheguei ao desespero de completar a minha alimentação com as ratazanas que aparecem pelas frestas. Deixo esses petiscos para o Esqueleto. Como não sei o seu nome, resolvi apelidá-lo assim.

Nunca ouvi uma palavra sequer saindo da sua boca, somente risos, arrotos e sons guturais. Agora ele é um idiota completo. E pensar que Esqueleto já foi um construtor muito famoso, como escutei um dos carcereiros dizer. E é estranho como não me lembro desse sujeito. Esse buraco enlouquece qualquer um

mesmo. Mas, vou lutar até o final. Assim espero...

A porta se abriu com um rangido irritante.

E logo surgiu Eastmund, um guarda caolho e com uma cicatriz que atravessava o seu rosto da testa até o queixo. Atrás dele, empunhando uma lança, vinha Cola, um homem tão alto que precisava se abaixar para passar pela porta.

– Olá, *rei* Osgar – ele pronunciou o meu título com escárnio, fez uma mesura e cuspiu, como de costume. – Dormiu bem essa noite? O chão de pedra estava confortável?

– Seria melhor se a sua mãe estivesse aqui comigo – falei. – Mas, não tenho do que reclamar.

Os dois soldados riram.

– É bom saber que mantém o bom humor, mesmo aprisionado nesse lugar.

– O doidinho aí deve diverti-lo – falou Cola ao fazer movimentos sugestivos. – Acho que são amantes quando ninguém está vendo.

Esqueleto se agachou e defecou no canto, impregnando ainda mais o local. O maldito muitas vezes se esquecia de usar o balde.

– Dê logo o banquete para eles e vamos sair desse fedor – disse Eastmund, tapando as narinas com as costas da mão.

Cola saiu do antro e trouxe dois pratos com uma papa amarelada e dois pedaços de pão carunchento. Largou-os no chão.

– Esse grude nem os porcos quiseram – disse ao sair e trancar a porta. – Deve estar uma delícia!

– Filhos da puta – rosnei.

Esqueleto veio engatinhando e começou a devorar a sua refeição. Eu estava com muita fome, mas o cheiro da merda queimava as narinas. Torcia para que chovesse e a água que jorrava pela parede limpasse aquela nojeira.

O homem-animal me olhou com a boca toda suja e apontou para o prato vazio.

– Pode comer o meu se quiser – falei sentando-me no chão frio.

Imediatamente ele começou a devorar a comida como um abutre sobre a carniça.

– Você podia pelo menos ser mais agradecido e cagar dentro do balde – resmunguei. – Essa fedentina é insuportável. Se eu imaginasse que um dia ficaria preso aqui, tinha mandado fazer uma grande janela e um vão para escoar essas sujeiras. Ou melhor, tinha feito uma passagem secreta!

Esqueleto apenas continuou comendo e grunhindo alheio a tudo. E a mim, restou tirar um cochilo. Nos primeiros dias eu tinha medo de pregar os olhos, mas depois percebi que ele era inofensivo, o máximo que fazia era me cutucar e correr para o seu canto, rindo como uma criança arteira.

O que será que aconteceu com ele? Pensei um pouco, mas as pálpebras ficaram pesadas e eu apaguei. E pude esquecer a fome, a catinga, tudo. Sonhei com borboletas.

– Acorde princesa! – senti um chute na barriga. – Desculpe atrapalhar o seu sono, mas o rei deseja vê-lo.

– O usurpador cagalhão – zombei ainda sonolento.

Eastmund me deu um tabefe na cara com as costas da mão enluvada e eu senti o meu rosto esquentar. Mas isso não era nada para quem havia passado mais de 30 anos da vida guerreando.

– Não se desgaste com isso, Eastmund – falou Hereward, entrando de peito estufado, seguido por dois asseclas com tochas nas mãos. O desgraçado usava a minha coroa. – Aos homens fracassados só resta usar as suas línguas quando não conseguem empunhar uma espada.

– Dê-me uma e eu acabo com todos vocês agora mesmo – instiguei.

Esqueleto começou com mais um dos seus ataques de riso e foi desacordado com uma paulada na cabeça desferida por Eastmund.

– Melhor assim – disse Hereward. – Mas eu não vim até aqui para brigar. Apenas quis saber se o meu *convidado* estava sendo tratado com dignidade.

Não havia motivos para as visitas, mas Hereward parecia adorar o meu sofrimento e se divertia cada vez que vinha até esse buraco. Não bastava um reino, ele queria ver o meu espírito dilacerado. Ele se alimentava da minha desgraça.

– Tirando as pulgas e os percevejos, está tudo ótimo – respondi.

– Oh, não seja por isso – balançou o indicador. – Eastmund providencie água, sabão e roupas novas para ele. Não querem que falem por aí que eu não sou um rei generoso.

O soldado feioso assentiu com a cabeça e se retirou, subindo as escadas assoviando.

– E como é ser *rei*? – zombei.

– Espetacular! – disse com um sorriso nos lábios finos. – Se eu soubesse que tomar esse castelo seria tão fácil, teria feito há muito tempo.

– Fácil? – agora foi a minha vez de gargalhar. – Quantos homens você perdeu?

– Não importa – estalou o pescoço. – Pessoas nascem aos montes a cada dia. Mas um reino! Ah, um reino se conquista uma vez na vida.

– Você venceu, mas não foi por méritos, seu filho de uma cadela! – irritei-me.

Os capangas sacaram as suas espadas e colocaram-nas no meu peito.

– Ataquem seus cagalhões – instiguei.

– Podem baixar as armas – falou Hereward. – Tenho certeza que Osgar vai manter a calma.

– Só eu e você – rosnei. – Lá fora. Eu o destroço com as mãos nuas!

Eastmund retornou com Cola e mais dois homens carregando baldes grandes com água e um escovão usado para lavar os cavalos.

– Acho que a nossa *luta* vai ficar para outro momento – disse ao sair do calabouço. – Bom banho para você.

– Tire esses trapos – ordenou Eastmund.

Obedeci, não adiantava relutar. Apenas levaria uma surra como muitas que levei antes de entender como as coisas funcionavam.

Fiquei completamente nu e entreguei as minhas roupas puídas para ele. Então veio a primeira baldada de água gelada. Depois o escovão arranhou a minha pele e o sabão ardeu nos meus olhos. Sentia-me como se estivesse sido esfolado vivo.

– Levante os braços – falou Cola, divertindo-se.

E ele me esfregou nos sovacos, no pescoço e na virilha com a delicadeza de um touro. Mais uma baldada de água gelada e terminou o suplício. As minhas carnes pareciam ter sido descoladas dos ossos.

Na verdade, ainda tive o cabelo e a barba raspados, juntamente com alguns rasgos no couro da minha cabeça.

– Está lindo, *rei* – Cola rosnou.

Eastmund me jogou uma túnica grossa, parecida com o hábito dos monges. O tecido grosseiro pinicava a pele, mas pelo menos ela estava limpa. Fez uma medida e saiu trancando a porta com um baque seco.

Apesar do modo como foi feito, o banho foi bom. Foi o segundo desde que entrei aqui e a primeira troca de roupa. Se isso me livrasse de um pouco das pulgas eu já estaria feliz, mas olhando o estado do

meu companheiro desmaiado no canto, certamente logo eu estaria infestado de novo.

A água fria e as vigorosas esfregadas me despertaram completamente. Então me aproximei do vão que servia como respiro e vi uma nesga de céu nublado, quase anoitecendo. Bem como no dia da fatídica batalha.

– Meu rei, estamos ficando sem comida – falou Leofwine, meu melhor amigo e meu braço direito nas batalhas.

– Mate uns cavalos se for preciso – falei.

– Já matamos uns seis... – respondeu cabisbaixo. – Restam apenas dez nos estábulos.

– Merda – esmurrei a muralha enquanto caminhava pelo adarve. – Eles não vão desistir?

– Pelo jeito não, meu senhor – falou Leofwine. – Nossos arqueiros mataram dezenas deles quando eles tentaram invadir com as torres de cerco. O aríete nem chegou a ser usado, pois tostamos os malditos com óleo fervente. Depois disso, eles recuaram, acamparam e permanecem em relativa calma há dois meses.

– O problema foi o ataque inesperado – falei. – Não deu tempo de armazenar suprimentos e muitas das nossas carroças vindas das fazendas foram saqueadas.

– E para piorar, tivemos o inverno rigoroso e longo demais – disse Leofwine. – Mais da metade do nosso gado morreu e o gelo impediu o plantio.

– As enxadas e arados quebravam por causa do chão duro – lembrei-me.

– Perdemos muitas vidas – falou o meu amigo. – Crianças e velhos morriam mais rápido do que conseguíamos cavar as suas covas.

– E vamos perder muitas mais se não arranjarmos alguma coisa para roer! – disse eu ao observar pela ameia cerca de mil e quinhentos homens ou mais acampados nos campos de trigo na frente do castelo. – Não podemos sair pela poterna e arranjar alguma comida?

– Para dez, quinze pessoas, sim – disse Leofwine. – Mas temos trezentos soldados e mais uns quatrocentos velhos, mulheres e crianças.

– E o que temos estocado? – perguntei.

– Menos de 50 sacas de grãos, umas galinhas, seis leitões, cinco barris de cerveja, um pouco de carne defumada e três vacas leiteiras – pensou um pouco. – E quatro bezerros.

– E quanto isso vai durar?

– Racionando, uns 10 dias ou quinze dias – falou.

– Então, estamos fodidos – segurei o ombro do meu amigo. – Esses cães sarnentos não vão desistir.

– Tenho certeza que não – falou Leofwine. – Dessa vez Hereward está obstinado e conseguiu apoio de muitos nobres.

– Traidores e maricas! – vociferei. – É isso que eles são! Não conseguem nem satisfazer suas mulheres na cama e acham que podem comandar um reino? O meu reino! Mas, essa noite nós vamos dar um pouco de diversão para eles.

– O que faremos, senhor?

– Chame Wulf, Wigstan, Osmund e Eadwine e me encontre no salão.

Leofwine desceu pela escada de madeira enquanto eu observava o mar de guerreiros à minha frente.

– Essa noite eles vão sangrar – fui para o meu salão.

Eu estava sentado no meu trono bebendo uma cerveja quase azeda quando os homens chegaram. Ordenei que todos os meus criados deixassem o salão e trancassem a pesada porta de madeira.

– Senhores – falei. – Por favor, sentem-se. Sirvam-se!

Eles encheram as canecas e arrancaram nacos do leitão recém-assado.

– Perdoem-me a parca refeição. Vocês sabem que em outros tempos, a mesa seria muito mais farta.

Mas não os chamei aqui para comer. Tive uma ideia para importunar Hereward. Quem sabe ele se zangue o suficiente para nos atacar.

Os homens se mexeram em suas cadeiras e Wulf quebrou o silêncio:

– Não sei qual é a ideia, meu rei, mas se for para matar um punhado daqueles cães, conte comigo – disse com a boca cheia de carne.

Os homens gritaram e levantaram suas canecas. Deixei-os extravasar. Assim como eu, eles estavam ansiosos, entediados e com raiva por ficarem presos no castelo. E homens enfadados são perigosos, pois mesmo com a bebida controlada, tivemos muitas brigas nesses meses e também uma morte. Para acalmar os ânimos, precisei enforçar três soldados.

– É bom vê-lo animado, meu amigo – falei. – Seu machado vai ser muito útil para o meu plano. Na verdade, escolhi-os, pois tenho total confiança em vocês. Quantas batalhas já lutamos juntos?

– Guerreamos lado a lado desde que paramos de cagar nas nossas pernas – gritou Osmund, criado junto comigo desde que ficou órfão.

– Isso mesmo – exultei. – Faz muito tempo... E aqui estamos cheios de cicatrizes e dentes quebrados, mas vivos.

– E não será essa noite que morreremos – falou Osmund. – Agora, meu senhor, conte-nos o que pensou.

– Um incêndio e algumas flechas na escuridão – falei ávido. – Há quanto tempo não chove?

– Há mais de uma semana, senhor – falou Eadwine com o cenho franzido.

– Ótimo! A palha e as tendas vão pegar fogo rapidamente.

– E como vamos chegar até lá com fogo sem sermos percebidos? – perguntou Leofwine.

– Discrição e distração – falei com um sorriso largo no rosto.

E os homens conversaram sobre os detalhes do plano enquanto destrinchavam com voracidade cada pedaço do leitão suculento e entornavam canecas e canecas de cerveja. Combinamos de nos encontrarmos nos fundos do castelo quando a lua estivesse alta no céu.

– Beorn – falei ao ver um dos meus arqueiros chegar. – Por que caralhos você está usando essa cota de malha?

– Pa-para me proteger dos ataques... – a resposta soou como uma pergunta.

– Se chegarem a lhe atacar, seu estúpido, você vai morrer mesmo se estiver coberto de ferro do cu à cabeça – irritei-me. – Nós precisamos ser invisíveis, e não refletir a lua e fazer uma barulheira a cada passo. Então, tire essa merda agora.

– Deixe ele com a armadura, meu senhor – falou Wigstan com um sorriso largo no rosto. – Pelo menos ele pode servir de alvo para as flechas inimigas.

Os homens riram, mas eu os contive levantando a mão. Não era momento para algazaras.

Beorn, um jovem imenso e de ombros largos baixou a cabeça envergonhado e foi ajudado por Wulf a tirar a pesada armadura. Todos nós apenas vestíamos gibões de couro, sem elmos ou qualquer outra parafernália que pudesse nos denunciar.

– Estão todos aqui, Leofwine? – perguntei.

– Sim, senhor – respondeu prontamente.

- Então vamos – falei.
- Posso lhe fazer uma pergunta, meu rei? – disse Wulf.
- Faça.
- Para que esse balde e esse saco?
- Você vai ver – sorri.

Caminhamos até a poterna, de onde sairíamos em silêncio. As dobradiças foram oleadas com banha de porco derretida para não rangerem e a sentinela da muralha indicou-nos que estava tudo tranquilo. Provavelmente ninguém vigiava aquele local, pois era impossível uma fuga massiva por lá. O caminho era estreito e íngreme, o que retardava qualquer marcha.

E, acima de tudo, Hereward sabia que eu nunca fugiria e abandonaria o lar dos meus antepassados, o meu lar.

- Vocês sabem o que fazer – sussurrei.

Osmund, Eadwine, Wigstan e mais 15 arqueiros deram a volta pelo rochedo sobre o qual parte de trás da muralha do castelo fora construída. Leofwine, Wulf e eu fomos pela trilha que levava até o bosque.

Andamos margeando o acampamento, rezando aos deuses para não acordarmos nenhum cão. E, por sorte, parece que até eles deixaram de ser vigilantes. Os homens roncavam depois de um dia de bebedeira. Na verdade, não escolhi essa noite por acaso. Eles passaram o dia comemorando o casamento da filha de Hereward com o filho do rei Baldr, um velho gagá que nem conseguia se lembrar do próprio nome. Apesar de estar trancafiado no castelo, eu tinha os meus informantes.

A festança foi boa e os homens, como sempre, esvaziaram barris e mais barris de cerveja e hidromel.

Quando estávamos próximos do nosso objetivo, Wulf avistou um guarda que dormitava sentado em um galho, com o rosto apoiado na sua lança em riste. Ele se aproximou sorrateiramente e talhou o pescoço magro com precisão, tampando a boca do moribundo para evitar qualquer grito. Ele morreu rapidamente depois de gorgolejar sangue. Escondemos o corpo atrás de um arbusto e seguimos.

– Os cavalos ficam logo ali – apontei e sussurrei. – Vão e quando virem o fogo, libertem os bichos e corram para o bosque. Tentem voltar o mais rápido possível para o castelo.

- E como vai surgir fogo desse balde? – perguntou Wulf.

– Deixa comigo – falei. – Agora vá.

E os dois continuaram, esgueirando-se pelas sombras.

E eu me embrenhei no acampamento inimigo. Tive de matar um garoto que vomitava. Ele me viu e acenou. Retribuí o gesto, mas quando ele se aproximou e não reconheceu o meu rosto, ameaçou correr. Quebrei o seu pescoço tal qual um galho seco.

Continuei até o barracão.

Há tempos fui informado que Hereward havia contratado os serviços de engenheiros italianos para montar uma catapulta. E também estava armazenando piche para tentar nos torrar dentro das muralhas com pedras incendiárias. Mas seriam eles os porcos assados esta noite.

E tudo graças ao meu filho que foi para junto dos nossos antepassados no último inverno. O moleque era franzino, muito menor que as outras crianças, mas a sua inteligência se destacava. Os curandeiros não puderam fazer nada e ele morreu de tosse e febre depois de sofrer por mais de duas semanas.

Ainda bem que tenho mais três moleques fortes que estão servindo junto ao rei Drusdan, meu amigo, do outro lado do oceano. Mesmo se eu morrer, eles poderão me vingar.

Um soldado roncava do lado de fora do barracão que armazenava o piche. Do seu lado, um cão me olhava, sonolento, e antes que começasse a latir, atirei-lhe a coxa do leitão que trouxe em um saco. Ele

ficaria distraído por muito tempo.

Entrei na precária construção de madeira, coberta por um teto de palha. Havia uns 10 barris estocados lado a lado. Derrubei um deles torcendo para que o baque seco não acordasse o vigia, mas na sua situação, mesmo que um raio caísse ao seu lado ele não despertaria. O líquido preto e viscoso escorreu, impregnando a terra e molhando alguns cordames e ferramentas estocados lá.

– Ótimo – murmurei ao sair sorrateiramente.

Agachei-me ao lado do balde que havia trazido e peguei com cuidado um monte de bosta de vaca seca. Segurei-o na palma da mão e assoprei devagar.

– Vamos – falei ao tomar fôlego.

Soprei por mais um tempo e então uma pequena chama nasceu das brasas. Devo essa à Osdread, meu filho mais novo. Ele me ensinou que a bosta de vaca pode conservar as brasas acessas por muito tempo. E como nessa noite eu precisava do abrigo das sombras, não poderia vir com tochas.

Assoprei mais um pouco e quando a chama se tornou forte o suficiente, encostei-a no líquido viscoso que escorria lentamente para fora do barracão e corri. A trilha de fogo entrou na construção e tudo se incendiou muito rápido.

– Espero que os arqueiros estejam atentos – falei, arfando bosque adentro.

Olhei para trás e vi as labaredas riscando o céu de vermelho e laranja. Mas antes que pudesse comemorar, senti uma pancada no ombro. Perdi o equilíbrio e trombei com uma árvore, caindo sentado no chão.

Um homem baixo, mas largo como um carvalho antigo, veio cambaleante empunhando uma maça na minha direção. Eu podia sentir o seu bafo de cerveja azeda enquanto ele arfava.

Saquei a minha faca e rolei para o lado quando o metal pesado esmagou uma raiz próxima ao meu joelho. Cravei a faca na coxa do infeliz, que berrou e ganiu como um cão. Levantei-me com o ombro latejando e o braço esquerdo dormente.

Ele arrancou a faca da perna e o seu rosto se contorceu de dor. Avançou manquitolando na minha direção. A maça zuniu perto da minha cabeça, e errou meu nariz por muito pouco. Investi contra ele socando-o na boca e no estômago, mas o desgraçado não caiu e me deu uma cabeçada no queixo.

Bambeeí uns passos para trás, com a vista turva. Agora o fogo formava um clarão e todo o acampamento devia estar acordado tentando apagar o incêndio, mas eu tinha certeza de que não conseguiriam.

O homem veio novamente na minha direção. Abaixei rapidamente, peguei uma pedra e atirei-a com força. Errei o alvo, e ela apenas resvalou na sua orelha.

Ele rosnou e brandiu a maça freneticamente. Por sorte, estava bêbado e errou o golpe. Tropeçou no próprio pé, e me deu tempo suficiente para eu lhe aplicar outro bom soco no meio da boca. Ele derrubou a arma e cuspiu uns dentes. Peguei-a e esmaguei o seu crânio com uma pancada certa, fazendo-o desabar sem vida.

Continuei a minha fuga e cheguei à poterna, onde Leofwine me aguardava ofegante. Entramos, subimos no adarve e corremos para a torre de cerca que ficava ao lado do portão de armas para ver o estrago feito. O lado direito do acampamento inimigo pegava fogo e o vento espalhava as chamas rapidamente. Do lado esquerdo, os homens estavam alvoroçados, provavelmente por causa das flechas disparadas.

Eu ria, pois o plano havia dado certo. Apenas algumas dezenas de cães sarnentos morreriam, mas os prejuízos seriam grandes e a humilhação maior ainda. Olhei para o meu amigo, mas o seu semblante estava pesado.

– O que foi Leofwine? – perguntei. – Que cara de cu é essa?

– Wulf tombou.

– Como? – falei irritado.

– Depois que soltamos os cavalos, ele viu a tenda do Hereward e sem avisar correu até ela com o seu machado em riste – disse limpando o suor da testa. – Daí ouvi metal contra metal e...

– Você o viu morrer? – presei-o com força na parede de pedra.

– Não – sua voz falhou. – Mas eram muitos soldados.

– Merda! – xinguei. – Por que você não foi ajudá-lo?

– Eu...

Afastei-me antes de ouvir a resposta.

Naquele restante de noite, só cochilei. O meu ombro doía insuportavelmente. Não havia ossos quebrados, mas a pancada deixou o local inchado e eu mal conseguia mexer o braço esquerdo. Fui besuntado com unguentos fedidos e me fizeram beber uma infusão de cebolas, casca de salgueiro, cerejas e arnica. As velhas rezaram uma cantilena pedindo a minha melhora aos deuses, mas aquelas vozes desafinadas me irritavam. Minha mulher insistiu para eu aceitá-las nos nossos aposentos e eu preferi a ladainha das velhas aos resmungos dela.

Nas primeiras luzes do dia, eu já estava de pé observando o meu inimigo lamber as feridas. Uma área do acampamento, maior do que eu imaginava, fumegava.

– Foi um ótimo trabalho, meu rei – disse Wigstan ao se aproximar. – E o vento nos ajudou bastante.

– Mas perdemos Wulf – falei de mal humor.

– Eu soube e sinto pela perda... – falou Wigstan. – Ele era meu amigo também. E me salvou várias vezes no campo de batalha.

– E como gratidão ele morreu sozinho... – retruquei. – Espero que tenha levado muitos bastardos com ele.

Wigstan nada disse.

Osmund apareceu.

– Meu rei – falou ao observar o acampamento. – Nossos arqueiros mataram uma meia centena de homens. Enquanto os idiotas olhavam para o incêndio, as flechas zuniam. Conseguimos dar umas quatro saravadas antes deles nos descobrirem. Fugimos para a floresta conforme o combinado e não perdemos ninguém.

– Agora vamos esperar o revide – falei com os olhos fixos no horizonte.

– E se não acontecer? – falou Osmund.

– Eu espero que alguém aprenda a criar comida dos torrões de terra – falei irritadiço.

O dia passou, depois outro, depois uma semana e nada de um ataque massivo. Por duas vezes Hereward mandou seus cães tentarem derrubar o portão com um aríete, mas quando as primeiras flechas caíam, eles desistiam e voltavam carregando dois ou três mortos. O meu castelo praticamente inexpugnável seria também o meu caixão.

– Talvez tenhamos que sair e atacar – falou Leofwine.

– E morreremos como porcos no espeto – respondi.

– Acho que morrer pela espada é mais digno que morrer de fome – disse Osmund.

– E se tentarmos um acordo? – indagou Eadwine.

– Não estou disposto a dar o meu castelo para aquele merda de bode! – falei ao socar a mesa. – E isso é a única coisa que ele quer.

– E o que faremos? Nossos estoques não durarão mais dois dias – falou Leofwine.

– Se eu soubesse a resposta eu já teria feito! – irritei-me.

– Aquele filho da puta sabe que um dia a nossa comida vai acabar – levantou-se Osmund. – Ouvi rumores de que muitos soldados pensam em desertar e se render àquele borra-botas.

– Nenhum vivo sai desse castelo! – gritei para todos ouvirem. – Somente mulheres e crianças que desejarem tentar a sorte em outro lugar. Somente elas!

Os soldados me olharam, uns com o semblante assustado, outros com raiva no olhar.

A delonga continuou até começar a escurecer, mas nenhuma solução foi dada. O último barril de cerveja fora aberto e os homens que se reuniam no grande salão estavam irritados e com o ânimo nos joelhos. Somente algumas sentinelas foram deixadas na muralha. E foi um desses guardas que veio correndo e gritando desesperado.

– Wulf abriu o portão! – falou gorgolejando sangue. – Wulf abriu...

Ele não conseguiu completar a frase e morreu por causa da flecha cravada na sua barriga.

– Wulf? – corri para fora e vi a horda de soldados entrando pelo portão, encabeçados por Hereward e Wulf que acabara de dividir a cabeça de um dos arqueiros em duas partes com o seu machado.

– Maldito traidor! – vociferei sacando a minha espada.

– Puta que o pariu! – gritou Wigstan. – Às armas, homens! Às armas!

Os soldados, por sorte, não estavam muito bêbados e conseguiram se alinhar com rapidez, formando uma precária parede de escudos.

Osmund me jogou um escudo e eu senti a ira rasgar as minhas veias. Chegara o momento de entrar para a história.

– Defendam o rei – gritou Leofwine brandindo a sua espada. – Defendam o castelo e matem esses porcos!

Beorn acabara de encordoar o seu grande arco e já matara um dos invasores com um tiro perfeito no pescoço. Os demais arqueiros faziam o mesmo, atirando com precisão fatal. Osmund ignorou a parede de escudos e avançou gritando como um louco. Decepeu o braço de um dos inimigos com um golpe violento com a sua espada. Tomou uma flechada na virilha, mas continuou abatendo os soldados com uma fúria cega. Uma nova flechada, desta vez na barriga, o fez arquear, mas antes de morrer com um corte nas costas, cravou a sua espada no peito de um velho que tinha apenas um braço.

Então os escudos se chocaram. A melodia da madeira contra a madeira, do metal contra o metal, das lâminas contra a carne e os ossos, era uma velha conhecida. Vivi toda a minha vida no campo de batalha, mas meu coração nunca deixou de explodir no peito de emoção, medo e ansiedade.

Os homens faziam força e empurravam, golpes eram desferidos, os primeiros soldados começaram a morrer e os gritos e prantos se juntaram ao som das armas.

Eadwine perdera o seu martelo enterrando-o no elmo do seu oponente e lutava agora com uma espada curta. Matou cinco homens e foi empalado por um lanceiro, que Beorn matou com uma flechada no olho esquerdo.

Leofwine lutava ao meu lado, com seu escudo rachado grudado ao meu. Sua cabeça sangrava por causa de uma lâmina que talhou o seu couro cabeludo, mas apesar de tudo, o seu semblante estava tranquilo. Ele sempre mantinha a frieza. Um gigante de cabelo vermelho rosnava na nossa direção, tentando a todo custo furar as nossas canelas com sua espada curta. A parede de escudos estava tão

compacta que eu podia sentir o fedor do seu bafo a um palmo do meu nariz.

Ele estocou, e a minha bota de couro rebitada com ferro segurou o golpe. Leofwine atacou de cima para baixo, mas o golpe foi aparado pela bossa de ferro do escudo de um garoto que fazia uma careta de medo. Matei o fedelho com o gume entrando diretamente pela sua boca, destroçando dentes e fendendo a língua até sair pela nuca. Ele demorou a cair, pois os homens de trás o empurravam, tentando avançar.

O gigante ruivo estocou novamente e o golpe raspou os elos da minha cota de malha na altura do ombro. Leofwine conseguiu furar a virilha do desgraçado fazendo-o berrar de dor. Um soldado atrás de nós acabou com ele trespassando o seu pescoço com a lança.

Havia mortos dos dois lados e os homens escorregavam no sangue, no mijo e nas tripas espalhadas pelo chão. O fedor ardia nas narinas, porém isso pouco importava. A guerra não foi feita para ser bonita.

Nossos soldados aguentavam firmemente e até as mulheres ajudavam com pedradas, paneladas e jatos de óleo quente. As que não eram trucidadas pelos soldados retardatários eram estupradas ali mesmo.

Um grupo de crianças atacou com uma funda, mas foi espantado por cavaleiros. Eles estavam em maior número e o nosso fim era certo.

A nossa parede de escudos ruíra, e cada soldado lutava pela sua vida.

As flechas de Beorn acabaram e ele pegou a espada de um morto para continuar a peleja. Golpeava desajeitadamente, mas a força do seu braço acostumado a retesar o arco fazia os inimigos se dobrarem a cada pancada.

Ele avançou contra Hereward enquanto ele varava um dos meus homens com sua espada de duas mãos. O maldito era habilidoso. Beorn atacou por duas vezes e os golpes foram aparados com dificuldade. O arqueiro chutou Hereward na barriga, fazendo-o se desequilibrar e se estatelar no chão, de costas. Ele podia ter acabado com tudo, mas cometeu o erro de tentar atacar com a guarda alta e foi trespassado pela longa espada.

Fui ao encontro do meu inimigo ainda caído, porém, um jovem que não devia ter mais de quinze anos veio correndo na minha direção com um podão. O bostinha queria a glória de matar um rei. Ele atacou e eu aparei o golpe facilmente com o meu escudo. Chutei-o no joelho e ele ganiu de dor. Aparei um golpe de machado e fiz a minha espada entrar na mandíbula do infeliz, saindo pelo topo da cabeça. O garoto atacou novamente, mancando, mas dessa vez rasguei a sua barriga desprotegida, fazendo as tripas saírem em um novelo rosa e marrom. Ele me encarou absorto e caiu de joelhos tentando colocar suas entranhas para dentro antes de começar a revirar os olhos nas órbitas e morrer.

Eu já tinha sido um garoto. E por sorte os deuses me agradeceram com uma vida longa, uma forma de me recompensar por todas as almas que mandei para eles.

– Encontro vocês nos salões do outro mundo! – gritei com um sorriso no rosto e com o meu espírito inundado pelo sangue da batalha. – Morram em glória! E levem muitos desgraçados com vocês!

Meus amigos sobreviventes gritaram em resposta e a luta se intensificou.

Eu cortava, espetava e partia ossos com chutes e socos, mas os inimigos pareciam um enxame de vespas revoltas e nunca cessavam. Um cavaleiro galopou na minha direção com a lança em riste, mas um dos meus mastiffs, Drogo, mordeu a barrigada do cavalo, fazendo-o empinar e derrubar o infeliz. O cão acabou o serviço arrancando um naco do pescoço do cavaleiro. O sangue jorrou, manchando de vermelho o rosto de outro garoto, que hesitou em matar Drogo com sua lança de ponta rombuda. O menino fugiu quando o gigante peludo rosnou.

Hugin e Mugin, meus outros cães, estavam mortos. Ao seu redor, pelo menos quatro homens estrebuchavam por causa das mordidas dilacerantes.

Eu estava exausto. Já não sentia mais o meu braço da espada. Matava a esmo e aguentava firmemente os golpes. A minha visão turvara por causa do suor e do sangue, mas eu não podia parar. Queria mandar mais uns bostas para o outro mundo antes de eu mesmo ir para lá.

Leofwine estava caído de joelhos com o rosto varado de bochecha a bochecha por uma flecha. Corri em sua direção para ajudá-lo, mas fui golpeado nas costas. Em seguida, mais uma pancada, dessa vez na cabeça. Uma dor aguda desceu pela minha nuca e a minha visão começou a falhar. Só tive tempo de ver meu amigo ser decapitado por Wulf antes de tudo escurecer.

Despertei com um gosto de merda na boca e os olhos tão pesados que eu mal conseguia abri-los. Na minha cabeça, vários tambores de guerra, e todas as juntas do meu corpo doíam.

O ar fedia a mofo e mijo.

Eu estava naquele estado entre o sono e a vigília em que não sabemos se sonhamos ou vemos o mundo real. Mundo... Não tinha certeza se eu permanecia vivo ou se tinha morrido e seria acordado por antepassados e amigos mortos na batalha.

Não tinha forças para me levantar e estava jogado em um canto tal qual um monte de estrume.

– Bom dia meu nobre *rei* – a porta abriu com um rangido dolorido e Hereward apareceu sorrindo.

– Onde estou? – balbuciei.

– Já não conhece mais o próprio castelo – pigarreou –, quero dizer, o seu antigo castelo?

As ideias começaram a clarear na minha mente. Tinha sido jogado no calabouço.

– Por que não me matou? – disse eu, ao me aprumar melhor e encostar na parede fria.

– Porque seria tudo muito rápido – falou Hereward. – E eu quero ver você sofrer enquanto o seu corpo fétido aguentar.

Ele gargalhou.

Wulf entrou pela porta.

Imediatamente tentei me levantar, mas caí de joelhos, ofegando e salivando como um cão envenenado.

– Não precisa ficar de joelhos, meu caro Osgar – falou Hereward com a voz afetada. – Não exijo esse tipo de cumprimento.

– Wulf, seu filho de uma cadela – rosnei. – Leofwine me disse que você correu para a tenda desse bastardo e lutou com os soldados.

– Como você mesmo disse, Osgar, distração é tudo – Wulf riu. – Fizemos um pouco de teatro e o idiota acreditou. Eu sabia que ele era covarde demais para vir junto. Daí foi só esperar o momento certo, entrar pela poterna com a ajuda de alguns amigos leais e abrir o portão de armas enquanto vocês discutiam iguais a matronas velhas.

Segurei na sua cota de malha com o rosto molhado de lágrimas de raiva.

– Por quê? – perguntei.

– Dinheiro, terras, um título... – falou com escárnio. – O de sempre.

A ira dentro de mim me fez esquecer qualquer fraqueza e dor, então, como o gato que dá o bote para matar o rato eu peguei a adaga que estava presa no seu cinto e cortei o seu pescoço, formando um talho profundo logo abaixo do queixo.

Ele me olhou com os olhos esbugalhados, segurando o corte enquanto o sangue jorrava por entre os dedos.

– Meu amigo... – Wulf engasgou-se com o próprio sangue e caiu. Ficou na minha frente estrebuchando até resfolegar e morrer.

Soltei a adaga e meu coração se enegreceu, pois apesar de um traidor, ele era meu companheiro.

Hereward aplaudia e ria.

Eu não tinha forças para reagir e desabei no chão.

– Magnífico! – ele falou. – Eu não teria feito melhor.

– Por que você permitiu que o seu acampamento fosse incendiado e os seus homens mortos? – perguntei.

– Poucas vidas perante a um castelo. E um reino – empertigou-se. – Eu precisava ser convincente, então, foi um pequeno preço a ser pago. – inspirou fundo. – Agora, se me dá licença, tenho assuntos mais importantes a tratar. Espero que goste do seu novo *salão*, pois você vai passar um bom tempo aqui.

Hereward pegou a adaga no chão, saiu e bateu a pesada porta de madeira.

Eu havia perdido tudo o que meus antepassados conquistaram e construíram. Vi meus amigos perecerem, vi o meu povo ser massacrado e, miseravelmente, ainda vivia para remoer a vergonha. A vergonha de um rei sem reino. De ser um nada esquecido em um calabouço fétido.

Olhei para Wulf, para o seu rosto retorcido em uma careta estranha e chorei. Não pela sua morte, mas pela traição. Demoraram três dias para levar embora o corpo nauseabundo e mais um dia para me trazerem um prato de comida. Por sorte, começou a chover e a água minava abundante pelas paredes, senão eu teria morrido de sede.

Assim passaram-se os dias, as semanas e os meses, que mais pareceram uma vida inteira neste maldito buraco. Hereward veio me ver algumas vezes, mas a maior parte do tempo passei somente na companhia do velho risonho. Mas, em um dia qualquer, depois de um ano de penúria, Eastmund abriu a porta de supetão e me puxou pelo braço.

Não adiantava lutar, pois dois soldados o acompanhavam com espada em punho e eu estava desarmado e fraco pelo tempo de inatividade.

Subimos a escadaria estreita e a luz do dia ofuscou os meus olhos. Demorei um tempo para me acostumar, enquanto era empurrado às cegas para o salão. O meu salão.

Eastmund me empurrou e eu caí de joelhos, vendo apenas vultos.

– Mate esse porco – alguém ordenou.

Eu já me preparava para saber como era o outro mundo e rezava para meus antepassados quando ouvi um grito e um baque seco. Esfreguei os olhos, pisquei algumas vezes e quando a vista voltou ao normal, vi a cabeça de Eastmund aos meus pés com os olhos fechados e a boca contorcida em uma careta estranha. Seu corpo estava caído e uma poça vermelha se formou embaixo do pescoço.

Meus três filhos, agora homens feitos, sorriam para mim com os rostos salpicados de sangue. Os soldados que acompanharam Eastmund ao calabouço eram amigos deles, vigiando-o para ver se me traria intacto. .

– Meu pai! – disse Osgar, ao me ajudar a me levantar. – Você está bem?

– Nunca estive melhor – sorri e o abracei com força.

[Æðelric](#) e [Æðelmær](#), os gêmeos, vieram correndo e também me abraçaram.

– Desculpe a demora, pai – disse Osgar. – Assim que soubemos, navegamos para cá com parte do exército do rei Drustan e reunimos os homens leais ao senhor, mas invadir esse castelo não é fácil.

– Nossos antepassados fizeram um bom trabalho – respondi.

– Mas vamos ter que construir um portão novo – falou [Æðelric](#) com um sorriso largo no rosto.

Eu ri. Pelos deuses! Eu havia suportado minha provação, visto o fim do meu reinado e já não tinha qualquer esperança, mas ainda não beijaria os lábios da morte.

Então, sentei-me novamente no meu trono e comi um pouco, pois meu estômago não estava mais acostumado à fartura. Bebi bons goles de cerveja escura e isso animou o meu espírito. Meu primogênito me entregou minha espada e a coroa que um dia seria dele.

– Temos um presente para você pai – falou Osgar. – Irmãos tragam-no aqui.

Eles saíram do salão e trouxeram Hereward. Ele tinha o rosto deformado e um dos braços pendia de maneira estranha ao lado do corpo. [Æðelmær](#) fê-lo ajoelhar-se à minha frente.

– Ontem no trono, hoje na lama – falei ao me levantar.

– Você bem sabe disso, não é? – cuspiu.

– Sim – respondi com um sorriso. – Mas hoje é você que se ajoelha diante de mim.

– Não espere que eu beije seus pés imundos.

– Hereward! – ri. – Sua língua continua afiada apesar de tudo. Gosto desse espírito. Você alegre a mim e aos deuses. E, assim sendo, acho que você não vai se importar em ouvir gargalhadas pelo resto da sua vida. – Toquei na sua cabeça com a espada. – Levem-no para o calabouço.

Os gêmeos levantaram Hereward e o arrastaram pelo salão.

– Ei, nobre rei – falou ao olhar para trás. – Posso lhe fazer um pedido?

Os gêmeos pararam e viraram-no para mim.

– Diga – falei.

– Eu poderia dar um último gole nessa magnífica cerveja que eu encomendei dos frísios? – disse ele, com a boca ensanguentada e sem vários dentes. – É que o carregamento chegou há pouco tempo e devido às circunstâncias, não pude apreciá-la direito.

– Um último gole de cerveja? – falei erguendo o meu copo de chifre.

– Sim – fungou. – Somente um gole e eu vou feliz encarar o meu destino, o meu fim.

Fui até o barril e enchi o copo. Aproximei-me de Hereward, que passou a língua pelos beiços inchados. Bebi com gosto até a última gota e arrotei estrondosamente em seguida.

– Tirem esse merda do meu salão – falei.

O semblante de Hereward se adensou e ele começou a gritar como uma menininha. Os gêmeos o arrastaram para fora e eu voltei ao meu trono, com a certeza de que, depois do fim, sempre pode haver um recomeço.

– Você me deve duas moedas de prata – falou um dos guardas ao olhar para dentro do calabouço.

– Merda – o outro abriu a bolsinha de couro presa ao cinto e pegou as moedas. – Mais uma semana e eu ganharia a aposta.

– Pois é – falou o outro beijando as moedas. – Mas, trato é trato, e o tal Hereward enlouqueceu antes de seis meses. Olhe lá.

Hereward estava ao lado do velhote e ambos gargalhavam enquanto devoravam vorazmente uma ratazana recém-abatida.



A Sociedade Sombria – Nazarethe Fonseca

Terra, ano 2019.

Naquela noite, Massato encontrou cinzas em um dos telhados, dentro de seu território. Pelas joias e roupas, Alex havia se entregado ao sol. Não muito longe das cinzas havia um latão de gasolina. Inteligente, só melancólica demais para viver dentro do caos, pensou Massato, fitando as cinzas. Por fim, se agachou e as tocou. Fechou os olhos e por um segundo viu a luz, a gasolina molhando o corpo, o calor abrasador engolindo o oxigênio à sua volta, as chamas consumindo, engolindo a carne... Piscou os olhos, voltando à realidade. Achou nas cinzas o símbolo do seu clã, o anel de ouro com uma árvore desenhada. Ela era a última de sua casa, apesar de só possuir duzentos anos. Não havia o que lamentar. Tinha vivido bem e escolheu partir com dignidade, enfrentando seu maior inimigo, o sol.

O movimento era somente dos Carniceiros, seus gritos e gemidos ecoavam pelas ruas desertas, onde o vento levantava o lixo, a poeira e o cheiro pútrido que eles exalavam. Eles agiam em grupos de cinco ou seis, nunca menos. Pareciam, de um modo caótico, organizados quando decidiam caçar. Vestidos em trapos imundos, ainda com as manchas de sangue de sua última refeição, se moviam em busca de vítimas. Aquele grupo estava longe do local onde geralmente se escondiam quando o sol nascia. Algo os havia atraído. Por mais que comessem, nada os saciava, mesmo depois de devorar um homem inteiro e chegar aos ossos.

O som do caminhão tomou as ruas, o líder dos Carniceiros gritou. Massato entendeu o que eles faziam tão longe de seu lugar de descanso. O cheiro de óleo queimado os afastava e guiava ao mesmo tempo. O líder os reagrupou aos berros. Massato foi para junto da borda do telhado observá-los. Estavam seguindo para a rua quarenta e nove, rota de fuga do exército quando os abrigos caíram. Placas de metal a isolavam para permitir a passagem de veículos levando os não infectados até o porto. Hoje, as barricadas se tornaram uma armadilha para os vivos.

O caminhão-baú se movia depressa. O óleo atingia os Carniceiros por dois canos soldados na traseira. De uma pequena abertura, lançavam coquetéis *molotovs* para queimá-los vivos. O caminhão era atingido por tudo que eles conseguissem lançar aos gritos. Os que passavam na frente do veículo eram estraçalhados. A cabine era coberta por placas metálicas onde o motorista ficava protegido. O para-brisa, substituído por uma tela resistente. Quem ousasse atacá-lo acabaria morto. Na frente do para-choque haviam sido colocados pedaços de ferro e um lança chamas. Havia correntes sobre os pneus e reforços metálicos no tanque de combustível.

– Vocês querem morrer? Tem sorte de estarem em meu território – pensava Massato, olhando o caminhão descer a rua.

Era inegável sua organização. A blindagem do caminhão devia ter custado bastante tempo e esforço

para ser finalizada. Os faróis iluminavam as ruas mergulhadas na escuridão. Ele os seguiu, vendo os Carniceiros recuarem. Iam em direção ao hospital.

Fugir durante a noite era um erro fatal se você não soubesse quais ruas estavam livres. Elas agora abrigavam amontoados de carros que, devido à ação do tempo, se deterioravam bloqueando as passagens. A maioria estava queimado e com os tanques vazios. A gasolina havia evaporado. O mato crescia e os parques eram florestas onde os animais sobreviviam caçando quem entrasse em seus domínios.

A escassez de comida se agravava à medida que os anos passavam. No começo, quando o mundo capitulou, havia muito a ser conseguido nos prédios e casas, nos postos de gasolina dominados por homens armados, nem policiais, nem soldados, somente homens com armas e pouco caráter. Trocavam gasolina por comida, mulheres. Mas eles não duraram muito. Quando os Clãs entraram em guerras eles foram os primeiros a serem escravizados e levados para as fazendas. Os Clãs queriam todos vivos. Os feridos seriam consumidos de imediato, os demais tratados com zelo.

Os soldados estavam dispersos e ainda atordoados com as mudanças, mas tentavam vencer os Clãs e os Carniceiros. Houve muita violência, sangue e corpos jogados ao relento.

Naquela noite como nas anteriores Massato buscava comida. Seu doador havia ido embora, saíra escondido sem se despedir. Era livre, não o mantinha preso. Três noites depois de sua partida, encontrou sua mochila e parte de seu corpo devorado. Jamais entenderia por que fugiu de sua proteção. Desde então, vinha se alimentando de ratazanas. Queria algo melhor e maior, sentia falta dos velhos tempos, das luzes da cidade, do cheiro das lojas, das pessoas limpas e com cheiro de perfume e sabonete, loção pós-barba. Bem, as lojas ainda existiam, contudo, tinham se tornado abrigos para os Carniceiros que fugiam do sol.

Buscava um novo doador, algo bem difícil nas atuais circunstâncias. Voltou sua atenção para o caminhão, ele poderia chamar a atenção dos Caçadores. Vampiros solitários que vasculhavam as cidades em busca de humanos. Assim que descobriam sua localização, vendiam aos Clãs, que chegavam logo depois com as gaiolas e os levavam para as fazendas.

Nas paredes, havia pichações sobre os três atuais inimigos dos humanos: Um “CCC” cortado. Carniceiros, Caçadores e os Clãs.

O que os estava obrigando a sair da segurança do abrigo e percorrer a cidade durante a noite? O caminhão parou na rua do hospital. Havia jipes, e até mesmo um tanque de guerra, arame farpado, resto de barracas improvisadas para lidar com os doentes. Atualmente, só um amontoado de lixo e escombros. As portas estavam fechadas com cadeados, algumas derrubadas.

A pergunta que não queria calar era: eles realmente se arriscariam a sair do veículo?

Massato estava vestido completamente de negro. Gostava de manter seu território invisível aos olhos dos atuais predadores de humanos. A máscara, as roupas e os movimentos rápidos faziam dele quase um fantasma. Corria com leveza saltando silenciosamente de um telhado para o outro. Sem produzir nenhum som. De onde estava, pôde ouvir quando a porta do caminhão foi aberta e quatro pessoas foram empurradas para fora. Um deles, ferido.

Eles tinham os pulsos amarrados. Foram soltos e receberam armas e munição. Tinham sido expulsos do abrigo onde viviam. O vampiro podia ouvir seus corações batendo agitados, sentir o cheiro de carne e suor.

Massato reparou que todos vestiam roupas militares, inclusive a mulher do grupo. Apoiado ao seu ombro estava um homem de cabelos grisalhos perto dos sessenta anos. De imediato, o mais forte deles o

colocou em suas costas com a ajuda do segundo, e eles começaram a se mover.

A jovem que aparentava ter vinte e seis anos ia à frente com um besta em punho pronta para disparar, enquanto o segundo homem vinha um passo atrás lhes dando cobertura. Eram organizados, vítimas de um grupo cruel. Qualquer um os teria expulsado durante o dia para que tivessem uma chance de sobreviver. Jamais ao anoitecer, aquilo era uma sentença de morte.

Do alto do prédio Massato observou o estacionamento do hospital. O caminho estava limpo, eles teriam a chance deles. Não havia nenhum Carniceiro dentro do hospital, há muito haviam acabado os corpos dos que ali ficaram presos e foram vencidos pela turba faminta. O problema era chegar à porta. Massato a havia trancado dois anos atrás, quando fez do hospital parte de seu território. Seguiu em frente os observando se moverem em silêncio. Eles iam conseguir. Passaram pelos carros abandonados, venceram mais uma fileira e pararam por alguns minutos ao alcançarem a cerca, enquanto o alicate cortava os arames. Mal podiam imaginar que a grama alta encobria minas terrestres.

O vampiro andou de um lado para o outro, tentava tomar uma decisão. Saltou do telhado e caiu no solo, silenciosamente. Moveu-se entre os carros como uma sombra. A jovem o sentiu, mas não o viu. Ele pôde ler em sua mente a palavra vampiro, e ouviu quando ela avisou os demais.

– Fiquem onde estão, vou ajudá-los.

Massato foi rápido, arrancou o doente das costas do homem e sumiu. A jovem impediu que os homens atirassem temendo que acertassem o doente. Confusos e mais leves, eles seguiram em frente. Estavam na grama alta, se esquivando de carros e montes de ossos, malas, roupas, restos de barracas de lona, quando, um clique os deteve.

Então veio a explosão.

– Merda, por que não esperaram! – resmungou Massato, depositando o doente em segurança sobre o telhado do hospital.

Os soldados usaram minas terrestres como último recurso na defesa do local. No chão, restou um buraco e partes espalhadas de um dos membros do grupo. A mulher e o homem estavam desorientados, com escoriações, mas vivos. Agora precisavam sobreviver à outra ameaça.

O som havia atraído a atenção dos Carniceiros. Massato teve de agir depressa, saltou do telhado e correu sobre os carros antevendo a aproximação.

– Venham comigo agora!

– O que fez com meu pai?

A jovem perguntou apontando uma flecha pronta para ser atirada. Ela estava tonta, saía sangue dos ouvidos, contudo continuava lutando. Olhava o homem à sua frente completamente oculto pela malha negra com desconfiança. Sabia o que ele era.

– Em segurança no telhado do hospital.

– Não posso andar, meu pé... – o homem gemia em dores. Um pedaço de ferro atravessava a bota.

Massato podia sentir o cheiro de sangue em toda parte. Ele se aproximou e observou o ferimento e, sem nenhum aviso puxou o ferro. O homem gritou de dor. A essa altura, a mulher via os Carniceiros chegando. Tirou o estranho de sua mira e começou a derrubar as criaturas que se aproximavam. Massato conteve o sangramento parcialmente após retirar a bota do homem. Fez tudo muito rápido, um minuto depois pegou as duas pistolas do casaco e começou a disparar. Disparou uma sequência de tiros certos na cabeça das criaturas. Mas ficou claro que não podiam continuar ali, mais deles apareceriam na esquina. A mulher de cabelos e olhos escuros pensava o mesmo. O corpo do homem atingido pela explosão os deteria por alguns minutos.

– Não tenho forças para levar vocês dois – afirmou Massato, pondo o homem ferido nas costas. – Quero que me siga e pise somente onde eu pisar entendeu? – perguntou, percebendo que a mulher estava desorientada.

– Sim.

Corria dando tempo para a mulher o seguir. Agiu o mais depressa possível, atravessou o gramado e escalou a parede lateral do hospital. Colocou o ferido ao lado do doente já sobre o telhado e voltou para pegá-la. Contudo, ela havia desaparecido! Não podia acreditar. Andou pela borda bem ligeiro e só então a viu. Ela fora obrigada a correr para a lateral do prédio. Tivera sorte de não ativar nenhuma mina. Atirava e corria derrubando seus perseguidores. Massato fez o mesmo ajudando-a a chegar à escada. Quando ela a alcançou, quatro deles estavam no seu encalço. Com o peso, a escada cedeu, dois deles caíram e ela ficou pendurada. Os dedos estavam prestes a se soltar quando foi erguida no ar por Massato. Flutuava e gritava em desespero, vendo-o disparar contra os Carniceiros. Para ganhar tempo, ele lançou sobre ele uma garrafa de óleo com o pavio já aceso.

O vampiro aparou a mulher nos braços. Ela parou de gritar agarrada a ele, e ele finalmente a soltou sobre o telhado. Ela se curvou sobre o corpo, estava sem ar, havia feito um esforço enorme para fugir e sair ilesa. Era forte. Lá em baixo, os Carniceiros corriam tentando se livrar das chamas. Sem saber se deveria agradecer, a mulher apenas se afastou, ciente de que no mundo não havia mais gestos como aquele.

– O que buscam? – perguntou Massato sem tirar a máscara.

– Penicilina. Um dos nossos está muito doente e meu pai esta doente – a jovem falou, tocando o homem estendido no chão.

– Deveriam tê-lo deixado em segurança e vindo durante o dia, quando os Carniceiros não atacam – esclareceu Massato, que tentou examinar o homem, mas a jovem o impediu.

– Temos pressa – ela reclamou.

– Estou bem, filha... – balbuciou o homem no chão.

– Somente pelas próximas cinco horas, depois disso, será um deles.

Massato olhou o doente com mais atenção, sentiu o cheiro da ferida. Ele estava infectado, o motivo da expulsão agora estava bem claro. A sociedade dos dias atuais era exatamente como nos anos antes da praga, só que menos hipócrita. Os fracos, os feridos e os infectados não eram poupados. O homem agia conforme sua crueldade inerente.

– Ele vai se tornar um deles – falou mais alto do que desejava. – Thiago sabe onde está o soro – completou olhando o homem com o pé ferido.

– Não existe cura para a praga. – O vampiro afirmou guardando as armas. Sua resistência à verdade e o modo como arriscavam a vida, colocando até mesmo ele em perigo, eram temerários. – Vamos, não temos a noite toda. – Ele colocou o homem ferido sobre os ombros.

– Meu nome é Thiago, ela se chama Tereza. Vivemos em um abrigo há quase dois anos, mas falta comida e água, temos de sair todos os dias em busca de suprimentos. Temos alguns velhos e crianças. Infelizmente fomos atacados e Felix foi ferido – ele falava, em dores. – Eu trabalhava aqui antes da praga se espalhar.

– Era médico? – perguntou Massato, curioso, enquanto o ajudava a andar pelos corredores.

– Não, faxineiro. Mas sei onde está o soro... Durante a evacuação eles guardaram parte no laboratório no subsolo. Todo o resto foi levado embora pelos militares nos helicópteros.

– acredite-me, não existe soro, se houvessem eu já o teria encontrado – revelou Massato.

– Eles fizeram testes, haviam descoberto uma cura, o problema é que foram atacados antes de conseguirem disseminá-la. O laboratório estava com pelo menos cinco cobaias. Eles foram os primeiros, os mais violentos, o soro os matou. Mas com a segunda geração a vacina funcionou. Vi dois deles serem curados. Mas as cobaias se soltaram e infectaram os médicos. Ninguém conseguiu contê-los. – Ele parou de falar.

Houve boatos sobre a cura, mas ninguém jamais teve certeza. Subitamente, Massato se lembrou da unidade de pesquisa. Havia estudos começados, cobaias incineradas, os vídeos no laboratório, os testes. Não quis pensar, só queria esquecer. Ele conhecia bem o hospital, a pesquisa os tinha levado apenas à morte. Alguém tinha soltado um dos infectados e sumido com as amostras.

O vampiro os levou para uma sala e fechou a porta. Colocou o mortal sobre a mesa e ligou a luz. Eles sorriam ao ver a luz, deveriam estar vivendo em condições bastante difíceis.

– O gerador ainda funciona – disse Massato, examinando a perna do mortal. – A infecção está se espalhando bem rápido. Onde acredita que está o soro?

– No laboratório de análises.

O vampiro nada falou, apenas o olhou com atenção. Os poucos que sabiam sobre o soro não tinham sobrevivido. Massato retirou a máscara e percebeu o olhar deles sobre a face oriental e sobrenatural. Estava mais pálido do que de costume. Sintomas da fome. Havia poucos mortais dispostos a pagar o tributo, os últimos deixaram sangue para somente um mês.

Tereza o admirou disfarçadamente, enquanto ele examinava seu pai. A beleza, o olhar exótico e amendoado, os olhos negros e puxados. O cabelo muito liso caía de um jeito suave sobre o ombro.

– Não disse seu nome – ela comentou.

– Massato, era assim que me chamavam.

Foi tudo que disse antes de começar a trabalhar. Arrumou dois leitos, na sala, com a ajuda de Tereza. Ela percebeu que os armários estavam cheios de remédios, vacinas, antibióticos. Todos ordenados, assim como os instrumentos de cirurgia. O gerador funcionava preservando alguns medicamentos num pequeno frízer. Ele mantinha o lugar em ordem e funcional. Sabia com exatidão onde estava tudo, desde lençóis e luvas a aventais e material cirúrgico. Thiago foi anestesiado. Teve o pé limpo e ponteadado pelas mãos habilidosas do vampiro.

Quando ela acreditou que houvesse terminado, ele se aproximou de seu pai. O examinou novamente, escutou seu coração, aferiu a pressão e o medicou com o que tinha à disposição. Aplicou no soro uma dose maciça de antibióticos. Eles retardariam as alterações causadas pelo vírus por dois ou três horas.

O vampiro olhou para o homem de quase cinquenta anos, cabelos cinzentos, e viu na sua face sinais de que a doença avançava depressa. Os olhos estavam ficando vermelhos, começava a ter sensibilidade à luz. O relaxante muscular o estava poupando de muita dor. Não queria ouvir seus gritos. Em outra situação, o estaria tratando com métodos mais eficazes, mas não diante dos dois mortais. E sem o soro, era o único modo. Estava se afastando quando o homem segurou sua mão e murmurou olhando dentro de seus olhos escuros.

– Não me deixe machucá-los, me mate antes disso, por favor... – ele pediu e, por fim, apagou sob o efeito da medicação.

Felizmente a filha não o ouviu. Estava na sala vizinha vendo pela janela os Carniceiros comerem os restos do homem que estava com eles. Secou uma lágrima e se voltou para encontrar o vampiro a observando com atenção. Massato tinha nas mãos uma mochila. Foi aos armários e pegou alguns medicamentos.

– Tem um pouco de tudo. Mas nada que possa salvar a vida de seu pai – disse, entregando-lhe a mochila de nylon.

– Por que está nos ajudando? – a jovem quis saber. Segurou a mochila, desconfiada.

– Não sou dos Clãs, tão pouco um Caçador. Não escravizo pessoas nem as vendo – ele falou com simplicidade.

– O que vai pedir em troca? – perguntou Thiago, da cama.

– Só quero o tributo. Acho justo, afinal os salvei, estou gastando meus recursos, revelando meu hospital.

– O hospital não é seu. – Thiago reclamou e se arrependeu.

– Fui eu que o recuperei. E o estou mantendo em funcionamento há dois anos. Por aqui já passaram outros e em troca me deram o tributo e seu silêncio, nada mais. O hospital me pertence agora.

Tereza olhou o pai finalmente relaxado sobre o leito, o pé de Thiago limpo e enfaixado. E não achou muito pagar o tributo.

– Você é médico? – quis saber Tereza observando-lhe a face pálida.

– Fui nesse hospital. Trabalhava no turno da noite.

– Nunca vi você – Thiago comentou desconfiado.

– Ficava no subsolo, médico legista. – explicou. Vendo a surpresa de ambos ele falou. – Vão exigir minha licença?

Eles ficaram sérios. Massato não deu muita importância, também não achou graça. Eram completamente leigos no assunto e estavam com medo, o que era natural nos dias atuais. De qualquer modo, precisava comer e procurar abrigo dentro de mais quatro horas.

– De quanto precisa?

– Era doadora de sangue?

– Sim – ela confirmou, vendo-o tirar o avental e as luvas que usou para suturar o pé do faxineiro.

– É tudo de que preciso, uma doação sua e dele – se referiu a Thiago. – A sua não pedirei hoje, mas daqui a uma semana. Thiago, se fizer isso agora, comprometerá a recuperação – explicou olhando a face pálida do faxineiro.

– Vai nos abrigar? – Tereza estava um pouco mais desconfiada.

– Sim, vou. Pode levar os remédios para seus amigos, mas não pode revelar minha existência. Eles virão me caçar e teria de matá-los – o vampiro falou com bastante tranquilidade.

– Não vou revelar nada – a mulher se limitou a dizer.

– Obrigado.

Thiago deu sua palavra e logo depois apagou sob o efeito do analgésico e do soro que o alimentava.

– Vou ao laboratório procurar o soro. Se é que ele existe.

– Vou com você – afirmou Tereza, de imediato.

– Não é boa ideia. Thiago dormiu, seu pai pode atacá-lo durante nossa ausência.

Minutos depois, Tereza andava ao lado do vampiro nos corredores semidestruídos.

– Teria sido mais piedoso acabar com o sofrimento dele em vez de amarrá-lo. Já vi isso acontecer antes e não acaba bem – o vampiro comentou, se movendo.

– Ele é tudo que me restou. Devo lutar por sua vida, sei que faria o mesmo pela minha – confessou amarga.

– Vai continuar vivendo depois que ele se for. É forte o suficiente para isso. Seja piedosa. Caso não encontremos a cura, mate-o, ou deixe que alguém o faça.

– O que você sabe sobre piedade? Alimenta-se de sangue humano. Quer se alimentar dele? – rugiu indignada, olhando-o com revolta.

– O sangue dos Carniceiros é um lixo líquido. Ninguém em sã consciência os tocaria. Quanto a beber sangue, sim, faz parte de minha natureza, assim como está na sua buscar uma saída para mantê-lo vivo. A praga se espalha rapidamente no organismo de seu pai. As dores, a fome. O corpo vai morrer, e em breve, somente uma bala no cérebro poderá detê-lo. – Não havia emoção em sua voz.

– Vamos encontrar o soro antes disso – ela afirmou, parando com o vampiro no fim do corredor.

– O soro se tornou uma lenda para manter os sobreviventes lúcidos.

Tereza ficou em silêncio e evitou olhar para ele. Ele atingira seu ponto fraco, a esperança. Tudo que queria era acordar e descobrir que vinha vivendo dentro de um pesadelo. Mas quando acordava dentro do abrigo e tinha de lutar até mesmo pelo chão que dormia, desejava morrer. O mundo civilizado desaparecera e só restara morte e violência. Era difícil encarar a realidade, a fome, as condições subumanas. Dessa vez não chorou.

O vampiro de fato considerava o hospital como seu território. Ele havia isolado três alas do prédio. As portas de ligação entre os andares estavam soldadas, o que evitava ataques surpresas. Os corredores estavam limpos, apesar das marcas de tiro nas paredes. Entretanto, as manchas de sangue ainda eram visíveis. Havia leitos prontos. Sobre as portas do elevador fechadas com cadeados e correntes foram colocadas grades de ferro resistentes.

Tereza viu Massato abrir uma das salas e entrar. Ficou se perguntando se ele vivia ali...

– Não. Eu não vivo no prédio. Venho aqui só quando necessário.

– Fique longe de meus pensamentos. – Ela apontou as armas que trazia consigo para o vampiro. Estava furiosa com a invasão.

O golpe foi rápido. Ele a desarmou e a imobilizou prendendo seu braço nas costas, provocando-lhe alguma dor. Por fim, a empurrou e esperou por um novo ataque. Tereza avançou de punhos fechados.

– Não perca seu tempo nem o meu – disse, evitando o golpe de suas mãos delicadas e enluvadas. – Tome, atire em quem realmente precisa morrer. – Ele devolveu a arma e se afastou cansado.

Foi direto para um dos armários e o abriu. Só então Tereza percebeu as caixas de suprimento. Havia comida em lata, água, roupas guardadas, remédios, armas, munição. Munição suficiente para começar uma guerra. Ela viu os rádios comunicadores, caixas de granadas, rifles, coletes à prova de bala, óculos com visão em infravermelho. Tereza viu algumas barras de cereais e desejou comer uma.

– Pegue o que quiser – ele falou.

Ela se abaixou e pegou algumas, colocou no bolso. Estava faminta. Rasgou a embalagem e devorou a barra de cereais e frutas secas sem educação alguma. Saboreava cada pedaço com alegria, era tão raro achar algo limpo e doce para comer.

– Me alimentei por dois dias – comentou numa brincadeira amarga.

– Quando quiser partir, poderá levar comida. Acho que isso compra sua volta ao abrigo. Tenho certeza que eles não a rejeitariam se chegasse com algo a oferecer.

– Como sabe que fui expulsa?

– É o que se espera de um líder. Ele não podia arriscar os outros mantendo seu pai infectado dentro do abrigo. Eu os vi chegando.

– Vou mandar os suprimentos por Thiago, mas não vou voltar. Eles foram muito ingratos. O abrigo era meu e do meu pai, eles chegaram e nós os acolhemos... – se limitou a dizer, por fim ficou calada. – Sou humana demais para sobreviver no caos – revelou ressentida.

A sua frase tocou Massato. Ele tinha dito algo parecido ao ver as cinzas de Alex naquela noite. Tereza recebeu duas pistolas e aprendeu a usá-las, seguindo as explicações precisas de Massato. Armados e com munição, seguiram rumo ao elevador. Ele abriu o cadeado, a grade e as portas. O elevador não estava como Tereza esperava. No seu lugar, uma escada de ferro chumbada na parede levava para os andares de cima e de baixo.

– Você fez tudo isso?

– Tenho muito tempo livre – ele comentou, fechando o portão, enquanto Tereza se agarrava à escada.

– Onde isso vai dar?

– No subsolo, e no laboratório usado pelos militares quando a praga se espalhou. O som dos tiros e da explosão deve ter atraído alguns deles. Apenas lacrei o laboratório. Não esperava voltar por lá. O estacionamento está aberto, vamos precisar de tempo para abri a porta, mas com eles por lá fica difícil. Então esteja pronta, atire na cabeça. Vou à frente para ver o que temos que enfrentar.

Massato saltou em queda livre e Tereza se assustou ao vê-lo sumir dentro do fosso do elevador. Desceu os degraus com cuidado e, quando estava na metade do caminho, ouviu tiros. Desceu mais depressa até chegar ao primeiro andar. Foi quando eles apareceram, Carniceiros. Eles gritaram ao vê-la, o hálito pútrido, as faces enlouquecidas. Depois de três disparos, viu Massato escalando a parede com as mãos nuas. Vinha em sua direção.

Ele estendeu à mão, Tereza aceitou, se viu enlaçada por ele, presa junto ao corpo forte.

– O que está fazendo?

– Pegando um caminho diferente. O estacionamento está cheio deles, bem mais do que esperava. Precisamos agir depressa, as grades vão ceder se eles continuarem se acumulando por lá. O hospital vai ser invadido e ficaremos cercados.

Com um único salto, Massato a levou para um andar acima do laboratório. Assim que saíram do fosso, ele a soltou. Estava bem mais pálido que antes sob a luz do corredor. O andar ainda estava limpo graças às soldas das portas de ligação. Ele entrou em uma sala, foi direto para um velho armário de metal e o abriu. Havia dois macacões metálicos antichamas e o equipamento de lança-chamas.

– O que pretende fazer? – perguntou Tereza, assustada.

– Dedetização – disse vestindo um macacão de proteção e jogando o outro para ela. – Vista depressa.

– O que faremos?

– Vou queimá-los, empurrá-los para fora, enquanto você desce as grades de ferro do estacionamento.

Acha que consegue?

Tereza sentiu medo, mas balançou a cabeça de modo afirmativo. Nunca havia escolha. Era sempre morrer ou morrer. Massato lhe explicou o que fazer. Ela respirou fundo e o seguiu. Dessa vez não foram pelo poço do elevador, seguiram pelas escadas que os levaria para o estacionamento. Quando a porta abriu, o corredor estava iluminado pelas luzes de emergência. Nos dois primeiros lances não havia sinal dos Carniceiros, mas o cheiro deles estava no ar. Podia sentir mesmo com o rosto coberto pela máscara que acompanhava o macacão prateado. Assim que se aproximaram, começaram a ouvir seus ruídos nas escadas. Avisada por Massato e com o medo gelando seu sangue Tereza não desperdiçou balas. Era uma atiradora rápida e fria. À medida que desciam, deixavam uma trilha de corpos atrás de si. Tereza recarregou as armas enquanto seguiam seu caminho. O lança-chamas estava aceso e pronto.

Na porta havia cinco deles. Tereza pegou os três primeiro na bala, Massato empurrou os outros dois com uma barra de ferro após atear fogo sobre seus corpos. Os Carniceiros gritavam, o fogo os consumia. Alguns deles jogaram pedras e pedaços de ferro sobre ele. Assim que saíram para o estacionamento, o

vampiro teve o cuidado de mantê-los à sua frente. Tereza, ao seu lado, disparava impiedosa.

Aproximaram-se da cabine de onde o motor era controlado. Ela afastou a carcaça corroída do que fora um corpo e acionou o painel. Nenhum sinal estava danificado. Olhou o portão entreaberto e só então viu a barra de ferro que prendia a engrenagem e o impedia de descer livremente.

Só precisava retirar a barra de ferro e deixá-lo correr. Foi em direção ao portão e planejou como alcançar o obstáculo. Livrou-se do macacão antichamas e se agarrou no portão numa escalada rumo à barra de ferro.

– Não temos muito tempo, depressa! – o vampiro pediu detrás de uma barreira de corpos em chamas, sentindo o sangue escorrer por sua testa.

– Vamos! Desça – gritou Tereza, puxando a barra de ferro assim que a alcançou.

O peso de seu corpo fez a grade desenrolar-se vagarosamente, não era pesada o bastante. Saltou para o piso e começou a puxá-lo com toda a força que tinha.

– Pronto! Eu consegui! – ela gritou quando o pesado portão chegou ao chão.

Massato ainda banhava os Carniceiros com fogo e empurrava os que tentavam se aproximar. A fumaça da carne queimando era sufocante. Tereza colocou a máscara do macacão e tentou se manter viva. Carniceiros se jogavam tentando atravessar a barreira de fogo criada por Massato. Um deles avançou sobre a jovem mulher, que estourou seus miolos evitando que ele a tocasse.

No portão, um grupo de Carniceiros se agarrava às grades de ferro. Eles o empurravam aos berros. Jamais conseguiriam atravessá-lo. Só então ela percebeu Massato cercado. Pegou o último pente de balas e carregou. Andava e disparava espalhando pedaços de crânio e miolos pelo chão. Derrubou todos ao seu alcance. Um deles tinha um porrete não mãos. O golpe forte atingiu o lança-chamas e derrubou o vampiro. As chamas o engoliram. Ele rolou no chão, afastando-se, e o fogo se extinguiu.

– Não!

Tereza podia sentir o medo, o coração acelerado. Os Carniceiros tentando tocar o vampiro ainda protegido pelo macacão metálico. Ela disparou e os afastou. Ergueu o vampiro e viu os últimos deles os cercando. Eram oito, dez, mais? Não sabia, o suor molhava seus cabelos e face dentro da máscara.

Ela puxou Massato e o apoiou no ombro.

– Tem força para nos levar escada à cima? – berrou aflita com seu peso. Não conseguiria carregá-lo caso precisasse.

– Sim... – ele respondeu.

– Ótimo, faça agora – disse ela, e atirou no cilindro do lança chamas.

Quando o vampiro a puxou, tudo ficou lento. Viu os Carniceiros avançando e subitamente sendo empurrados pelo deslocamento do ar e estilhaços. No segundo vão da escada, o vampiro cobriu o corpo de Tereza com o seu, protegendo-a de uma chuva de pedaços de concreto e fogo.

O silêncio se fez. Eles estavam vivos. Voltaram ao estacionamento repleto de corpos retorcidos e ainda queimando e chegaram à porta que os levaria para o laboratório. As escadas estavam limpas. Massato andava devagar. Por um momento tocou o ombro, os dedos ficaram sujos de sangue.

– Você está bem?

– Vou ficar.

Ele despencou no chão como um boneco sem vida. Tereza o virou e viu o sangue molhar suas mãos. Havia cortes no macacão metálico. Os Carniceiros o tinham atingido várias vezes, não com os dentes ou unhas, mas com suas armas improvisadas. Ela o levou para a primeira sala que encontrou aberta e tirou o macacão de Massato. A pele pálida agora estava espectral, os olhos pareciam enormes de dor e fome.

Segurava o próprio corpo tentando não tremer. Havia um pedaço de ferro cravado em seu peito. Tereza o puxou com tudo e viu o vampiro exibir os caninos alvos. Os olhos dele estavam muito dilatados. Pelo que conhecia da natureza deles, em pouco tempo entraria em colapso. Enlouqueceria ou simplesmente cairia em coma profundo.

– Eu... Quero pagar o tributo – anunciou, tirando a jaqueta para deixar a camiseta preta visível.

– Precisamos de uma testemunha, de uma faca e um recipiente para o sangue. Aqui não temos nada disso...

– Se entrar em colapso meu pai morre – ela esclareceu o motivo de sua bondade. – Além disso, você se arriscou por nós.

– Não posso me dar ao luxo de jogar comida fora – afirmou, a olhando com frieza. Não queria engolir sua bondade.

– Os motivos não importam, vou pagar agora – disse e então se aproximou dele.

– No estado em que estou posso não conseguir parar. Pensou nisso? – murmurou verdadeiro.

– Acho que consegue.

Nos olhos escuros havia um brilho assassino. A fome tinha chegado ao limite. Sentado na cadeira, ele viu Tereza desceu as alças da camiseta, expondo sua pele pálida. Podia ver as gotas de suor, sentir o cheiro da carne. O coração batia furioso, assustado. O sutiã era simples, mas o encantou. Mulheres eram coisas raras, e as bonitas como Tereza, bem mais.

– Estamos fazendo tudo errado. O tributo exige preparação e distância do doador...

– Não há como cumprir leis e regras dentro do caos. Quanto à mordida, não quero que vejam marcas. Não seria mais aceita nos abrigos – disse sincera e tocou a alça sutiã.

Era verdade, quem pagava tributo não poderia ter marcas de mordidas. Quando a praga se espalhou, um grupo de vampiro composto pelos mais antigos da espécie foi a público revelar sua existência. Eles ofereceram seus conhecimentos na busca da cura. Logo as cidades ficaram sitiadas, os sobreviventes foram levados para abrigos onde viviam protegidos dos Carniceiros. Os vampiros se tornaram protetores dos mortais. Foi criada uma nova lei dentro do que eles chamaram de Sociedade Sombria. E o tributo foi criado com ela. Os vampiros precisavam de sangue e os sobreviventes de proteção. Para isso, bastava uma testemunha, uma faca e um recipiente para o sangue.

Todavia, o número de Carniceiros dobrou, e alguns vampiros não se contentaram em receber apenas o tributo. Os Clãs se dividiram, entraram em guerra, e a Sociedade Sombria se desfez.

Ou se tornou ainda mais sombria. Estar diante de um de seus membros era raro. Poucos deles haviam sobrado depois da guerra entre os Clãs.

A fome e o desejo se confundiam na mente de Massato, o coração batia acelerado. Ele puxou Tereza contra si, e ela tremeu involuntariamente. A textura dos lábios entreabertos hipnotizava Massato, que só conseguia pensar como seria sugar sua língua morna.

O vampiro lambeu o suor dela. O cheiro de fêmea era delicioso e doce, o corpo sob as roupas masculinas deveria ser liso e firme. Desejou despir suas roupas e tocá-la entre as pernas macias. Ele a fez se sentar em seu colo. Desajeitada, Tereza segurou o ombro firme sob a malha negra, tentando manter certa distância e impedir que o seio roçasse outra vez no seu ombro. Baixou a vista e tentou respirar calmamente, mas estava quase sem ar, o medo a dominava. Mordeu os lábios, fechou os olhos. O vampiro expôs o seio empurrando o sutiã com os dedos. A pele respondeu num arrepio. O bico intumescido era uma afronta à sua vergonha. Os lábios frios do vampiro abocanharam a carne macia. Ela o empurrou, Massato a segurou com suavidade vendo-a lutar arfante. Por fim, murmurou junto ao seu ouvido, usando

todo seu poder sobre ela:

– Serei cuidadoso.

Tereza parou de lutar. Assentiu, balançando a cabeça. A língua do vampiro deslizou sobre a maciez da carne, primeiro beijando, depois sugando. Tereza fechou os olhos e amoleceu, o braço relaxou. Ondas de prazer varriam o corpo da jovem, diminuindo o medo e aumentando a expectativa. Mergulhada em deleite, fechou os olhos languida, o corpo sendo inundado por sensações de prazer. Só despertou ao sentir a mordida. Ela gemeu devido a uma dor real. A força do vampiro a aterrorizou, mesmo fraco pela fome, não deixava brecha para que recuasse.

– Não...

O sangue fluía de um corpo para o outro. Ele sugou com violência e, por fim, com suavidade. Tereza estava longe, só sentia lassidão... Estavam ligados, ondas de prazer percorriam a ambos. A boca se afastou ainda úmida de sangue. Estava viva, tonta e consciente. Massato a segurava temendo que caísse. Ele havia lambido a mordida para que cicatrizasse rápido. Cuidadoso, ergueu o sutiã para cobrir o seio ferido. O calor de seu corpo era um milagre depois de tanto tempo sozinho. Seus cabelos eram tão sedosos... Tocou sua face delicada com os dedos. Apoiada no peito forte, a jovem recobrou-se lentamente. Quando conseguiu ficar de pé, se afastou e se segurou na mesa.

O vampiro se levantou e a circulo com os braços. Ainda estava tonta, deveria estar se alimentando muito pouco. Ele mordeu o dedo e fez o sangue imortal verter passou sobre seus lábios. Ela reagiu, virando o rosto, receosa.

– Beba, se sentirá melhor.

Tereza deslizou a língua sobre o sangue e sugou seu dedo. Foi pouco, mas o suficiente para que a fraqueza sumisse. Ela sentiu uma onda elétrica percorrer o corpo. Vozes sussurraram em seus ouvidos. O coração acelerou e logo se sentia extremamente bem consigo mesma. Sorriu, algo difícil de ver nos últimos anos. Massato admirou a influência do seu sangue sobre a mortal e se fechou novamente.

– Vamos, o laboratório, fica no fim do corredor – anunciou, verificando suas armas.

Quando a praga se alastrou, os hospitais transformaram os laboratórios em centros de pesquisa. Os infectados eram isolados e contidos enquanto os médicos buscavam respostas. Com os constantes fracassos e o aumento dos infectados foi declarada Lei Marcial. Os infectados eram exterminados imediatamente. O exército cercou o hospital e as pesquisas continuaram. A cura só era possível a partir do sangue dos vampiros.

– Por que as portas foram soldadas?

– Um dos infectados se soltou. Em seis horas tudo saiu do controle – falou, lembrando-se dos tiros das pessoas sendo mortas no corredor. – Thiago contou a verdade, houve uma amostra. Mas antes que pudesse ser usada foi roubada. Os soldados vieram, soldaram as portas e mataram os infectados. A amostra promissora desapareceu. Foi Thiago quem a roubou e soltou as cobaias. Além de mim e do ladrão, ninguém mais sobreviveu.

O laboratório estava vazio. Pelo chão, restos de seringas e matérias médicos. O freezer estava vazio, o balcão de testes destruído.

– Tome – disse o vampiro.

Tereza sentiu o pequeno frasco na mão e o fitou.

– É o soro, ele pode salvar seu pai.

– Você disse que ele era uma ilusão. Trabalhou na pesquisa? – perguntou Tereza, olhando o frasco com um líquido rosado e denso com desconfiança.

– Foi com meu sangue que o desenvolveram – revelou, observando Tereza apertar a amostra entre os dedos. – Quando ficou pronto, exigi uma amostra. Ele neutraliza a praga. Seu pai mudará, o dia poderá lhe causar queimaduras, seus sentidos ficarão mais aguçados, talvez fique mais forte. Mas ainda será humano.

– Por que roubar o soro e não usá-lo? – disse Tereza, sentindo-se traída em nome da humanidade.

– Dinheiro, poder. Pelo que vi em sua mente, foi enganado e deixado para trás por seus “clientes”. O mundo é um covil de feras. Você vive dentro de uma sociedade sombria. Thiago e seu grupo usaram você e seu pai de isca. Logo eles estarão aqui.

– O que vai fazer? – perguntou aflita.

– Defender meu território.

– Vai matá-los...?

– Todos.

Tereza puxou a arma e apontou para o vampiro. Ela tremia e lamentava. Ele sorriu nada surpreso e deixou-se ficar na mira. Simplesmente esperou, fitando-a com sensualidade e coragem.

– É a escolha de sua vida Tereza. Precisa optar entre sua espécie e a minha – murmurou.

– Por que só agora me deu o soro? – quis saber pondo o frasco no bolso.

– Precisava ter certeza de que não fazia parte do plano.

– Então por que viemos aqui?

– É o único lugar seguro para você.

Massato a desarmou como da primeira vez e a empurrou para dentro de uma das salas feitas de vidro e metal. A porta só era aberta por fora. Tereza passou a esmurrar a porta e por fim chutá-la. O vampiro a olhava nem um pouco surpreso. Ele tocou o vidro como se quisesse lhe dizer algo. Tereza se aproximou e colocou sua mão no mesmo lugar que a dele.

– Além disso, precisava limpar o estacionamento, sua ajuda foi única. Vou cuidar de seu pai. – dizendo isso, lhe mostrou o frasco com o soro. Havia roubado de seu bolso.

– Massato, solte-me! Deixe-me ir com você. Não precisa matá-los, podemos falar com eles.

Só quando as palavras saltaram de sua boca, percebeu o quanto eram tolas. O grupo de onde fora expulsa jamais os escutaria. No entanto, o vampiro já havia desaparecido. Tereza sentou sobre um dos balcões e esperou por quase uma hora. Ela ouviu som de tiros e gritos ao longe, até mesmo uma explosão que fez as luzes se apagarem, o gerador falhou. A porta do laboratório se abriu dentro da escuridão. Tereza saiu da sala e correu para fora. Pegou sua mochila com as armas e seguiu em frente.

Pelos corredores, havia fumaça e destroços. Uma das paredes tinha sido destruída sob a força de uma granada. Havia corpos pelo chão, alguns com marca de bala e outros com marcas de mordidas. Ela sentiu um aperto no peito e correu. Quando chegou à enfermaria onde estava seu pai, viu o corpo de Thiago retorcido. Massato o havia mordido repetidas vezes e sugado todo seu sangue. Era bem pouco diante de seu crime.

Na outra sala viu seu pai, aparentemente recuperado estava junto à porta tentando abri-la. Tereza o libertou e abraçou sem medo e recebeu sua retribuição. Ele estava bem.

– Ele deixou isso para você – disse Felix, passando um envelope à filha.

Dentro dele uma chave e uma mensagem:

Seu pai está curado. Meus inimigos, mortos. Há na garagem um veículo reforçado. Não é blindado, mas deve aguentar por um tempo. Nele coloquei suprimentos para você e seu pai, caso deseje partir. Contudo se quiser ficar, prometo protegê-los. Para alguns mortais, a Sociedade Sombria foi extinta.

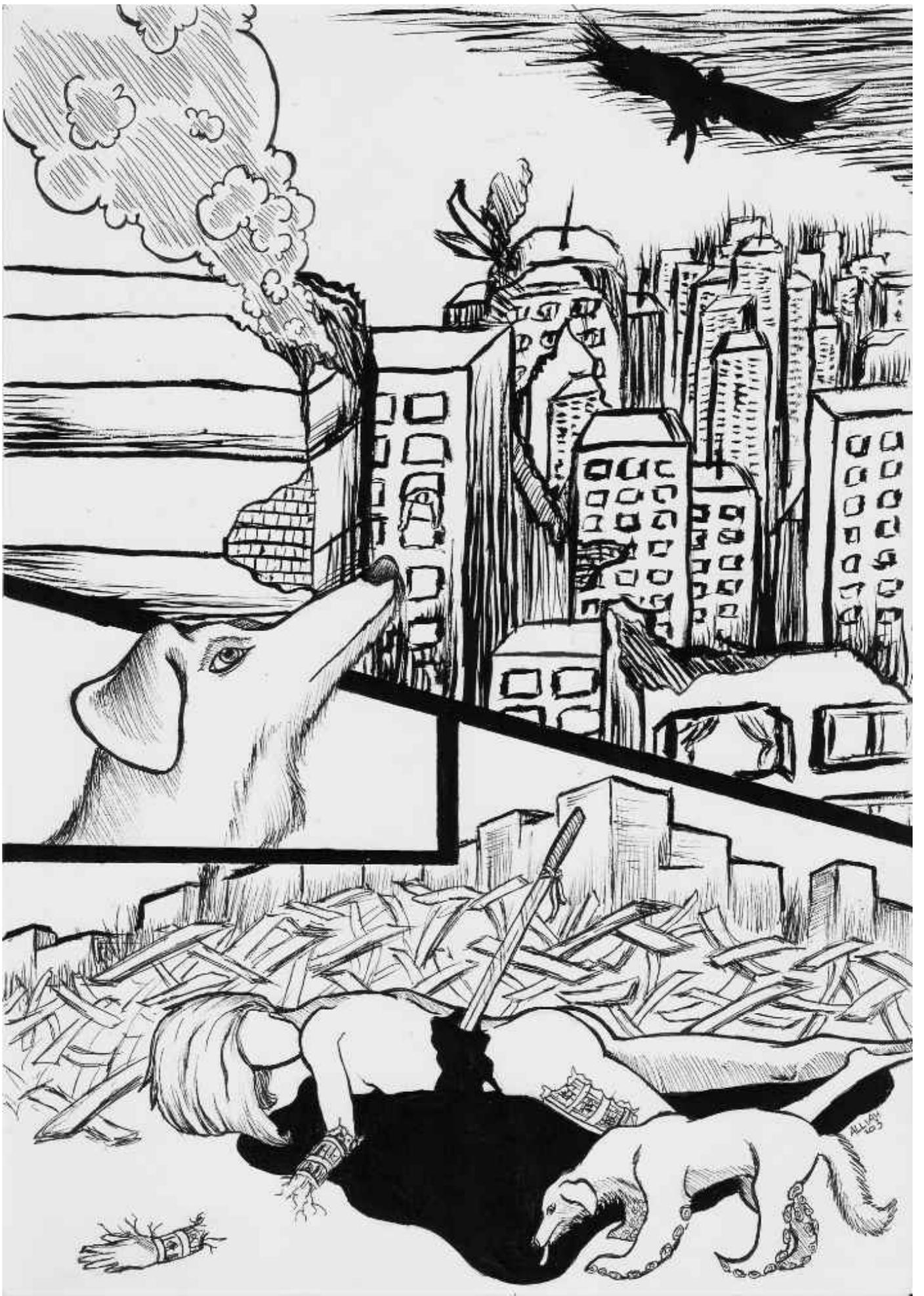
Mas nós dois sabemos que ela ainda existe. Ao anoitecer estarei de volta e saberei que caminho escolheu.

Massato.

Tereza guardou a carta em silêncio. Felix observava a filha, esperando uma atitude. Ele havia lido a mensagem, mas nada falou, não queria influenciar sua decisão. Sentia-se revigorado, tinha forças para lutar. A praga fora vencida em seu sangue.

Quando a manhã chegou, o sol iluminou a sala através da janela de vidro. Tereza deixou que ele tocasse sua pele e a cobrisse de luz. Os Carniceiros haviam desaparecido, as ruas estavam desertas e silenciosas.

A sensação era de recomeço, olhou as chaves na mão. Havia uma nova chance. Todavia, ela chegaria com o anoitecer e o reinado da Sociedade Sombria, da qual ela agora fazia parte.



ALLAN 1963

Maioridade – Diogo de Souza

Raio saltou por entre escombros, rolou pelo chão e se escondeu atrás de um pilar. Limpou o pó do visor da máscara a tempo de ver uma massa de ferros, placas e ferragens atingir o local onde estivera. Abraçou as pernas com tanta força que os joelhos doeram. O corte na barriga forçou um gemido, e ele mordeu os lábios para conter a dor. Virou o rosto em busca de seus companheiros. Rocha ainda corria, Lago se escondia atrás de outro pilar. De relance, viu Tigre subir por uma escada. Praia e Lua não estavam à vista. A coisa, uma máquina cônica cheia de braços e lâminas, flutuando no meio da rua, virava seu corpo na direção deles. Um de seus braços ergueu outro grupo de escombros: desta vez um bloco de concreto maior do que Raio. Parecia esperar que o primeiro deles aparecesse.– Corre, corre – alguém falou ao longe. Raio olhou de relance naquela direção. A máquina flutuante virou em sua direção, mas logo lhe deu as costas. Do outro lado da rua, Praia e Lua corriam entre as construções.– Não – Tigre gritou de um andar acima – foge. Foge. O bloco voou em arco com um som grave. Vushhhh! O impacto atingiu Lua no tronco: seus braços foram jogados um para cada lado, e o corpo explodiu como uma bexiga de sangue. Raio tremeu, arrastou-se pelo chão e correu. Os berros de Praia o acompanharam. – Não! Lua! Lua! Nã... Um som gosmento a interrompeu. Raio achou que ainda ouviu Praia gemer, mas já corria longe demais. Atravessou ruas e ruelas, entrou e saiu de prédios e construções até que seu peito estourasse de dor. A visão turvou quando parou para tomar fôlego. Ajoelhou-se no chão, apoiando-se com as mãos. A máscara não lhe deixava respirar ar suficiente, e a cada arfada, ele se via mais e mais cansado.

Suas mãos procuraram pelas travas da máscara, mas conseguiu se controlar no último instante. Se respirasse o ar sem filtros, morreria. A máscara era sua vida.

Arrastou-se até um beco. Fechou a boca, controlou a respiração. Procurou ouvir o que acontecia.

Só o seu coração ressoava. Concentrou-se nas vozes de Rocha, Lago, Tigre... mas só havia silêncio.

Não tinha como continuar, e não podia voltar.

Então é isso que acontece... É isso que acontece com os que saem e não voltam mais... Aquela coisa voadora os mata.

Lua morreu na sua frente. A máquina o matou, e mataria todos eles. Raio se encolheu no chão. Sentiu a respiração falhar, um soluço lhe escalou a garganta.

Ele morreria... Ali fora, sozinho...

Conhecia as regras. Quem saísse e fosse ferido não podia mais voltar. Todos contam que uma vez deixaram uma pessoa machucada voltar, mas ela veio doente, e morreu logo depois. Comida desperdiçada, água desperdiçada. Lembrou-se de Vento, que saiu uma vez, se feriu, e ninguém o deixou entrar. Vento bateu na porta do elevador por vários dias, gritou o nome de Estrela, sua mãe... Mesmo depois que Vento parou de bater, Raio se lembrava dele quando ia dormir. Estrela chorou por muito tempo, e sempre que Raio a via, se recordava dos gritos de Vento. Agora, a mesma coisa aconteceria com

ele...

Sua capa laranja rompida na altura do umbigo era a sentença de que morreria na superfície. Um corte pequeno, um pouco de sangue, e ele estava banido. Todos os outros também. Lago foi atingido na perna, Tigre tinha um corte nas costas...

A coisa estivera esperando por eles. Eles mal saíram do elevador, não andaram dois quarteirões e foram atacados.

Raio se revirou, sentiu alguma coisa redonda no chão. Limpou o pó para ver o que era.

Um crânio, e a seu lado, outros esqueletos inteiros. O crânio era de um grande esqueleto que parecia abraçar outro pequeno.

Levantou-se. Teve de se apoiar na parede. O ferimento da barriga queimava por dentro.

Não sobreviveria se ficasse ali. Não sobreviveria se ficasse em lugar algum, mas poderia pelo menos procurar ajuda.

Muito longe na rua, alguém correu de um lado para o outro. A máquina voadora o perseguiu logo atrás. Era Rocha, ou Tigre. Raio se agachou atrás dos primeiros pedregulhos que viu. Tudo se tornou silêncio de novo.

Eles continuavam vivos. Raio podia ajudá-los, podia pegar a coisa pelas costas.

Podia morrer como Lua.

Também podia fugir. Quem sabe, se ele corresse muito, despistasse a coisa, quem sabe houvesse outro abrigo. Afinal, se o deles era o abrigo 17, deveria haver um 16, um 18...

Quem sabe água caísse do céu e as plantas crescessem de novo... Não, Raio estava morto, como Montanha, Águia e Nuvem, que no ano passado saíram e não voltaram mais...

Não havia o que fazer, e por isso mesmo Raio ficou parado. Olhou para o fim da rua, para o vento carregando o pó amarronzado que cobria a cidade. Fechou os olhos e viu Lua, seu sangue espalhado por todo o lado. Não conseguiu se mexer.

– Raio, Raaioo, Raaaiooooo!

Raio não terminou de se virar e alguém o agarrou pelo ombro. Rocha o puxou rua afora, arrastando-o com ele. Raio tropeçou duas vezes antes de se equilibrar.

Atrás, o barulho que não parava: Uóónn uóónn uóónn... Raio não arriscou nem uma olhadela. De repente, a coisa chegava cada vez mais perto. Bem, bem perto.

Entraram embaixo de um prédio que não tinha nem mais paredes. Correram por entre um labirinto de pilares e se separaram. O som oscilante que a coisa soltava ficou mais baixo. Raio apoiou-se em uma coluna para respirar: seu peito queimava de novo, e o corte na barriga o forçava a se curvar. Um vulto muito à frente lhe chamou a atenção. Rocha. E a coisa logo atrás dele, flutuando com braços afiados de metal.

Raio viu uma escada ao seu lado e subiu-a dois degraus por vez. Ouviu Rocha tropeçar, e o som do impacto de metal em concreto. Raio subiu mais um andar antes de parar. Arfava, e a visão começava a turvar de novo. Cambaleou até se apoiar em uma parede.

Rocha gritou.

Raio foi até a beirada do andar. Rocha, bem abaixo dele, se arrastava no chão deixando um rastro de sangue. A coisa voava por cima dele, erguendo os braços. Raio abriu a boca, se agachou e tentou gritar, mas nenhum som saiu. A coisa desceu seus braços sobre Rocha e começou a rasgar sua manta, sua carne, seus ossos.

Raio virou o rosto, sentindo que iria vomitar. A mão se fechou sobre algo metálico. Uma vara de ferro

ou aço, maior do que ele.

Se ele desmaiasse, morreria. Se fraquejasse, morreria. Se não fizesse nada, morreria. Levantou-se. Gritou de dor. Segurou a haste de metal.

Lá embaixo, a coisa ainda picotava Rocha. Raio ergueu a barra que segurava. Suas mãos apertavam tanto o metal que doíam junto com o peito e a barriga.

Saltou. O vento fez sua manta tremular como se fosse uma bandeira de ouro. Bateu de lado nas costas da máquina, rolou chão abaixo. Viu o mundo girar e sentiu o pé direito torcendo. Urrou de dor. Com a força que tinha, se arrastou. Para qualquer lugar, para longe dali. Não conseguia se levantar, tudo era agonia.

Virou-se para cima. Tentou erguer a cabeça para ver o que acontecera com Rocha e a coisa. Mesmo esse movimento lhe lançou pontadas de dor pelo corpo.

A coisa olhava para ele, caída no chão, com a haste atravessada por seu corpo. Faíscas e chiados saíam dela e um de seus braços convulsionava. Ela pareceu tentar se erguer, uma vez, duas, e depois caiu, inerte.

Morta. Raio a matou. Como ela fez com Rocha e os outros. Como ele morreria em poucos dias.

Fechou os olhos e deixou que a agonia fosse seu entorpecente. Agradeceu a visão que turvava, as pernas e braços que mal conseguia mexer, ao cansaço e ao sono que o levaram dali.

Tremia de frio quando acordou. Um sabor ácido subiu por sua garganta e ele segurou o vômito. As mãos tremiam, e quando se sentou, teve de esperar a tontura passar. Na escuridão da noite, os prédios e ruas ficavam pintados de uma cor pálida.

O cheiro de sangue o fez se levantar. Não conseguiu pisar com força com o pé esquerdo.

Rocha continuava a seu lado, despedaçado. Uma poça escura havia se formado embaixo de seu corpo. Raio recuou e saiu dali.

Caminhou pela cidade, entrou nas ruas sem saber para onde ia.

A cada passo, parecia ainda ouvir no vento o grito dos seus amigos, ou no som de seus passos, o eco da máquina o perseguindo. Várias vezes ele se escondeu, quando achou que algo se mexia ao longe, mas nada mais apareceu. O mundo, assim como ele, estava morto.

Viu ao longe a antena do abrigo 17, e imaginou se eles realmente não o deixariam voltar... Se ele ficaria berrando, batendo na porta até morrer, ou se entraria e teria de explicar o que aconteceu com os outros, como eles foram cortados e desmembrados.

Talvez fosse melhor ficar de fora. Morrer, para não ter de encarar a mãe de Rocha.

Caminhou enquanto suas pernas tiveram forças, e enquanto aguentou a dor na barriga. Deitou no chão, levantando uma nuvem de poeira. Um grande disco branco pairava no céu. Ao redor, incontáveis pontos transformando o alto em um tapete de cacos e luzes sem fim. Outros já lhe haviam falado sobre a noite e as estrelas, mas ele mesmo nunca a tinha visto.

Estendeu a mão para cima, e por entre as memórias da agonia de Lua e Rocha, lembrou-se também de como cravou a barra de metal naquela máquina. Desejou voltar ao abrigo apenas por esse motivo: para poder contar que matou a coisa que matou seus amigos. Em vez disso, tinha apenas as estrelas.

O céu começou a clarear, e por um instante, também assumiu a cor do sangue. O dia ficou muito quente, muito rápido, e trouxe também uma secura à garganta de Raio.

Uma secura que só ia piorar. Sua fome só aumentaria, sua sede se tornaria insuportável, ele ficaria cada vez mais fraco. Uma hora ou outra, desmaiaria e não acordaria mais. E isso seria o melhor jeito de

morrer, porque se encontrasse comida e bebida, mesmo assim o enjoo não passaria. Ele começaria a tossir sangue, sentiria dores em todo o corpo e em dias também morreria.

Raio sentou-se na rua, levou as mãos à cabeça. Gritou por trás da máscara de sua manta. Gritou o mais alto que conseguiu, como nunca pôde fazer no abrigo.

Naquele dia encontrou uma casa quase inteira. Um dos quartos tinha uma cama com colchão, e era arejado a ponto de ser fresco. Deitou-se e tentou cochilar. Um minuto depois não queria mais se levantar dali: sentia-se abraçado pela espuma, e mesmo através da manta, o ar parecia mais limpo.

Cada vez que fechava os olhos via Chuva, sua mãe, que sorria triste, e lhe dizia mais uma vez que não haveria problema nenhum, que ele iria sair do abrigo, pegar os caixotes de comida, e voltar são e salvo.

Sua mãe deveria estar chorando até agora. Talvez chamasse por ele no quarto da sua família. Raio pensou mais uma vez em voltar até o abrigo, bater na porta, só para falar para Chuva que ele ainda vivia, continuava bem...

Mas ele não estava bem. Era um condenado e não poderia voltar. Se Chuva o ouvisse de novo, ficaria mais triste ainda...

Dias se passaram e a sede se tornou uma tortura constante. A fome ia e vinha em períodos, e sempre voltava pior, mas a sede nunca saía de sua garganta. Raio pensava em Rocha, Praia, Lua, Tigre... Imaginou que se seus amigos estivessem mortos à sua frente, seria capaz de beber seu sangue para se saciar. Voltou ao local onde confrontaram a coisa, mas não achou nada: nem corpos, nem coisa. Até as manchas de sangue foram cobertas pelo pó, e Raio teve dificuldade de encontrá-las.

Uma manhã, andava tão devagar que cambaleou e desmaiou. Acordou à tarde, tossindo sem parar e com calafrios por todo o corpo. Achou que eram seus últimos momentos. Procurou um prédio que estivesse de pé e subiu as escadas até o teto. Ficou sentado. Cada hora que passava ele ficava mais fraco. Reclinou-se e assistiu ao pôr-do-sol. Seu fim chegaria logo. Talvez ele não acordasse de novo, e queria pelo menos ver a noite uma vez mais.

Raio despertou devagar. Virou o corpo e foi acariciado por um tecido grosso. A claridade surgiu lentamente e achou que estava de volta ao abrigo, com sua mãe, seu pai e irmãos.

Mas não havia barulho: ninguém chorava, gritava ou ria, e isso o despertou mais rápido do que a fome ou a sede.

Tudo era branco. O quarto, a cama, as cobertas e as roupas que usava: uma espécie de camisola presa por um cinto bege. A luz entrava por uma janela, mas um vidro a tampava e impedia que o pó passasse.

Raio se sentou e viu ao lado, sob uma cadeira, um tecido grosso e claro. Reconheceu a máscara que usara, mas demorou a identificar sua manta: limpa, toda de uma cor só, um amarelo novo para ele.

A manta o lembrou de seu machucado. Passou a mão na barriga e não sentiu dor. Levantou a roupa para ver o ferimento, mas não encontrou nem mesmo cicatriz.

Sequer se reconhecia. As unhas estavam claras, as mãos não tinham manchas de óleo ou fuligem. Era como alguém o tivesse esfregado por dois dias seguidos com uma bucha, e de repente percebeu que sua pele não era tão escura quanto pensava. Sem a fuligem e o pó, achou que parecia um fantasma.

Caminhou até uma porta sem maçaneta que deslizou para o lado quando Raio a tocou. A sala que surgiu fez com que se esquecesse de fechar a boca.

Era imensa! Pelo menos quatro ou cinco famílias poderiam dormir nela. Havia outras portas como aquela, com luz vindo de frestas nas paredes. Raio mal percebeu o resto quando pousou os olhos na mesa ao centro. Sobrepratos e bandejas, uma refeição que ocupava toda a sua extensão esperava por ele.

Saladas de alface, tomate, rúcula e cenoura, pães quentes, doces e salgados, vários tipos de queijo, manteigas e patês. Sucos de todas as frutas que ele conhecia, e alguns mais. Encontrou uma comida estranha, queimada por fora e branca por dentro, e que desmanchava na boca.

Empurrou goela abaixo todo o alimento que conseguiu. Nunca em sua vida comeu tanto.

Reclinou-se na cadeira, e só aí percebeu que ela era estofada com alguma coisa felpuda.

Todas as portas em que tocava se abriam, e Raio logo andava por caminhos e salas muito parecidos.

Virou em um corredor que tinha um dos lados todo envidraçado. Além dele, troncos marrom-esverdeados que se ramificavam de forma irregular e terminavam em finas folhas verdes que Raio não conseguia contar. O chão estava bem abaixo de sua altura, e era terra escura, recoberta de pedaços de coisas coloridas. Ao longe, em uma parte ainda mais baixa, a água corria e molhava a terra. Uma quantidade tão grande que todo mundo no abrigo poderia bebê-la até o fim da vida e ainda sobraria.

Raio olhou para cada pedaço de folha, tronco, galho, arbusto, flor e pétala. Uma floresta: ele olhava para uma floresta de verdade. Não era como as imagens dos livros do abrigo. Ela era real e estava na sua frente.

– Bonito, não é?

Raio virou-se de súbito em direção à voz. Diante de si, um homem um pouco mais alto que ele o encarava. Usava uma túnica também branca, só que com mais camadas por baixo, de outras cores claras. As mãos se entrelaçavam, e seus olhos miravam Raio por debaixo de sobancelhas também brancas. Era completamente grisalho, como ninguém no abrigo chegou a ser em muito tempo.

O homem sorriu de leve.

– Como você está?

Raio tentou balbuciar algumas respostas, mas só conseguiu se afastar um passo. Procurou por algo que pudesse usar como arma, mas o corredor não tinha nada. Antes que percebesse, cerrou os punhos.

O homem o olhava sem sair do lugar.

– A propósito, meu nome é Ílux. Qual o seu?

Raio não conseguiu tirar os olhos daquele sujeito. Cerrou os olhos e forçou a resposta a sair entre um grunhido desconfiado.

– Ra... Raio.

Ílux assentiu com a cabeça, sem dizer nada. Como o homem não parava de sorrir, ele arriscou uma pergunta.

– Você vive aqui?

Ílux assentiu de novo.

– Eu vi que você se fartou com a comida. Espero que tenha gostado.

Raio apontou com o dedo para a parede de vidro.

– Que lugar é esse?

Ílux estendeu o sorriso. Abriu as mãos e indicou o final do corredor.

– Venha. Vamos caminhar.

Raio o acompanhou pelo corredor, um passo atrás de Ílux. Não parava de olhar para fora do vidro e para o cabelo do homem.

– Você gostou do jardim?

– Jardim? Isso é uma floresta!

Ílux gargalhou por um instante.

– É... Acho que é... A maior floresta do mundo...

Ílux parou em um ponto do corredor onde havia uma caixa escura saindo do chão, uma espécie de pilar. Tocou no topo com a mão, e de repente toda aquela parte do corredor começou a descer. Raio viu os troncos das árvores passarem para cima. Um cheiro úmido e pungente tomou conta dele, e Raio inspirou cada vez mais forte para senti-lo: Vários cheiros juntos, inúmeros sabores novos.

Ílux saiu da seção do corredor e caminhou pela terra. Estendeu a mão a Raio, que não se atreveu a abandonar o chão sólido e frio.

– Venha – disse.

Raio tentou um passo. Sentiu a terra passar pelos lados do pé e logo se recordou do mar de lama que havia nos andares mais baixos do abrigo. Mesmo assim, essa era uma lama mais dura, como se fosse feita de várias bolinhas pequenas.

Logo sentiu falta das suas botas, mas como Ílux já caminhava longe, não teve opção a não ser segui-lo.

– Este lugar – Ílux apontava para o alto e para as árvores ao redor – é a ecosfera. Muito tempo atrás, antes da guerra e das bombas, os cientistas criaram a ecosfera para estudar o meio ambiente. Aqui dentro, eles colocaram de tudo um pouco: árvores, plantas, animais, riachos e lagos. Foi um grande projeto, que durou mais tempo do que alguns deles tiveram de vida. Quando a guerra veio, a ecosfera foi fechada, e eu fiquei aqui para tomar conta. Os cientistas que criaram este lugar achavam que voltariam aqui ao final da guerra e continuariam sua experiência... Mas a guerra nunca acabou. Ela só piorou... E aí vieram as bombas, e o ano sem sol, e depois a água evaporou, e todas as pessoas, todos os animais e plantas morreram. Aposto que você conhece essa parte da história, porque veio do abrigo, não é?

– Sim.

– Muito bem... Com o tempo, a comida dos abrigos foi acabando, e até as pessoas que conseguiram se salvar, morreram. Mas o abrigo 17 ficava bem perto daqui, e a ecosfera estava produzindo plantas e animais... Então eu alterei um pouco esse lugar, mexi no modo como ele funcionava, e o transformei em uma pequena fazenda.

Ílux parou perto do tronco de uma árvore e se reclinou.

– Você vê, Raio... Toda a comida que chega ao abrigo 17 vem daqui.

Raio não parava de olhar para os galhos, folhas e frutas, e, além, para as estrelas e a lua.

– Você nunca se perguntou de onde vinha a comida que chegava ao abrigo?

Raio se virou para o homem de branco.

– Os adultos sempre disseram que um dia eu saberia. – Raio afinou os olhos ao perguntar – Quer dizer que eles todos sabem deste lugar?

Ílux pendeu a cabeça para o lado, e Raio achou que ele parecia surpreso.

– Como é que esse lugar não fica contaminado com a radiação?

Ílux seguiu o seu olhar.

– A ecosfera é revestida de um vidro que não deixa a radiação passar. É por causa disso que a vida continuou aqui.

– Então... O abrigo 17 é o último? Não existe mesmo mais ninguém no mundo?

Ílux baixou a cabeça.

– Eu não sei, Raio, mas eu acho que não. Nunca ouvi falar de nenhum outro sobrevivente. Nos primeiros anos depois da guerra, ouvia muitas conversas de rádio dos outros abrigos, mas elas foram parando, até que nenhum deles sobrou. Se há mais alguém por aí, não sei onde estão.

– E você está aqui desde que este lugar foi feito?

Ílux assentiu.

– Mas... A guerra aconteceu há muito tempo! O avô do avô do meu avô já nasceu depois da guerra.

Como é que você ainda está vivo?

Ílux não escondeu o sorriso.

– Você é muito atento, rapaz. Eu estou vivo porque eu não sou como você.

– Não é como eu?

– Eu sou uma máquina.

Raio deixou os olhos crescerem.

– Uma máquina? Você?

Ele assentiu.

– Naquela época, havia muitas máquinas como eu, que se pareciam com pessoas. Nós fazíamos quase tudo, sabe? Limpávamos, plantávamos, cuidávamos dos doentes, e de outras máquinas também.

– E você... não envelhece?

– Eu nem mesmo estou vivo. Só pareço estar. Fui criado para cuidar deste lugar, e é o que faço.

Ílux apontou ao redor, e Raio seguiu-o com o olhar, assombrado com as únicas árvores e plantas do mundo. Passou os dedos por folhas e ramos, enquanto a outra mão deslizava por um tronco. Quando se virou de volta, Ílux já ia longe, rumo ao elevador. Raio caminhou em sua direção, sempre o deixando ir à frente, e retornou com ele ao corredor com vista para o jardim.

Ílux o levou para conhecer todos os cantos da ecosfera. O grande domo onde ficavam as plantações e lagos, os quartos dos cientistas que um dia habitaram este lugar, os banheiros, a enfermaria onde Ílux tratou o ferimento de Raio, galpões de armazenamento que pareciam mais altos do que prédios, o átrio principal onde costumavam realizar as refeições e onde ficava a saída, os laboratórios que ninguém mais no mundo saberia usar, e por fim um salão circular com passarelas e paredes que se pintavam sozinhas.

– Esta é a sala dos computadores. Aqui fica o controle das máquinas que cuidam da ecosfera.

Raio não conseguiria entender aquele lugar nem que quisesse. De repente, havia uma imagem na parede ao lado, e quando Raio se voltava, ela já havia sumido, trocada por outra. Palavras apareciam no chão e em mesas ao longo das passarelas, mas não se demoravam muito, e logo mudavam para outras, como uma biblioteca que durasse apenas um minuto e que ninguém nunca conseguiria ler.

Raio andou até uma parede. Tentava entender aquela tinta estranha, mas não havia tinta alguma: a cor da parede é que mudava, como se alguém invisível a pintasse o tempo todo. No mundo branco que visitava, havia achado a única sala onde todas as outras cores foram colocadas.

Três passarelas convergiam para o meio da sala, e uma mesa circular marcava o centro do salão, ao lado da qual, Ílux aguardava.

Como as demais, ela possuía imagens e letras que passavam mais rápido do que Raio conseguia acompanhar. No meio, um tubo de vidro do tamanho de sua mão, cristalino e de cor avermelhada. O único objeto avulso da sala.

– O que é isso? – Raio apontou.

Ílux respondeu devagar.

– Esta é a chave de cristal. Uma espécie de controle da ecosfera. Ela pode ligar e desligar tudo aqui dentro.

– Tudo?

Ílux cruzou os braços.

– Sim, tudo, até a mim.

Raio deu um passo para trás. Queria estender a mão e tocar na chave, sentir sua textura como sentira o

restante da sala, mas não sabia como seu anfitrião reagiria.

Raio fitava aquele rosto de aparência humana, quando Ílux começou a se dirigir para a saída. Incerto do que fazer, ele o seguiu. Começava a formular uma pergunta importante na cabeça.

– O que vai acontecer comigo agora? – questionou. Só de pensar em voltar para o mundo lá fora, sentiu calafrios.

– Você poderia voltar para o abrigo 17.

Raio ouviu a própria voz sair mais amargurada do que gostaria.

– Eu não posso... Eu me machuquei quando saí. E se alguém se machuca, não pode mais voltar.

– Isso não é mais problema, eu tratei seus ferimentos. Você realmente estava um pouco contaminado com radiação quando o encontrei, mas agora está bem.

– Isso não adianta, Ílux. Eles nunca vão acreditar em mim. Se eu falar que fui tratado por uma máquina em um lugar perfeito como esse... – suas palavras morreram. Olhou ao redor buscando um lugar para se sentar, mas não via um móvel sequer no corredor, por isso acabou no chão.

– Bem... Por que não pensamos em algo? Tenho certeza de que haverá um jeito de resolver o problema. – Ílux olhou para cima, como se alguém o houvesse chamado – Raio, volte para o seu quarto agora. Nós passamos o dia juntos, e eu tenho tarefas a realizar na ecosfera. Eu vou repor sua comida e amanhã nós conversaremos melhor.

Raio se levantou devagar, mas Ílux não esperou por ele. Já caminhava ao longe quando Raio se lembrou de que não sabia o caminho de volta e decidiu segui-lo à distância.

Quando entrou no quarto, a mesa estava repostada com mais comida.

Com a fome maior do que a desconfiança, fartou-se de novo de pães, bolos, uvas, maçãs e sucos antes de descansar.

Raio passou as mãos pelo cobertor grosso da sua cama, mais grosso do que os raros colchões do abrigo, e se perguntou se aquilo estava mesmo acontecendo. Lembrou-se do rosto de sua mãe quando ela apertou o cinto de sua capa, e disse “Não vai acontecer nada de ruim. Você vai e volta rapidinho, vai ver só.” Ele sabia que era mentira, que nunca mais a veria. Também não veria seu pai, que não conseguia mais trabalhar no maquinário dos andares inferiores e passava o tempo ensinando Raio e seus irmãos a brigar. Seus irmãos, que não tinham nem nome ainda...

Ali na ecosfera, tudo era tranquilo. Ninguém brigava com ninguém, ninguém chorava de sede ou de fome, ninguém ria, nem amava ou sofria. Ali ele comeria bem pelo resto da vida, dormiria em paz a cada noite, talvez nem mesmo ficasse doente, porque não se sujaria tanto, e não teria mais de sair na radiação.

Ele poderia ficar ali ajudando Ílux, deixar seus pais pensarem que tinha morrido. Mas o que ele faria na ecosfera? Nada. Faria nada pelo resto da vida.

Se ao menos houvesse uma chance de voltar...

Raio acordou com um sobressalto na cama. Virou de um lado para outro, tentou voltar a dormir, mas para onde quer que olhasse, via apenas o elevador que dava no abrigo 17. Depois de insistir alguns minutos, se resignou de ter acordado cedo e saiu do quarto. Passou pela sala e comeu um pouco mais de bolachas, um tomate e uma pera.

Os corredores continuavam quietos. Raio ouvia os próprios passos, e depois de um tempo conseguiu ouvir o próprio coração. Caminhou a esmo querendo descobrir algo novo, mas invariavelmente voltava ao saguão de entrada.

Andava pelo setor dos galpões quando ouviu um chiado intermitente junto com uma claridade tênue ao fundo. Uma das portas dos galpões estava aberta, e a luz e o barulho apareciam e sumiam lá de dentro.

Talvez fosse Ílux fazendo algo importante, pensou, enquanto se aproximava com cuidado. Quando chegou à porta, lançou um olhar furtivo no galpão.

Ílux se debruçava sobre uma mesa maior do que o seu quarto. Tinha nas mãos um aparelho que soltava um fogo azul por um bico, e cada vez que o aproximava do que havia sobre a mesa, o fogo brilhava em branco e soltava o chiado que chamou sua atenção. Em silêncio, Raio avançou um pouco mais para espionar.

Um grito de pavor morreu em sua garganta. Ílux estava consertando a coisa metálica que havia assassinado Lago, Praia, Tigre, Lua e Rocha. Aproximava o fogo com cuidado para fechar o buraco feito pela haste de metal em suas placas metálicas.

Raio cambaleou para trás e bateu na parede do corredor. Correu, sentindo a cada passo como se a coisa estivesse mais uma vez em seu calção. Aquilo não podia ser verdade! Precisava fugir o mais rápido possível antes que terminasse como seus amigos.

Lançou um olhar para trás apenas para ver Ílux correndo em sua direção.

Raio se atirou sobre a porta que dava para o jardim. Esmurrou-a, chutou-a. Apertou todos os seus cantos em busca de algum botão que a abrisse, mas a porta não se moveu. Decidiu então que não morreria como um covarde, e se virou para enfrentar Ílux, mas, para a sua surpresa, ele já estava perto demais.

Ílux o agarrou pelo ombro, seu toque frio como o de um cadáver. Raio tentou se livrar dele, golpeá-lo, mas ele era forte demais.

– Calma!

– Aquela coisa matou meus amigos e você a está consertando. Ela esmagou Lua... Cortou o Rocha... Eu não vou terminar que nem eles.

Ílux abriu as mãos, jogando Raio no chão.

– A ecosfera tem limites, Raio. Desde que a adaptei para se transformar em uma plantação, eu monitoro esse número. Quando a população do abrigo 17 ultrapassa o limite, alguns têm de morrer para que os outros possam continuar a viver.

Raio sentiu como se suas veias tivessem congelado – Como?

– Se a população do abrigo crescer sem parar, logo não haverá comida para ninguém e vocês estarão extintos. É preciso manter o controle. Nem todos podem viver. Por isso, quando chega a época de enviar comida, eu mando um de meus trabalhadores diminuir o número de sobreviventes.

Raio se forçou a levantar e cerrou os punhos.

– Você... Você matou os meus amigos para manter o seu experimento funcionando? E eu? Porque você não me deixou morrer? Porque tinha que salvar justo a mim?

– Por uma questão de cálculo. Apenas cinco precisavam morrer para compensar as crianças recém-nascidas. As demais mortes virão dos velhos e doentes. Você sobreviveu porque podia.

Raio avançou e socou Ílux. Gritou até sentir os pulmões doerem. Pensou em correr por aquele lugar que agora lhe parecia inóspito até as forças lhe faltarem. Pensou em fugir enquanto a máquina que matara seus amigos ainda estava quebrada e voltar para o abrigo, mas ninguém acreditaria na sua história. Pensou em simplesmente sair e vagar, até morrer.

De repente, constatou o óbvio. O abrigo 17 vivia sob a tirania de uma máquina. Eram os únicos humanos vivos, e não conseguiam nem mesmo governar a si mesmos.

A não ser que... A chave de cristal.

Ela controlava tudo. Se conseguisse pegá-la e levá-la ao abrigo, eles poderiam dominar a ecosfera. Ninguém mais teria de morrer. Poderiam viver naquele mundo branco e silencioso e plantar eles mesmos

sua comida dentro do grande domo.

Os outros não deixariam Raio voltar ao abrigo, mas quem sabe ouvissem sua história, quem sabe aceitassem a chave.

Afastou-se de Ílux, que continuava no mesmo lugar. Quietamente como a morte. Correu, à espera de algo que tentasse forçá-lo a parar, mas a ameaça nunca veio.

Retornou ao seu quarto e vestiu sua capa amarela, a única proteção contra a radiação do mundo externo. Colocou as calças grossas, a camisa na qual ele mal mexia os braços, o capuz que lhe cobria a cabeça, botas, luvas e por fim a máscara de ar.

Não parou para ser furtivo, ou para fugir de Ílux ou o que quer que fosse. Correu em direção à sala dos computadores enchendo-a com o eco de seus passos. Pegaria a chave, salvaria o abrigo, ou morreria tentando.

A entrada da sala continuava aberta, e, bem no centro, a chave o esperava.

Raio estendeu a mão. Tocou naquela chave tão lisa que achou que seus dedos escorregariam ao tentar pegá-la.

Antes que tivesse tempo de mudar de ideia, puxou a chave e disparou pela sala. Nenhum alarme soou. Nenhuma máquina surgiu para matá-lo.

Sua respiração abafava o visor da máscara, as camadas da capa batiam umas nas outras conforme corria.

Voltou ao salão central, de onde podia ver a porta de saída. Escondeu-se na quina do corredor, examinou cada canto antes de entrar. Podia farejar uma armadilha. Estava tudo fácil demais. De qualquer modo, não havia outra alternativa.

Correu.

Sentiu as mangas e pernas da capa se oporem ao movimento do seu corpo conforme partia em direção à porta. Via a fechadura a dez passos... Oito... Olhou ao redor: não havia ninguém no salão. Ílux desaparecera. Talvez estivesse consertando a máquina, fazendo os reparos finais. Cinco passos, três. Raio estendeu a mão, colocou a chave em seu encaixe.

A porta tremeu à sua frente. Todo o salão ressoou com um estrondo. Duas placas metálicas deslizaram para fora de seu campo de visão, e a imagem empoeirada da cidade surgiu novamente diante dos seus olhos.

Com a chave em mãos, Raio deixou a ecosfera para trás, saltando por escombros, pedregulhos e montanhas de areia. Correu até as pernas cambalearem, o fôlego faltar e ele começar a se desequilibrar.

Correu o dia inteiro. Corria, e parava, e corria, e parava, e corria de novo. Sentiu a comilança se revoltar no estômago e querer sair, mas conteve o enjoo. O sol estava a meio caminho do poente quando avistou a torre vítrea que marcava o centro da cidade. O abrigo ficava a dois quarteirões dali.

O ar mal entrava pela máscara encardida de terra, e Raio achou que desmaiaria de novo. Entrou no que restou de uma casa e se agachou contra a parede. As mãos agarravam a chave com força como se carregasse a última esperança do mundo, enquanto recuperava o fôlego.

Olhou para fora quando sol já pintava a cidade de sangue e o céu parecia queimar com a luz poente. Raio saiu da casa e só parou quando o portão metálico do abrigo surgiu entre as vigas e os muros que outrora sustentaram um prédio.

Seria aceito ou não, mas de um jeito ou de outro, voltava para casa. Socou o portão com suas últimas forças, até a mão doer.

Seus pés latejavam dentro das botas. Sua garganta ardia. A voz perdeu a força cada vez mais, os socos

se tornaram palmadas. O céu escureceu por completo, as estrelas surgiram e Raio ainda continuava à porta. Não fazia mais do que sussurrar.

– Abram... Abram...

Reclinou-se para frente e desabou no chão.

As luzes do elevador o cegaram e antes que entendesse o que acontecia, mãos o puxavam para dentro.

Quando voltou a si, a primeira pessoa que viu foi Chuva, sua mãe. Ele a agarrou com tanta força, que nem parecia ter corrido mais de um dia inteiro.

– Eu voltei, mãe, eu voltei – foi tudo que conseguiu dizer.

Todos os adultos estavam ali. Seu pai, Chuva, o velho Gelo, Estrela, Arbusto e todo mundo. Raio arrancou sua máscara para poder vê-los melhor, para poder contar a sua história.

– Mãe, pai... Eu vi um lugar repleto de plantas, uma floresta de verdade, e muita comida. É de lá que vem a nossa comida, e eles têm máquinas que matam a gente. quando a gente sai para pegar comida, mãe. Mas eles têm uma chave que controla tudo, e eu peguei ela, mãe! Tá aqui! Agora a gente pode ir pra lá plantar as nossas coisas e fazer tudo melhor.

– Raio... – a voz de sua mãe ecoou com tristeza. Com o olhar pesado, ela o abraçou por um instante, então se afastou. Os demais se aproximaram de Raio, se ajoelharam na frente dele e examinaram o objeto brilhante que tinha em mãos.

– Ela controla tudo... – repetiu, um tanto desorientado, sem entender o que acontecia.

– Bem-vindo de volta, Raio – falou Gelo, o único que havia ficado de pé.

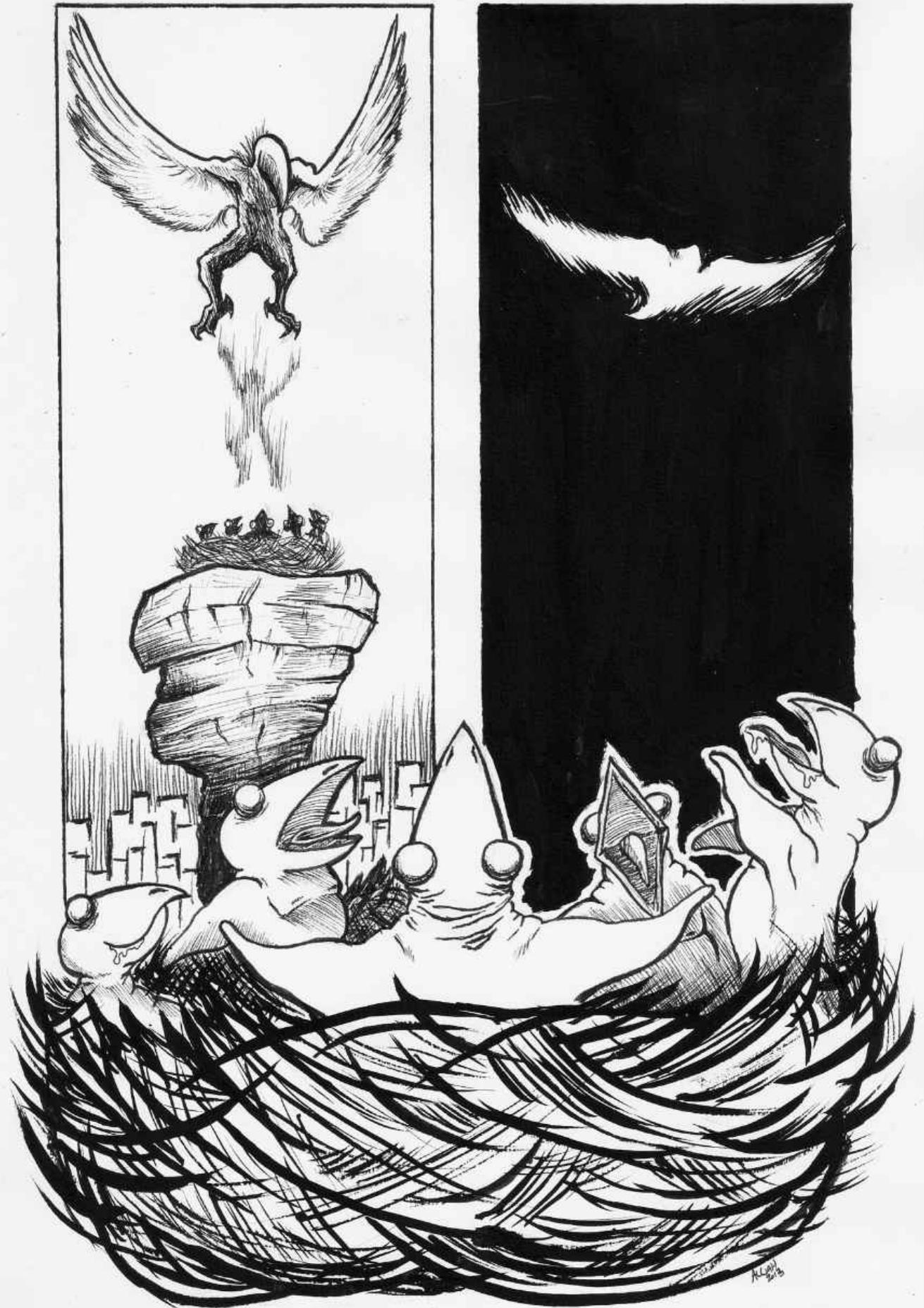
O ancião acenou com a cabeça para os demais, que responderam com um gesto ensaiado, repetido, cansado e conhecido. Um gesto que calou a voz de Raio pelo resto da noite, e sua esperança pelo resto da vida.

Todos levaram as mãos aos bolsos, e de lá, um a um, terminando por sua mãe, retiraram uma chave de cristal.

“A chave de cristal controla a ecosfera, Raio” Ílux dissera “Até a mim”.

A voz de sua mãe veio dura, e ao mesmo tempo cansada.

– Agora, meu filho, você é um homem.



Intervenções de um nautiloide sobre as grafluias do equinodermo resgatador – Alliah

“The passion for destruction is a creative passion, too!”

Mikhail Bakunin

Do escrutínio de um molusco atormentado

Não posso dizer que abri os olhos, pois não possuo pálpebras. Fui recuperando a visão aos poucos. Não gradualmente, como a sujeira assentando no substrato ao meu redor. Mas em pulos bruscos, inteiros, como a excitação de um elétron. E havia mesmo algo de energético ali. Eu vi gigantescos clarões lá em cima, vindos da superfície do mar, passando pela zona mesopelágica e chegando bem lentamente aqui, na zona batial. Afundando vagarosamente. Os círculos de luz eram largos como faróis, de aparente densidade leitosa contra a interferência da água. A iluminação branca parecia tão gélida quanto o leito marinho e o abismo beirando a plataforma continental.

O animal mal conseguia se mexer, admirando em semiconsciência o cenário acima de si. Pelas camadas de água sobre o corpinho agonizante do pequeno molusco (um nautiloide que mais parecia uma casquinha de sorvete) e do turbilhão repentino que agitava a areia, uma gigantesca embarcação naufragava. Era muito maior do que qualquer criatura que navegava por aqueles oceanos parapaleozoicos. Pelo que parecia, algo atingira o barco na superfície, virando-o de cabeça para baixo e partindo-o em alguns pontos. Os danos das explosões e rasgos rachavam a estrutura sem fatiá-la por inteiro. O movimento oscilante dos pedaços destruídos conectados por fendas de metal, e seus canhões pendentes de luz, criavam jogos de iluminação na água. Feixes esgrimando a escuridão.

Aparentemente o pior já havia passado. Ou talvez estivesse apenas começando. O fato é que tudo estava silencioso novamente, excetuando-se os rangidos do navio e os gemidos das correntes marítimas. O sedimento revolvido ainda fluía como jato endógeno de hormônio. Turbulento, urgente e

compacto. Envolvia-se em nós, filamentos perdidos de membrículos rasgados e conchas espatifadas. Senti a dor de minhas vísceras parcialmente esmagadas em minha própria concha cônica segmentada. O ar que ficava guardado em minhas câmaras e costumava me manter flutuante escapava em uma fileira estreita de bolhas através de uma rachadura.

O nautiloide demorou a perceber a escuridão absoluta. Nenhuma radiação solar penetrava no oceano. O mundo lá fora apagara. Restou a artificialidade pálida da luz. Uma silhueta bípede e esturricada abriu caminho pelas brechas da embarcação e caiu. Afundava rapidamente, embolada numa ferragem que perfurava as primeiras vértebras de seu pescoço. Os membros deslocados e esburacados abriam-se. Vestia um uniforme com rasgos em cada uma de suas cinco camadas. Prata e espuma florescendo como cogumelo. Uma lasca do que restou do capacete fundira-se à cabeça queimada. Carvão alienígena de além-mar.

O corpo caiu pesado, afofando-se no solo tumultuado de criaturas e lixo terrestre, com a carantonha torcida no pescoço de pele embolada. Parecia olhar-me. Vi em seus olhos queimados o desenho das veias explodidas.

O cadáver condensava o horror desconhecido que tomara conta da superfície e agora escorria para as águas. Se o Trilobita Eremita houvesse testemunhado a terra cuspidando fogo, reconheceria a semelhança geométrica de mais uma sacudida no curso da existência. Mas o nautiloide não sabia onde estava o Eremita. Suas faculdades e sentidos encontravam-se fixados na infinitude de um par de olhos mortos. Espiral logarítmica do desespero. A desconstrução de realidade do nautiloide e sua consequente reformulação evolutiva possuíam precisão matemática.

Não conseguia tirar os olhos do rosto do cadáver, da gengiva exposta, do nariz vazado, da boca. A mandíbula deslocada revelava uma fileira de dentes cobertos de qualquer coisa escura. Fiapos de ligamentos esticados prendiam a boca esgarçada. Apesar de repousar no fundo do oceano, seu aspecto era seco, desidratado, destituído de solidez. Como se ao primeiro toque fosse se desfazer em poeira. E quando o feixe de luz passava sobre aquele rosto agoniado, a escuridão da garganta esparramando-se pela boca aberta parecia querer me arrastar para dentro de si.

O nautiloide sentiu sua concha ser agarrada por braços gelatinosos, frios, infestados de secreções. Num relance de luz e num contorcionismo dos olhos, conseguiu enxergar parcialidades de longos e firmes braços triangulares. Uma estrela-do-mar alaranjada de ventre granulando-se para uma tonalidade tão branca quanto a epiderme pálida do corpo mole do molusco. Curvava-se sobre a superfície escorregadia da concha cônica, envolvendo-a com cuidado para não ferir ainda mais o nautiloide. Era a irmã gêmea do equinodermo resgatador, substituindo o irmão em seu trabalho e puxando o nautiloide para longe dali, sabe-se lá para qual destino. Acima das duas minúsculas criaturas, o canto em soprano dos canhões arrastando nos soquetes metálicos era extremamente melancólico.

Todo esse caos pertence ao mundo ou pertence a mim?

[traduções experimentais das grafluias]

(carapaça imperecível – seta do tempo implacável – acumulação de caracteres e características e

pedacinhos quebra-cabeça de hidroafinidade)[\[1\]](#)

(por-vir-por-vil-protonotocorda azarada crescendo em paladar de desespero póstumo e – ainda – desconhecido)

(...lágrimas sobre prole-própria)

Do gene egoísta

Uma única lâmpada oscilava no teto esburacado. Um pedaço do reboco despencara bem em cima da cabeça de algum infeliz, sentado perto do balcão. A borracha descascada da fiação deixava o cobre reluzir fracamente, enroscado no que parecia uma fina cauda escamosa de quase dois metros de comprimento. Aquele pedaço de carne réptil arrastava a ponta no chão e ainda agitava-se em minúsculos espasmos. A luz era vermelha e falhava a intervalos irregulares. Oito cadáveres e meio distribuía-se pelo bar. Pintados de sangue e fluidos. Seus próprios e os da coisa que atacara lá fora. Pelo meio do bar, enganchados no chão, nus e imundos, encontravam-se um rapaz e uma mulher.

Haviam passado dias ali. Na última noite, eram os únicos sobreviventes da área. Algumas horas de mudez constrangedora após o pandemônio de gente se matando. E uma paralisia desconfortável típica de quem havia acabado de presenciar um ataque de histeria coletiva provocado por algo que apagara o planeta. Até que a calmaria mórbida do exterior transformou o bar num refúgio quase agradável.

– Merda, por que não...

Ísis Meia-Noite quase não sentia o próprio corpo se movendo de maneira vagarosa e ritmada sobre Calavera. Sentada sobre aquele homenzinho desnutrido, mexia-se tão mecanicamente que parecia ensaiar uma performance, suor escorrendo pelas coxas sujas de fuligem e consciência anestesiada. O jovem arfava, desajeitado e ansioso, sem saber muito bem onde colocar as mãos. Sentia um misto de prazer e incômodo com aquela mulher de quase duas vezes o seu tamanho rebolando em seu pau. Observava-a inquieto. As curvas da cintura e da barriga, ligeiramente flácida perto do ventre, a pele queimada de sol e áspera como lixa. O contraste com seu próprio corpo magrelo era gritante. Seus ossos da pélvis despontavam protuberantes e feios. Os pelos abundantes no meio das pernas escasseavam numa faixa irregular até o peito ossudo. Os dois humanos fediam como vira-latas. E sentiam-se da mesma maneira. Desesperança, fome, pés esfolados, contusões na cabeça e uma vontade louca de expurgar tudo aquilo numa última trepada. Como se esvaziar-se de fluidos fosse esvaziar-se do último resquício de vida latente.

Calavera, o jovem estudante de vinte e poucos anos, mal soubera como persuadir a quarentona, gaguejando e repetindo elogios baratos sobre o quanto a admirava antes de tudo aquilo acontecer. Antes do mundo virar do avesso.

– Sabe, eu vinha toda semana...

– É, o esquisitão que sentava ali naquele canto perto da geladeira, só bebia Itaipava e tinha medo de chegar perto das garotas.

Ela reconhecia o inconfundível aspecto anêmico do rapaz. Era cliente assíduo do bar, lugarzinho claustrofóbico e cheio de espelhos que fora reduzido a um cacareco alvejado de balas.

O celular de alguém travara no player e ainda tocava.

“Pilgrim, did you drink the mercury? Your lips turned blue and you’re struggling just to see.”

Lá fora a escuridão era absoluta. Era pra lá de duas da tarde e não se via o sol. Parecia que alguém havia tapado o céu com um saco preto de lixo. Considerando o ar úmido e sufocante e as sombras

indistinguíveis que se esgueiravam pelos destroços, talvez eles estivessem mesmo dentro de um enorme lixão.

– Você faria... É... Ahn... Cê sabe... Eu... Eu... – Calavera tentou dizer enquanto ajeitava o cabelo comprido e sujo preso num rabo de cavalo desfiado. – Eu tenho dinheiro... – E mostrou as notas amassadas puxadas dos bolsos da calça.

– Eu não era puta! – Ísis respondeu num grito que foi seu último protesto de resguarda moral pós-apocalíptica. – Eu só dançava.

Mas provavelmente morreria dali a cinco horas ou cinco minutos. Que diferença faria dançar em cima do balcão do bar ou em cima do pobre coitado que tentava mendigar um último divertimento?

As pernas de Calavera formigavam, dormentes com o peso de Ísis. Se a matasse, teria carne por meses. Porém mal conseguia controlar a respiração descompassada e os olhos arregalados que oscilavam entre os peitos de Ísis e os vultos que corriam lá fora, esvaecendo pelas vidraças emporcalhadas. Caso tentasse estrangulá-la, ela o dominaria com aquelas pernas grossas e o esmagaria como um inseto no meio das coxas. Já estava sentindo-se mais ou menos esmagado naquele momento.

Quando terminaram, ele se levantou aliviado e atordoado. Estendeu algumas notas de dez e vinte para a dançarina, que fez um muxoxo e mandou o universitário enfiar aquilo no rabo. Ele a viu andar até a geladeira, ainda nua, chutar o cadáver que bloqueava o caminho e pegar uma cerveja. Apoiado no balcão sobre uma poça de sangue morno, Calavera sorria extasiado com toda a situação. Lá fora o Holoceno era marcado pelo maior evento de extinção desde o Cretáceo. E o ar cheirava a gozo alcoolizado.

Da morfalaxia cronofóbica

A Estrela-irmão ocupava-se de traçar minuciosamente um conjunto de grafluias sobre a superfície porosa de um coral moribundo. Talhava-o com uma lasca de pedra. A cada relevo cavado e esculpido, lembrava-se do Trilobita Eremita, aquele pedaço carcomido de existência, de corpo achatado e cheio de pernas, que mal parecia viver.

Pedaço-corpo morre. Pedaço-tecido troca-cria. Destruição, criação-nasce.

Era uma de suas primeiras lições. Regenerar-se. Equinodermos podem regenerar qualquer parte do corpo que tenha sido arrancada, cortada, devorada ou gangrenado e caído. Em alguns até mesmo os membros mutilados criavam um novo organismo. Não era exatamente agradável pensar que outras estrelas-do-mar poderiam ter nascido do braço-defunto de alguém. Prováveis quase-cópias fúnebres.

Mas regenerar-se era uma dádiva. A sensação de possuir essa capacidade fervendo latente em suas células era libertária da pior maneira. Dava-lhe uma falsa imortalidade, uma invencibilidade temporária que após enchê-lo de vida, retirava-a sugada por um vácuo e fazia-o estrebuchar no chão como se uma enguia elétrica o violentasse. A Estrela-irmão era um desesperado pela passagem do tempo, pela degeneração que apodreceria sua preciosa morfalaxia e o esmigalharia para a morte. Era também um resgatador, vigilante das fronteiras da zona abissal, protegendo descuidados de escorregar para a completa escuridão. Já perdera alguns membros no processo, com criaturas que não conseguiu resgatar a tempo e outras que estavam loucas para se jogar e quase o levaram junto. Era curioso pensar que em algum lugar lá embaixo poderiam existir vários pequenos membros seus crescendo novos organismos. Uma gangue de bastardos-quase-cópias.

Pedaço-corpo-próprio morre. Pedaço-tecido-próprio troca-cria. Destruição, criação-nasce. Fio de vida egoísta.

Ouvir o Trilobita Eremita e dedicar-se às criações fantabulosas daqueles significados multiversais era sua única simulação de lucidez. Deixar-se inundar por aquele que estivera rastejando pelo leito marinho desde antes do Paracambriano. As grafluias não o tirariam de sua angústia, mas a organizariam em seus próprios padrões caóticos. E o tornariam imortal pelo registro de suas sabotagens.

– Morte-um enlouquecedora-não quanto infinitude de corpo-matéria-chão e vida-contínuo – disse para a pequena lesma inchada que o observava grudada na parede.

Estivera afastado da Estrela-irmã e de todos os outros desde o começo do apagão. Ao seu lado, degenerando num canto, uma estrela-do-mar cinzenta e ressecada, com braços longuíssimos chupados como tripas e o sistema ambulacrário violentamente extirpado. O equinodermo resgatador gostava daquela presença constante da morte, logo ali, exalando a podridão que era absorvida por seus canais vasculares. A lembrança da mortalidade era seu totem mais poderoso. Recolhido naquela minúscula caverna, parcialmente iluminado apenas pelo brilho fraco de uma lesma, o vermelhão vivo de sua epiderme escureceu para um vinho quase negro. Inconsolável, esfregava-se nas grafluias que escrevera nas paredes, como se quisesse transferir os símbolos para dentro do corpo.

Lá fora, radiolários, amonitas, trilobitas, foraminíferos, gastrópodes e mais uma miríade de outras criaturas marinhas estavam aglomeradas perto de uma vasta e morta colônia de corais. Alguns poucos bioluminescentes distribuíam-se estrategicamente pelo espaço, rente ao solo ou flutuando poucos metros acima dele. A movimentação era quase nula. Os olhos, apêndices e patas articuladas eram baixos e temerosos.

O nautiloide repousava encostado numa anêmona adormecida, amparado pela estrela-do-mar alaranjada que o arrastara até aquele suposto campo de refugiados pós-apagão oceânico.

Os dois encontravam-se ao lado de um rio submarino com salinidade elevada que corria cheio de curvas sinuosas, passando por dentro de um túnel em arco na colônia de corais. A diferença daquele curso de água não se limitava apenas à composição, mas também à cor. O rio era levemente púrpura, devido à alta concentração de uma alga transparente que se enchia de pigmento quando se sentia ameaçada. E elas andavam apavoradas. A junção do ambiente róseo-lilás sob a iluminação das criaturas bioluminescente criava uma bonita atmosfera submarina.

– Acho que apaguei por alguns grãos-luz... – disse o molusco.

– Grão-luz? – a estrela-irmã indagou num tom confuso – Eu e Estrela-irmão estivemos atrás de nautiloide há mais de três vidas-luz. Caos de depois-fim vem se arrastando há muitas e muitas vidas-luz. Embarcação alienígena não quer afundar. Naugrafou no dia em que tudo escureceu e tem oscilado mais ou menos na mesma posição.

– Muitas vidas-luz...

– Estrela-irmã acha. Na escuridão não podemos mais contar tempo.

[traduções experimentais das grafluias]

(Estrela-irmão – extensão corporal temporária pseudoimortal – aprendeu a viver em simbiose remota com Trilobita Eremita – feito da lama do começo de mundo-aqui – para dissecar mundo-aqui-outro)

(por-vir-superfície de muitas vidas-luz além-água a arranhar – tateando em desorientação e redenção – solo abissal aqui)^[2]

(Estrela-irmão ouve que chuva cai como julgamento – mas chuva-só)^[3]

Das palestras e fabulações do Trilobita Eremita

Mas a carcaça de tempo que envolve minha carcaça orgânica é evidência de que os pós-larvais não sabem o que falam ao quererem me desacreditar em suas nadanças abissais. E ali eu estava, testemunha e criador daquele que viria a ser o primeiro artifício de passagem espaço-temporal, erguendo-se em golfos de água quente diretamente do útero do planeta. Foi quando o equinodermo resgatador se arrastou até mim e fincou lugar nas bordas de meus estudos. A pobre criatura ali permaneceu por apenas alguns grãos-luz e a água ao redor já começava a turvar e feder a desespero. Era exatamente o que eu precisava. Guiei-o meticulosamente pela criação das grafluias. Ele não saberia, mas ajudaria a moldar a construção das torres que serviriam de instrumento às viagens. De seus cinco bracinhos estrelados eletrizados por angústia, viria a ascensão daquele novo ramo na continuidade sistemática e filogenética de nossa realidade estilhaçada.

Pois emergi nos caminhos mornos, nutritivos e bombardeados de radiação, cheirando às origens de tudo que nos cerca e invade. No mais, era entediante como contar as ranhuras em minha carapaça trilobada. E em algum ponto da trama espaço-temporal eu vi a escória mais extraordinária esfregando cafeína nos olhos. Os dissociados odiosos mais doentios, plugando estimulantes em todos os orifícios do corpo e delirando em hiperansiedade. Meus discípulos involuntários do pós-extinção.

Mas os peregrinos transliterados no outro lado da passagem da fonte termal, se não se afogarem em seus próprios sacos de gordura, terão em suas gargantas as minhas palavras.

Da fênix de Xenófanos: “Mas se mãos tivessem os bois, os cavalos e os leões. E pudessem com as mãos desenhar e criar obras como os homens. Os cavalos semelhantes aos cavalos, os bois semelhantes aos bois. Desenhariam as formas dos deuses e os corpos fariam tais quais eles próprios têm”.

Do gene (ainda) egoísta

Ísis Meia-Noite balançava as pernas, sentada na beira do que restara da plataforma de madeira da doca. Seus pés embrulhados em tecido impermeável agitavam a água suja. Seus olhos irritados miravam um pequeno frasco. A dançarina segurava um copo de requeijão que abrigava um líquido pastoso, empretecido, se revolvendo como se estivesse vivo. O copo sumia em suas mãos enluvadas por grossas camadas de plástico encardido. Tiras de elástico e fita isolante enrolavam seus pulsos, conectando a luva ao traje improvisado de biossegurança. Parecia que sua circulação sanguínea se espremia como um rato por uma rachadura. E suas virilhas queimavam terrivelmente com a fricção da roupa mal ajustada e alguns números menor que seu manequim. O pedaço de tecido amarrado no rosto sobre o nariz e a boca parecia sufocar mais do que ajudar. Engolir algo diretamente da atmosfera para dentro de seus pulmões resultaria numa morte lenta através de uma proliferação de infecções e queimaduras internas. A máscara improvisada retardava o processo. Uma lanterna ridiculamente amarrada no topo da cabeça a transformava num spot de iluminação ambulante.

– Ouvi um barulho de motor lá atrás, acho que o Leontiy tá chegando com os últimos arpões – disse Calavera enquanto aproximava-se e sentava-se ao lado da mulher, enfiado num traje similar ao dela.

– Finalmente – murmurou a dançarina, levantando o copo à altura dos olhos e observando a substância agitar-se. – Tu acha que essa coisa tá viva?

O rapaz deu um suspiro e balançou a cabeça.

– Não sei. Mas se tiver e for originário deste planeta, possui um ancestral em comum com a gente.

– É pra isso me confortar de alguma maneira? – indagou Ísis Meia-Noite arqueando a sobrancelha direita.

À frente deles uma frankembarcação flutuava, amarrada a um poste tombado na areia. O barco era remendado com toda sorte de armamentos e canhões de luz, equipamentos de navegação e suprimentos alimentícios de gosto duvidoso. Partiriam atrás de uma salvação em alto mar. Ou melhor, no fundo dele. Ísis e Calavera esbarraram na ideia após uma conversa enquanto ainda estavam pelados e encharcados um do outro. Aparentemente era possível estabelecer perturbadoras relações entre a morte numa espelunca ensanguentada que fedia a ácido úrico réptil e o surgimento da vida como uma sopa de moléculas primordial. A dançarina não estava prestando muita atenção no papo científico do rapaz, que tagarelava nervosamente para dissipar o incômodo, mas ficou interessada quando, passando pelo início e pelo fim da vida na água, ele começou a especular que se tivesse recursos, viajaria para as cavernas de algum sistema de fontes hidrotermais.

– ...poucas explorações e o ser humano só conhece uns 5% do oceano, acredita nisso? É como se existisse outro planeta lá embaixo, completamente alienígena. E em algumas partes do fundo do mar, existem verdadeiros ecossistemas que giram em torno de vulcões e fontes termais que nego nem sabe que existe....

O estudante lembrava-se da descoberta acidental de uma galeria espeleológica de arquitetura natural formada por fontes hidrotermais. Alguns números passaram por sua cabeça, mas nada de micromedições químicas o ajudaria agora que o oceano parecia coberto por uma crosta gelatinosa de detritos em chamas. Se antes o trabalho era procurar traços de determinados compostos na água, agora a dificuldade seria achar a água no meio do coquetel lodoso. O que realmente interessava naquela lembrança peculiar eram os sistemas cavernícolas construídos pelas fontes. O local abrigava verdadeiros salões subaquáticos, bolsões de ar intactos e seguros, cercados de vida marinha inofensiva e água quente cheia de nutrientes. Um refúgio isolado e habitável. Restava saber como chegar lá. Não que eles quisessem formar uma equipe especializada. Na atual situação, só precisavam sair e pegar o material necessário para mergulhar seguramente sem serem esmagados pela pressão.

E assim fizeram. Conscientes de que seria uma longa viagem. Mas não havia compromisso a ser perdido.

Eram Ísis Meia-Noite, uma stripper curiosa, e Calavera, um estagiário de um laboratório de peixes que costumava frequentar o bar onde Ísis trabalhava, perto do velho estaleiro. Dois sobreviventes naufragados em terra firme. Duas figuras amedrontadas e repentinamente esperançosas recolhidas num pedaço abandonado de litoral. E que arranjaram um barco para iniciar a jornada assim que toparam com Leontiy, um pescador mezzorusso que fez questão de contar em detalhes como havia desmembrado três lagostiformes mutantes durante os primeiros ataques do apocalipse. E que não apresentava a menor fagulha de medo. *“Meu mundo acabou antes do mundo acabar”*.

– Espero que o sistema ainda exista – murmurou Calavera.

– É possível que tenha sumido? – perguntou a dançarina, visivelmente assustada. – Mas não é feito de pedra?

– Depósitos minerais. A água que sai das fontes é rica em cálcio. Quando se mistura com a água do mar, forma rocha calcária. As fontes hidrotermais podem ter sofrido algum abalo. Não sabemos como o leite marinho foi afetado. Se caíram, teremos algumas ruínas. Mas é nossa melhor chance. Entrar nesse barco, achar a localização e mergulhar.

A atmosfera não tardaria a ficar irrespirável. E a alternativa subaquática, apesar de promissora,

desfolhava uma miríade de novos perigos. Mas eles não poderiam deixar de tentar. Com todas aquelas coisas se arrastando pela superfície, qualquer buraco isolado e de difícil acesso pareceria um paraíso fortificado.

– Não vejo a hora de sair daqui. Eu me mijei na primeira vez que vi aquela coisa lagartosa lá no bar, Calavera. Não consigo sequer imaginar de que bicho era o rabão que vimos lá atrás. Acha que são monstros?

– Não importa. Experimentações científicas, dinossauros viajantes do tempo, alienígenas escamosos, paleodivindades renascidas de algum paralelo. Realmente não importa. Serão os novos deuses pros que restaram.

– Por medo.

– E não tem sido sempre assim?

[traduções experimentais das grafluias]

(torres de fonte cospem água-fogo e crescem a cada vida-luz)

(desenhos: planta baixa e representações frontais do sistema de torres)^[4]

(Trilobita Eremita diz a Estrela-irmão para ser guardião de torres de fonte e marcar em toda superfície as grafluias com cuidado detalhista de simbiote faminto limpando restos de comida da boca de predador)^[5]

Das intervenções do nautiloide

O nautiloide foi até a caverna onde o equinodermo resgatador se isolava. Era uma visão desoladora. As grafluias na parede brilhavam símbolo por símbolo, conforme a lesma bioluminescente rastejava sobre o relevo. O molusco se aproximou sem dizer palavra e tentou fazer algum sentido daquela escrita. Tocou-a delicadamente com seus tentaculículos. A Estrela-irmão afastou-se e desapareceu num canto para dentro das sombras. A escuridão fechou-se sobre a concha do nautiloide e seu corpo mole. Fechou-se sobre suas percepções. Restaram as grafluias e o embalo vagaroso da lesma. A luz branca foi crescendo gradualmente para dentro de si e o inundou. Levou-o até outros mares e outras águas.

Num pulsar de momento se viu numa imensidão oceânica desconhecida. Sua concha era diferente. Não tinha mais o formato de uma casquinha de sorvete espiralada. Era maior, mais larga, e curvava-se numa espiral moldada na *spira mirabilis*, com o dorso branco listrado por padrões bronzeados. A água, levemente mal cheirosa e inundada de luz, também não era mais a mesma. O nautiloide conseguia enxergar o espelho da superfície, brilhando em turquesa. Hipnotizado pela aparente fragilidade daquela fronteira tão próxima, levou um susto quando grupos de círculos concêntricos explodiram, interferindo uns nos outros e oscilando com as ondas que começavam a se formar. Começara a chover e a água caía violenta, trazendo raios, trovões e nuvens negras.

A alguns quilômetros dali, perto da costa, uma embarcação de pesca de dragões marinhos (como eram conhecidas as serpentes gigantes de barbatanas dorsais avermelhadas) era assolada pela tempestade. Erguia-se sobre ondas ensandecidas e colidia contra a doca que sacudia como papel. O enorme gancho do guindaste localizado no meio do barco mantinha um dragão marinho morto ainda preso, com o dente de ferro perfurando-o três vezes. O corpo de quase oito metros de comprimento estava encolhido, espetado como se alguém o preparasse para um churrasco. Devido a um problema no sistema de roldanas e controladores automáticos que regiam a aparelhagem, os pescadores planejavam descê-lo pela manhã.

Mas a chuva resolvera tentar descer o animal naquela noite mesmo.

Num bar a poucos metros dali, Leontiy, um pescador mezzorusso de ombros largos, longos cabelos loiros, barba farta e aparência embrutecida, tentava acalmar Dimitri, um jovem parecido com ele. Mas a discussão não parecia encontrar uma saída. Não havia muito que argumentar quando seu filho, insanamente emputecido, balançava o cano duplo de uma espingarda na direção da sua cabeça, xingando-o de traidor porque você resolveu largar sua mulher e acabar com um casamento de mais de vinte anos para morar com outro pescador de dragões marinhos. Tudo se agravou quando três outros pescadores irromperam ofegantes pelo bar gritando que a serpente gigante cairia do barco. Leontiy não aguentou aquela gritaria desesperada e a barulheira infernal da tempestade lá fora. Ignorando as ameaças de Dimitri, saiu pela porta, mergulhou na chuva grossa e caminhou com os amigos em direção à frankembarcação. O filho o seguiu e a discussão estendeu-se até a doca e então até o barco. O pescador ajudava os outros a operarem o guindaste para desemperrar os mecanismos, lutando contra os ventos que só não o levantavam do chão graças aos seus quase cento e cinquenta quilos de músculo. Mas no calor da briga e do estresse, Leontiy errou no cálculo e soltou parte dos cabos que controlavam o gancho do guindaste.

O fio de aço se despreendeu das roldanas e o gancho caiu com a serpente bem em cima de Dimitri, esmagando sua cabeça para dentro do tórax. Leontiy ainda viu as costelas do filho rasgando o peito e abrindo pela carne como dentes quando o corpo bambeou por cima da grade e caiu no mar. As águas revoltas arrastaram o corpo para longe da costa, afundando-o em qualquer lugar afastado. Leontiy correria e agarrara a grade com as duas mãos sobre o sangue ainda quente, rapidamente lavado pela chuva forte. Sua expressão apavorada foi seguida por uma série de gritos que mal se faziam ouvir sob a ferocidade da tempestade. Chamou em vão por Dimitri a noite inteira.

Em alto mar, o cadáver era tragado para as profundezas, agarrado na corrente de aço. O sangue manchou a água e se diluiu como uma nuvem de tinta esguichada por um polvo amedrontado. O nautiloide, que observava de perto aquele corpo estranho vindo da terra, foi envolvido pela floração vermelha. A água invadiu a carne do molusco e inundou as câmaras de sua concha, desorientando-o para a inconsciência pastosa que precede a morte. Mas ele apenas dormiu. E acordou com os tentaculículos a apalpar o fino relevo das mesmas grafluias de extinção, de volta na escuridão parcial do Parapaleozoico.

Das palestras e fabulações do Trilobita Eremita

Eu estive na superfície. Não havia nada além de cinzas e camisinhas usadas. Menos de uma larvaluz nesse paralelo e rasguei o ventre numa latinha de alumínio amassada. Pela sorte de todos os universos, eremitas milenares viajantes não pegam tétano. Mas depois que me acostumei ao cenário, distingui as formas e gritos nas cinzas. Estavam todos grudados pelo solo e pelos céus, desintegrados de suas especificidades, das idiossincrasias que constituíam sua própria natureza desequilibrada e vibrante. Nas vísceras de todos eles eu conseguia enxergar a autossemelhança do padrão caótico das grandes extinções. Eles também o viam, mas a níveis mais pragmáticos. Quantificação precisa da catástrofe adormecida. Mas a tragédia residia apenas nos corpos dos dizimados. A vida começou uma única vez e tem sido um processo evolutivo desde então. Infinitamente belo. E, por isso, extremamente desesperador.

Da fênix de Stephen Jay Gould: “Se um pequeno e pouco promissor grupo de peixes com nadadeiras lobuladas não tivesse desenvolvido o esqueleto de suas nadadeiras com um forte eixo

central capaz de suportar peso fora da água, os vertebrados talvez nunca tivessem se tornado terrestres”.

Do gene (que continua) egoísta

A frankembarcação havia partido cambaleante e pesada. Parecia flutuar e manter-se navegando apenas pelo grau de poluição que gelatinava a água e empastava a brisa salgada. Amarrado na proa estava o crânio de um dragão marinho pichado com jet preto. Afastando-se da costa, os contornos urbanos visíveis pela luz dos incêndios remanescentes pareciam mordidos e mastigados. Grossas colunas de fumaça ascendiam, arrastando a paisagem num borrão. Era possível enxergar sombras de criaturas aladas do tamanho de veículos e corpos serpentiformes que se enroscavam em prédios inteiros. Em alto mar, o mundo parecia imutável, a não ser pela densa escuridão cortada pelos canhões de luz.

– Sabe aquele teu papo de só conhecermos 5% do oceano? – disse Ísis, sentada perto da cabine, raspando a crosta ferruginosa de um arpão velho. – O planeta deu um jeito de expulsar a gente da terra e nos forçar a conhecer os 95% restantes. Rola um calafrio quando sentimos a manipulação.

– Na verdade eu meio que sonhava com esse dia, saca? – respondeu o rapaz, de braços cruzados e encostado na grade a dois metros dali. – Quando o apocalipse final viria me salvar de todas as obrigações sociais e tal.

– Eu tive meu apocalipse pessoal quando larguei a vida acadêmica. Gastei tudo em cocaína, quase morri aos 26, fiquei entrando e saindo da rehab até os 30, depois fui internada num hospital psiquiátrico até os 33 e daí saí pra rua lisa e sozinha. Comecei a dançar e passei a morar de aluguel em cima de uma borracharia.

– Vida acadêmica?

– Professora de Estudos da Arte-Terrorismo Hieroglífica.

Calavera olhou para a mulher com uma cara ligeiramente torcida numa assimetria de quem só tinha entendido *estudos*.

– Hum... Saquei a cocaína.

– E você, garoto? – indagou Ísis após terminar de trabalhar com os arpões, levantar-se e andar até Calavera.

– E eu, o quê?

– Algum apocalipse particular?

– Bem... Eu tava me preparando pra ser professor de biologia na rede pública. Ia ensinar evolução pra gente que achava que a Terra tinha 6 mil anos de idade. Minha mãe mal lembrava que existia e passava a maior parte do tempo dopada com calmantes pensando numa maneira de matar meu pai com veneno de rato, enquanto ele vadiava bêbado pela rua e voltava todo fodido de alguma briga de bar. Então, acho que não, eu não tinha nada a ser destruído, a não ser uma coleção de falta de perspectiva.

Ísis Meia-Noite deu uma risada de canto de boca e voltou os olhos para o mar.

Na escuridão, a água e o céu eram uma só matéria sem bordas ou distâncias. A mudança irregular e veloz das áreas iluminadas pelos canhões transformava aquele infinito negro num manto psicodélico de flashes que hipnotizou a dançarina. Aos poucos, a mulher sentiu o corpo amolecer e formigar, até que não sentia mais nada. Percebia-se imaterial em alguma semiconsciência limítrofe, como quando estamos no limiar do sono, ainda meio grogues sem saber se estamos acordando, indo dormir ou atravessando a embriaguez de um sonho que se acaba, e o cansaço gostoso que se esparrama pelo corpo nos gruda à

cama e nos faz querer morrer por alguns minutos.

As luzes riscaram o plástico preto do céu e talharam uma espiral logarítmica.

– Derramaram cocaína no universo, cara...

Pelos rasgos, escorreram milhares de minúsculos fósseis cambrianos. Nuvem chuvosa de pó sépia.

Burgess Shale em cascata.

– Corre, porra! Cooooorre!

Ísis sentiu um bofetão marcar uma impressão vermelha das mãos de Leontiy em seu rosto. Desorientada, agarrou-se na beirada da frankembarcação e observou boquiaberta seus companheiros lutando com arpões e pedaços de pau contra um gigantesco polvo que enroscava grossos tentáculos arroxeados na proa. Calavera, apenas uma silhueta magrela, era levantado por um dos tentáculos e sacudido no ar. A dançarina escondeu-se precariamente ao lado de alguns caixotes velhos e virou o rosto, assustada demais para conseguir olhar o cenário. Mesclando-se ao grunhido da criatura, ouviu o que parecia ser o ruído de ossos sendo esmagados e triturados acompanhado por um berro gargarejado de dor. Logo em seguida, uma onda de calor e luz amarelada explodiu e se expandiu. Quando virou o rosto, a dançarina viu Leontiy preso pelo polvo, segurando dois arpões transformados em tochas, e o barco engolfado num círculo de fogo. O pescador ria histericamente.

As chamas cresciam em volta deles e Leontiy era engolido pelos olhos arregalados do polvo. Estranhamente, o pescador reconhecia um fiapo de familiaridade dentro daqueles glóbulos. Conseguia enxergar os contornos disformes e agonizados de Dimitri. E teria se jogado contra aquela miragem se o animal não o tivesse arremessado no convés. A ideia de que seu filho morto havia se transformado ou renascido num polvo gigante o encheu da euforia mais triste que já experienciara. Seu mundo regenerava-se naquele exato momento, e Leontiy sentiu-se pronto para colapsar junto com ele mais uma vez. Só que agora não estaria sozinho.

Aproveitando que o fogo alto afastara a criatura, o pescador puxou Ísis para junto de si, deu-lhe um arpão e a mandou pular do barco e nadar para longe, que ele logo desceria o bote e a alcançaria depois de prender o polvo no incêndio. Mas nenhum bote foi baixado. E a dançarina nunca mais viu Leontiy. A frankembarcação afundou ainda em chamas com seu capitão perdido no meio das labaredas e das investidas da criatura.

Ísis mal conseguia se manter flutuando, chocada demais para articular algum plano B de sobrevivência, e antes que pudesse recobrar o autocontrole, sentiu as pernas serem agarradas por algo frio e puxadas para baixo. A mulher foi brutalmente arrastada até as profundezas do oceano, aonde a iluminação era nada mais do que uma penumbra ruidosa. O choque brusco apagou seus sentidos por um longo período. Quando acordou, antes que pudesse se localizar na imensidão negra e se questionar como respirava debaixo d'água, viu que o tentáculo que ainda a segurava era do mesmo polvo gigante do ataque ao barco.

A cabeçona roxa a encarava contemplativa e aparentemente inofensiva. Apavorada, Ísis não moveu um músculo até que o animal a soltou, virou-se e foi embora. A mulher pensou que o melhor a fazer seria seguir na direção contrária. Quando virou o corpo, deu de cara com um sistema colossal de torres brancas. Gigantescas construções naturais formadas por depósitos de carbonato de cálcio. As menores eram montinhos de alguns centímetros e as maiores passavam dos 80 metros. Apenas uma pequena parte se fazia visível, devido à fervilhante microbiótica que se enroscava nas torres e emanava alguma luz através de seus corpinhos transparentes. Era o sistema que Calavera tanto falara. Deslumbrada, a dançarina nadou até as proximidades daquela arquitetura natural e distinguiu um tipo de padrão

decorativo cobrindo toda a parte visível da superfície, a que não estava coberta por crostas esverdeadas de vida oportunista. Os padrões eram rabiscos em relevo. Símbolos hieroglíficos completamente desconhecidos.

Escondido ali perto, o nautiloide a observava. A humana admirava as grafluias com certo temor, mas se aproximava cada vez mais e estava estendendo os braços para senti-las. Tocá-las. Manchá-las. Desintegrá-las. Não, ele não podia deixar a mergulhadora destruir as grafluias. O nautiloide apressou-se e se interpôs entre a mulher e as inscrições na pedra. Encarou-a com seus tentaculículos. Os olhos da humana eram negros e pareciam opacos, embaçados. As veias nos cantos de seus globos oculares faziam círculos. A reconstrução de realidade do nautiloide e sua conseqüente reformulação evolutiva possuíam precisão matemática.

Todo esse caos pertence ao mundo ou pertence a nós?

Era uma catástrofe iminente. Ou era uma nova morfalexia?

“Pedaço-corpo morre. Pedaço-tecido troca-cria. Destruição, criação-nasce.”

O nautiloide encarava Ísis como uma invasora, até que distinguiu os círculos de veios nos olhos da humana começando a traçar desenhos específicos. Eram como as asas de uma borboleta num Atrator de Lorenz. Reconhecimento de padrões. Destruição também é ato criativo. E talvez a humana fosse a variável que faltava na equação que ditaria o bioprocessamento codificado nas inscrições.

Mas não teve tempo para concluir os cálculos.

Ísis esticou as mãos e agarrou o molusco, que protestou inutilmente. Por alguns instantes, ela podia jurar que o animal falava. A dançarina levou a criatura até o primeiro salão cavernoso que alcançou, um átrio espaçoso, de paredes frias e lagos quentes. E então, sentada na beira de uma poça de bordas verde-avermelhadas, arrancou o corpo mole do animal de dentro da concha e deu uma dentada na carne.

Faminta, devorou o nautiloide ainda cru. Aproximou a concha lambida do ouvido. Um filete cristalizado de aragonita escorria do canto esquerdo de sua boca. A concha cantava.

“Pilgrim, when you left them all behind, the loneliness destroyed your able mind.”

A música entrou em seu ouvido como um parasita se esgueirando para fora da concha gelada à procura de um refúgio quente e úmido, entranhando-se pelo caminho labiríntico e se expandindo dentro da cabeça. Doeu tanto que não conseguia gritar. Perdeu o equilíbrio e quase caiu dentro da poça. Sua mão esquerda a amparou na queda, mergulhando na água e tocando algo estranho. Com a visão falhando e o tato aguçando-se a cada segundo, a dançarina apalpou a formação rochosa no fundo da água até as bordas e puxou aquilo para fora. Era uma enorme placa lotada de rabiscos semicobertos por alguma crosta meio áspera e meio plana, como se alguém a tivesse polido pela metade. Os símbolos parciais estremeciam diante de sua visão comprometida. Ísis apertava as têmporas com as mãos espalmadas, caída no chão sobre os joelhos, dobrando-se para frente e para trás descoordenadamente, sem conseguir tirar os olhos daquele achado e ouvindo os versos do nautiloide ecoarem em sua mente. Até que o enjoo desceu para o estômago e a fez vomitar em cima da placa.

O suco gástrico que ensopava o vômito começou a causar alguma reação na superfície da rocha, fervendo a película biomineral que a recobria e revelando uma série de desenhos em relevo, alternando em baixo e em alto. Inscrições em diversas línguas esquecidas, desconhecidas e remixadas. Entre elas, as grafluias do equinodermo resgatador. Quase preservadas por inteiro, mas levemente deslocadas. Rastros da passagem do tempo. Geomarcações desenhadas que não deixavam nítidos quais trechos já estavam colados e quais foram sobrepostos posteriormente.

Deveria ter caído desmaiada ou mergulhado num transe, enxergando um trilobita cascudo e cheio de

mofo e turfa velha saindo da mesma poça d'água, arrastando-se em sua direção. Mas quando a criatura milenar falou, Ísis percebeu que nunca estivera tão acordada e lúcida em toda sua vida.

Striptease meu rabo! Nada como um bom fim do mundo!

Alguns dias depois Ísis Meia-Noite começou a decodificar e traduzir experimentalmente as grafluias. A dançarina contou com a ajuda daquela Pedra de Roseta Versão 2.0. Modelo Paleoabissal & Pós-ácido. Convenientemente contendo inscrições em bom e velho português. E, entre outros rabiscos ininteligíveis, algum idioma que parecia uma mistura de caracteres chineses com árabe clássico, só que talhado por um moribundo com Parkinson no meio de um derrame.

Linguistas colocariam notas de cinquenta no elástico da minha calcinha agora.

Memória fossilizada. Transliteração de um paralelo espaço-temporal a outro.

[traduções experimentais das grafluias]

((através dos registros – genehistóricos e além-fantasiados – a criatura despe-se de sua mortalidade e transviaforma-se numa eterna fênix verboemocional, apagando-se no esquecimento de suas cinzas, chafurdando na rejeição de olhos-outros e renascendo na redescoberta de novos globulolhos – aparatos (ou arquipélago hexaedral) de assimilação e processamento imagético))

(... estímulo instintivo de perpetuação genética...)

(o resíduo azulado da chama – queimando insistente no carvão de todos os reinos – fraquejamarga e estremece – jamais se apaga)



Passos Cegos – Blanxe

Neste mundo obscuro e caótico, observo os dias se arrastarem. Ao longo dos milênios, tornou-se enfadonho ver os humanos regredirem por seus propósitos mesquinhos e sua falta de crença. Eles se degradam em guerras, em miséria, em lutas ferrenhas por sobrevivência, por soberania. Brigam como galos de rinha raciocinando como os símios que sempre foram desde o início dos tempos.

Eu sinto vergonha por eles.

Vergonha pela inocência perdida por suas atitudes descabidas. Pela loucura que se instala mansa – hóspede silenciosa que os domina, enredando suas mentes sem sequer ser percebida.

Vidas que se penduram, equilibristas desengonçadas caminhando por linhas imutavelmente tortas.

No ceticismo desta sociedade decadente, entre escombros de pontes, prédios e viadutos, eu caminho entre combates urbanos que explodem em uma sequência intermitente de estampidos surdos.

Sigo pensando no quanto mais andarei, no tempo que levarei para decidir um final para o livro que carrego. A capa está gasta, mas o couro marrom desbotado engana, visto que o material continua resistente como no dia em que foi criado. As folhas amareladas estão carcomidas em vários pontos, entretanto, o conteúdo permanece intacto. Um prato convidativo às traças, um tesouro inestimável para os que conhecem seu valor.

Uma faixa negra cobre firmemente meus olhos. Sou um cego cujos passos precisos independem de enxergar. As duas fitas que caem grossas do nó tremulam ao vento gelado, causando uma suave sensação de repuxo atrás de minha cabeça.

É tarde de inverno.

A estação mundana que eu mais aprecio.

A neve cobre o chão, maculada pela sujeira dos esgotos que flui dos tampões chumbados das calçadas, misturando-se ao sangue dos que já morreram nesta guerra.

Os corpos azulados, o gelo se encarrega de preservar da putrefação. São desafortunados, se é que devem ser chamados assim, pois ser privado deste mundo pode ser uma verdadeira bênção.

De um lado da rua, os gritos se elevam. Do outro, respondem com mais força. As balas cruzam a pista vazia, sem trânsito. Os carros enfeitam o cenário em cores metálicas, distintas. Estão desordenadamente parados, alguns atravessados em meio ao asfalto, vários capotados.

Pipocados de buracos.

Abandonados.

Alguns metros adiante, um soldado protege um menino.

Eu não posso ver, mas sei. Sempre sei de tudo, porém me privo de constatar com a vivacidade de meus olhos os caminhos da humanidade. Se eu me permitir enxergar em cores reais, arrisco ser influenciado, como a maioria dos deuses, por estes mortais.

Destino não deve jamais ser tocado pela fragilidade dos que vivem sobre suas regras.

Um disparo seco ecoa distinguindo-se dos demais tiros ininterruptos, enquanto passo ladeando a entrada da viela de prédios semidestruídos. Mais dois disparos, em resposta. O som brusco de um corpo que cai e se choca contra a neve, seguido de um grito de negação. O menino é abraçado pelo soldado e o pequeno treme convulsivamente, suas mãozinhas magras agarrando-se à farda respingada de vermelho.

E a morte chega.

Serena e pontual.

Tânatos se aproxima e despacha, sem zelo, a alma do homem morto pelo soldado. Desaparece como um espectro fantasmagórico e ressurge perante o outro combatente. Ignorando o desespero daquele que abraçava a criança como se pudesse assim mantê-la a salvo, a morte toca a ponta da foice nas costas do garotinho. Pressiona a lâmina com a precisão milimétrica de um cirurgião, descendo-a sobre o dorso estreito, abrindo um rasgo invisível para os mortais. A luz que emana é forte e cheira a inocência e medo. Mas o temor se dissipa conforme a alma se desprende da carcaça humana, aparentando sair de um casulo muito apertado para adquirir sua forma novamente. A morte sorri para o menino. Ele compreende a situação, se despedindo com um longo olhar triste, do soldado que ainda aperta seu corpo inerte.

Tocando a testa do menino com os dedos, Tânatos dissipa a alma infantil.

Ele então roda sua foice como se brincasse com um cabo de vassoura qualquer, dando as costas para o desolado soldado que ainda sobreviverá por mais algumas horas.

– Des! – ele me cumprimenta acaloradamente, aproximando-se. – Decidiu tirar o traseiro da sua casa e dar uma volta pelo mundo mortal? Tá buscando mais inspiração pra escrever no livrão?

Ofensa inenarrável chamar o Grande Livro do Destino de *livrão*, mas este é Tânatos, a morte. Toda a morbidez de sua personificação, coração de ferro e entranhas de bronze, não passa de eufemismo tolo inventado pela imaginação fértil dos humanos. Tânatos é extremamente carismático – ou pelo menos tenta ser. É terno, invasivo e um grande fofoqueiro.

– Estava entediado – admito, a contragosto. – Você deveria tomar cuidado com a sua arma. Pode acabar cortando o próprio pescoço.

– Ah, deixa disso, Des. Sabe muito bem das probabilidades da minha belezinha me cortar.

– A mesma probabilidade que tenho de pegar uma caneta e escrever ‘*Tânatos cortou o próprio pescoço com sua foice e foi a última vez que ele chamou o Gran...*’

– ...de *Livro Sagrado do Destino de livrão*. – remeda Tânatos, com uma careta infantil. – Muda o discurso! Escuto isso há milênios. E por falar no livrão, você podia dar uma trégua aí nas garranchadas. Olha, a galera tá ficando cansada. – Ele apoia no ombro o cabo da foice prateada, da mesma cor de seus cabelos e olhos, e continua: – Átropos, Cloto e Láquesis tão falando mal de ti pelas costas. E o barqueiro tá se emputecendo porque hoje em dia quase ninguém segue as tradições e ele tá com uma pilha de almas zumbis que acham que o Aqueronte é algum tipo de resort no estilo *zero - oitocentos*.

Eu gostaria de dar uma resposta a Tânatos, lembrá-lo de Sísifo, falar sobre o futuro no qual não haverá mais tantas vidas para ceifar, nem tantas almas para Caronte atravessar para Hades. Um tempo de regressão, de tranquilidade para os Deuses. *Gostaria*, mas este é um dever dos Oráculos, não meu.

Enquanto conversamos, os sons dos disparos se distanciam. Tornam-se vagos ruídos. A guerra urbana se afasta para levantar sua bandeira sangrenta em outro local.

Direciono meu olhar para cima, e Tânatos acompanha o movimento.

Sobre um dos terraços, Atena sorri desdenhosa para seu inimigo, desaparecendo gradualmente com seus longos cabelos loiros açoitados pelo vento.

De pé sobre o parapeito do topo do prédio contrário, Ares fica agitado. Com o cenho endurecido, joga ao alto uma esfera translúcida que pulsa nervosa em pura energia que nada mais é do que sua essência bélica que explode no céu desbotado. Faíscas são liberadas tomando o formato de farpas incandescentes que, iguais a flechas, vão de encontro aos guerrilheiros que se deslocam mais ao longe entre os disparos dos fuzis e escopetas, atingindo-os sem que notem que seus instintos belicosos estão sendo alimentados pelo Deus da Guerra.

Com a selvageria dos mortais atizada, o portentoso Ares se lança em uma queda livre. Suas asas como as de um dragão se abrem majestosas, resplandecendo o brilho dourado que contrasta com a túnica vermelha do deus, trazendo-o em segurança até onde nos encontramos.

– Vou acender essa cidade como uma máquina de fliperama – anuncia altivo.

Ares, diferente da Morte, é sucinto, compenetrado. Entretanto, uma vez excitado pela guerra seu ego fala por si.

– Isso se Atena não te passar a perna, não é? – Tânatos retruca com um sorrisinho provocador – Ela anda mortífera nas batalhas.

O humor de Ares muda de imediato, seus olhos azuis se estreitam para Tânatos. A Morte tem como passatempo implicar com Ares. Não existe nada que o irrite mais do que ser lembrado do potencial de sua maior rival.

Diferente de Tânatos, eu prefiro manter distância da ira do Deus da Guerra, sendo assim, intercedo.

– Atena está se deslocando para atacar o seu exército mais ao norte, Ares.

A carranca assassina ganha uma nova nuance, ainda que seus olhos se mantenham em Tânatos com a promessa de castigos dolorosos.

– Grato pela lembrança, Destino – diz ele sem me dispensar um olhar, puxando a longa lança de ponta prateada presa às suas costas. – Agora chega de conversa fiada, Tânatos. Terá muito trabalho a fazer.

Ares impulsiona-se para o céu em um bater de asas e o sorriso esmaece do rosto da Morte que murmura um palavrão:

– Odeio quando ele apela pro genocídio.

Meu olhar de sugestão irônica é suficiente para que ele tente se justificar.

– Você sabe que eu sou contra a violência – escuto-o dizer. – Ares e eu não concordamos nisso, nosso relacionamento sempre foi... abusivo e ele é um filho da puta possessivo! Viu o que aconteceu a Sísifo, não viu?

– Ares está esperando – aviso, abstendo-me de comentários que levariam Tânatos a amargurar durante horas sobre o mortal.

– Preciso de uma folga, Des. – A morte suspira. – Escreva isso aí no seu livrão.

Já está escrito, penso, mas não por um pedido de Tânatos e sim porque era dessa forma que deveria ser. O colapso da humanidade estava diante de nós na mais pura essência da palavra.

Com dois passos, a morte se afasta e some para se unir a Ares. Eu continuo meu caminho. Ou pretendo. Antes de recomeçar a caminhada, sinto um esbarrão e fico atordoado, em meio à calçada.

De repente, meu saber e previsibilidade desaparecem e sofro um novo solavanco.

Algo está errado, muito errado, e eu não consigo ver.

Não identifico a presença de outro deus. A guerra está se deslocando para um ponto mais ao leste da cidade e eu sei que a rua está deserta. Só os mortos ficaram para trás.

Aturdido, concluo que não há ninguém vivo perto de mim além do soldado.

O soldado que deve morrer em algumas horas, que tentou proteger uma criança, que não passa de um

mortal e que é incapaz de me ver ou tocar.

Viro-me, confirmando que o homem permanece no mesmo lugar. Ele deita o menino morto no gélido manto branco e acaricia seu rosto murmurando incoerências. Lágrimas respigam sobre a face pueril, traçando um rastro mais claro sobre a sujeira que cobre a pele pálida.

Ouçó passos. Alguém se aproxima com velocidade e me empurra com toda a força que possui.

Compreendo que os esbarrões, na verdade, são um ataque. A descoberta é ridícula. Além dos deuses, ninguém mais pode me tocar.

– Devolva meu irmão! – o agressor grita.

Alarmado, o soldado levanta o rosto em nossa direção, as nuances de meu semblante espelhando sua confusão.

– Alexandros? – chama o soldado, sem saber com quem ele discute.

Sou atingido na lateral da cabeça por um objeto duro, o qual presumo ser um pedaço de madeira. Cambaleio, extremamente intrigado com aquilo tudo, deixando que aconteça para que possa entender.

– Eu vou te arreventar se não devolvê-lo agora – ele ameaça, sua fúria aumentando.

O timbre da voz oscila, mas não deixa de ser grave. Um adolescente, me arrisco a definir, embora não possa vê-lo nem determinar sua essência.

– Saia do meio da rua – o soldado ordena, e o livro estremece em minha mão.

Ele abandona o corpo do menino na neve e corre na direção em que me encontro. Preocupo-me. Sem precisar abrir o tomo, sei que as linhas estão se reorganizando sozinhas. Ações antes inexistentes, resultados recorrentes, cenários se alternando, se modificando, me deixando mortificado.

– O amigo dele rasgou as costas do Giorgos com uma foice – grita o adolescente furioso, em resposta.

O soldado continua confuso – ele não me vê, assim como não vejo o garoto. O fuzil que carrega nas mãos está pronto para disparar. Desconfiado, ele olha com cautela ao redor, procurando qualquer sombra de ameaça, mas é tarde demais. Um tiro ecoa, preciso e traiçoeiro, vindo do alto, de uma das janelas quebradas de um dos prédios desabitados. O corpo pesado desaba no chão e sua morte é antecipada.

Fico desnorteado com a mudança de acontecimentos.

O adolescente grita em aflição. Em seu esconderijo, o atirador desconhecido rearma o rifle e mira, disparando um segundo tiro. Escuto a repetição do baque de um corpo colidindo com o pavimento.

A guerra prossegue, em qualquer parte, a todo instante. E enquanto o atirador recua apressado para se reunir a sua tropa, eu me mantenho estático para reorganizar os pensamentos. Preciso assimilar o que ocorreu naquele curto espaço de tempo, dando-me conta do odor do sangue que tinga a neve próxima de mim.

Movido por curiosidade, me abaixo em busca do cadáver do adolescente. Presumo que esteja perto do soldado. Reclino sobre o homem que ostenta um ferimento mortal na cabeça e tateio ao redor. Sinto-me perdido, um verdadeiro cego, porém o encontro. O braço está aberto, firme e coberto por um casaco de flanela. Um vinco se forma entre minhas sobranceiras, enquanto me posiciono sobre ele. Inspecciono cada centímetro do torso delgado, antes de tocar o buraco provocado pelo tiro, bem no centro do peito. Minha mão livre sobe pelo pescoço, deslizando-a até o polegar sentir a textura tenra do rosto onde traços nem de criança nem de adulto se destacam. Toco, então, os cabelos: espessos, volumosos e cacheados.

O corpo abaixo do meu arqueja, me surpreendendo ao se erguer de supetão. Uma respiração morna vem ao encontro do meu rosto. O ar é aspirado afoitamente pela boca desconhecida, como alguém que foi forçado a um mergulho muito longo e retorna à superfície. Perco-me, mais uma vez, quando a testa dele se conecta com força contra a minha, lançando-me para trás.

Uma inversão de posições ocorre e agora é o corpo dele que está sobre o meu, apertando-me contra o chão gelado. Eu poderia me livrar facilmente, mas descubro que não quero. Tenho que entender quem ele é. Se me afastasse, me aventuraria a perdê-lo, e perder um mortal que não está entrelaçado ao destino, seria deixá-lo sumir para sempre.

– Merda! – ele pragueja com a voz estrangulada de quem quer segurar o choro. – Merda, merda, merda!

É um lamento pelo soldado morto, posso intuir.

– Chame aquele cara com a foice e mande-o devolver o meu irmão e o Lajar – ele exige, me sacudindo.

– Eu não posso – sou sincero ao replicar. – Tânatos virá atrás do soldado, mas apenas para desprender sua alma e enviá-la para Hades. Ele não irá interceder pelos que morreram.

O adolescente estremece e eu não sei dizer se é de medo, de tristeza ou de reconhecimento por estar tratando sobre deuses. Ele nada mais diz. Parece ter se perdido em contemplação. Sua atitude me cede mais tempo para reorganizar meu próprio pensar. Em busca de uma resposta, revejo meu total conhecimento das linhas do livro.

– Você não é irmão de Giorgos – raciocino em voz alta, levando em conta o fato de o rapaz intitular-se como tal. – O menino não tinha irmãos.

Ele fica tenso, a contração de suas mãos em meus ombros o denunciam. Em seguida, se dirige a mim com tamanha convicção que me faz pensar como a guerra pode fortificar certas metáforas.

– Não era o sangue que nos fazia irmãos.

– Quem é você? – pergunto, ansiando mais do que tudo por uma resposta.

– Chame esse Tânatos e faça-o devolver minha família, senão eu te mato.

Sorrio diante de ameaça tão ingênua. O jovem rebelde, embora ciente do que tem diante de si, não se dá conta de suas limitações. Com isso me vejo mais atraído por seus mistérios.

Ergo minha mão e toco seu peito.

Temeroso por uma retaliação, ele prende com mais firmeza os meus ombros no chão. Mas o que procuro não é afastá-lo e sim, o buraco feito em seu peito, o qual eu verifico não mais existir mais. Outro mistério que abarca aquele ser que me intriga.

– Quem é você? – repito, cada vez mais confuso. – Você não é um deus, mas mortal algum está solto das linhas que os prendem a mim, muito menos imune ao acaso.

Ele pressiona algo em meu pescoço. A pressão afiada me faz imaginar uma faca.

– Eu não vou repetir. Deus ou não, eu acabo com a sua raça – ele sibila. – Traga a minha família de volta.

– É impossível. Eles cumpriram os destinos deles, não podem mais estar entre os mortais.

– Então mude o destino! – ele ordena, me sacudindo por um punhado de minha vestimenta.

– O destino nada mais é do que a essência de quem sou. Não posso mudá-lo – tento fazer com que entenda.

Ele para por segundos, em silêncio. Eu me inquieto, desacostumado com a imprevisibilidade, frustrado por não poder vê-lo, pela falta de qualquer noção de quem é e do que fará.

– Isso quer dizer que eu teria de mudar você para alterar o que aconteceu – ele conclui, em um timbre compenetrado.

– Esta não é uma teoria aplicável – digo, intrigado com o raciocínio dele.

– Se eu matá-lo, – pondera, apertando com mais força a lâmina em minha garganta – não haverá mais

destino. Nada mais estará preso às suas linhas.

– É mais fácil converter-se ao cristianismo e se conformar – ironizo com seriedade. – Acredite no livre-arbítrio e que tudo o que acontece nada mais é do que um reflexo de suas decisões e caminhos tortos.

– Não! Deve existir um jeito de... – a pressão sobre meus ombros se esvai.

A frase fica incompleta e um pressentimento me atinge. Antes que toque o livro que seguro com firmeza em minha mão esquerda, eu lhe acerto a cabeça com ele.

– Não se atreva a encostar no Livro Sagrado do Destino! – censuro, irritado pela ousadia. – Destrua estas folhas e toda a humanidade estará condenada à inexistência. Só eu detenho o poder de escrever nele e saber os caminhos de cada mortal.

– No entanto, – ele sussurra, ainda em cima de mim, perto de meu ouvido – ao que parece, você não sabe quais são os meus caminhos, muito menos quem sou eu. Onde está seu conhecimento absoluto, *Destino*?

Um tremor me percorre, de maneira involuntária.

O peso some e me aflijo. Por instinto, tento segurar qualquer parte dele que possa estar ao meu alcance, e encontro seu pulso. Seguro-o firme, impedindo-o de partir.

– Preciso saber quem é você – insisto.

– Quero algo em troca da resposta – ele rebate, decisivo.

O latejar de seus batimentos está sob meus dedos. Ele está tomado pela ansiedade embebedada em adrenalina e eu quase cogito mentir para obter o que desejo. No último instante, decido dizer a verdade.

– O que você quer eu não posso lhe dar. O determinado é imutável.

– E é essa merda que tem a oferecer? – ele esbraveja, raivoso, e me surpreende segurando meus cabelos por trás da cabeça, arrancando a minha venda.

Eu estanco, assustado, sem saber como reagir. Mais uma vez, esta imprevisibilidade me atinge como um murro seco no estômago e acelera meu coração imortal cujo ritmo jamais perdeu o compasso até então.

– Abra os olhos e me diga se é *este* o passatempo que o diverte. Ande! – ele força a minha cabeça para o lado, querendo que eu veja os desígnios de meu pai, Caos, sem a proteção. – Abra os olhos e irá descobrir o que eu sou.

Meu âmago se contrai diante da proposta. Fico tentado a atender à demanda. A ordem não é válida, mas a gratificação de poder solucionar o enigma que está bem diante de mim me instiga.

– Abra. A. Porra. Desses. Olhos! – ele ordena, pontuando, entre dentes. Ele está próximo, muito próximo, e encosta a ponta da afiada lâmina em minha pálpebra. – Ou eu arranco os dois.

Continuo onde estou, deixando-o me ameaçar e quem sabe me ferir. Sou um deus, sou Destino, posso invocar o inesperado ao meu favor, imobilizar a quem quiser. *Menos ele*. Ele é uma aberração, não existe. E não posso permitir que escape de mim.

Absorto em dúvida, entre quebrar uma regra primordial ou mantê-la, a curiosidade vence meu próprio desígnio.

Pela primeira vez, o mundo ao meu redor deixa de ser intuitivo, um resultado estruturado de meu saber, e ganha cores e luzes violentas que me ferem as retinas como uma navalha.

E grito de dor.

Uma explosão faz o chão trepidar com violência. Elevo o olhar por reflexo vislumbrando o brilho prateado de caças passando acima de nossas cabeças, o vapor formando rastros brancos sob as asas. As

presenças de Fobos e Deimos são marcantes agora, os covardes transitam entre as sombras para prestar auxílio ao pai. Ares trará abaixo o outro lado da cidade. O alvo não é o bairro onde estamos, afinal, este foi entregue aos ratos, aos feridos e sobreviventes que se escondem nas fundações do que foi um dia um famoso centro comercial dos mortais. Mas as bombas caem estrondosas como se fossem os fogos de artifício que saúdam as intenções do Deus da Guerra em sua grande festa. E eu até seria capaz de imaginar o sorriso sádico dele se não fosse agonia que me alucina, obrigando-me a trincar os olhos e os dentes.

Em meio ao ataque de grande magnitude, o garoto me empurra para tentar fugir, mas eu o seguro mais uma vez.

– Quer me matar? Me solta!

O desespero transborda de sua voz.

Ele teme morrer em meio ao ataque aéreo e eu temo que ele suma para sempre.

Com um puxão bruto, ele me coloca de pé e me obriga a correr. Aos tropeços, eu o sigo na jornada não escrita. Meus instintos estão confusos, os olhos, fechados para evitar a dor. A única meta importante é mantê-lo preso a mim, enquanto ele segue indiferente, centrado em escapar do bombardeio. Tento nos levar para longe dali usando meu poder, o que me faz descobrir que não consigo nos transportar para um ponto mais seguro da cidade.

Quem é este humano imune a minha força?, me pergunto. A corrida cessa quando ele me lança para baixo e eu perco, por fim, a conexão com seu pulso.

A sensação de queda se estende por segundos, até que minhas costas se chocam com o chão empoeado, e um peso extra desaba sobre mim.

As explosões ecoam acima de nós, violentas. Em toda a duração do ataque, não me mexo. Nunca fui tão agredido, preciso de tempo. Sinto a respiração pesada dele no pescoço. O jovem descansa a testa em meu ombro, tentando recuperar o fôlego. O coração dele bate desenfreado contra o meu.

O odor da umidade é intenso. O chão ainda treme com os estouros longínquos, a água vibra em consequência, e nós continuamos imóveis.

Bem devagar, ousou entreabrir meus olhos.

A luz no local não é tão hostil. Ela vem distante, quase morta, da abertura na parte superior de um dos antigos aquedutos subterrâneos, por onde caímos. A penumbra nos toca com suas sombras opressoras por ambos os lados.

Embora toda a minha capacidade sensorial esteja em pleno funcionamento, o rapaz sobre mim continua fora do alcance desta percepção apurada. A claridade, mesmo fraca, ainda me faz lacrimejar, ardendo os olhos que jamais foram usados, que jamais enxergaram algo.

Pisco, tento me acostumar tanto com a nova visão quanto com a loucura que cometi. Nunca fui tão irresponsável.

Aos poucos, o barulho das explosões cessa e o rapaz se move. Ele ergue o torso, apoiado nas mãos espalmadas no chão. Um frio percorre meu peito durante o movimento e o corpo dele se sobrepõe à luz que lhe dá contornos firmes, delineados por um admirável brilho etéreo.

Minha mente paralisa em suas cores ao ver a tonalidade da pele amorenada, manchada de sujeira, o cabelo muito escuro cujos cachos pendem para frente e margeiam sua face angular, os olhos cor de oliva que me encaram assombrados.

– Você não passa de um mortal – constato desanimado.

O cenho dele se franze e um murro estala, virando meu rosto para o lado.

– Que descoberta incrível, imbecil – ele esbraveja e se levanta, sem muita estabilidade. Trêmulo, encosta na parede atrás de si, escorregando até estar sentado com os joelhos flexionados. – Você quase me matou lá em cima.

Endireito-me, buscando dispersar o formigar incômodo da agressão. Aponto para o buraco sujo de sangue em seu casaco e recordo o que houve:

– Você se regenerou de um tiro.

Ele se dá conta, enfim, do ferimento acarretado pela bala e abre com pressa o casaco, erguendo a camisa posposta, incrédulo conferindo sua pele. Eu observo o torso nu repleto de borrões vermelhos de sangue. Estou hipnotizado por suas cores intensas, ansiando por erguer minha mão e tocar a superfície que me cativa pela vivacidade.

– Pare de me olhar assim – ele grunhe, fechando o casaco.

– É a primeira vez que enxergo de verdade – explico desorientado com o que venho descobrindo.

Ele parece incomodado. Tenta me olhar direto nos olhos, mas desvia.

– Tome – ele joga a venda sobre minhas pernas. – Coloque esta merda de volta na cara.

Miro a faixa negra com estranheza, antes de tornar a fitar o rapaz.

– Algum problema com os meus olhos?

– São horríveis – ele murmura, me encarando por um breve instante, mas voltando a virar o rosto.

– Eu não poderei vê-lo se cobrir os olhos.

– Melhor ainda – ele exclama, levantando-se, agitado. – Se não pode trazer o Lajar e o Giorgos de volta, então, caia fora. Volte pro buraco de onde veio.

– Preciso saber por que não está conectado às minhas linhas. – Eu acompanho seu movimento, ficando de pé. – Você é um elemento perigoso que pode corromper o predestinado.

– Eu vou corromper é a sua cara, se não me deixar em paz. – Com os olhos estreitados, ele me empurra e sai andando pela galeria.

– Eu não posso deixá-lo solto – apresso-me a segui-lo, irritando-o mais.

– Escuta aqui, *Destino*. Eu não sou ninguém. Minha família era o Giorgos, que ficou órfão na guerra, e o Lajar, que perdeu o pelotão dele e decidiu cuidar da gente. Não há nada de especial em mim.

Um órfão da guerra, como Giorgos fora, assim como muitos outros seriam. Um sobrevivente. Uma das farpas afiadas que se negavam a virar pó. Um adolescente de nome Alexandros – como ouvi Lajar chamar momentos antes de ter sua morte adiantada.

Mas quem é Alexandros?, me pergunto. Quem é esta figura enigmática que, por mais que eu tente, não enxergo conexão com qualquer outro ser vivente? Sem pistas a seguir, abro o livro e procuro por interações. Invado o passado de Giorgos, me entremeio à vida de Lajar, me esforço para encontrá-lo lá com sua autoproclamada família e ver onde a escrita do Grande Livro do Destino destoou do restante.

E está lá, agora eu sei. Como um fantasma, um espectro que só é notado quando nos concentramos nos detalhes mais sombrios do ambiente ao nosso redor.

Alexandros está nas conversas, nos sorrisos trocados, nos sentimentos, nos abraços e na curta convivência com os dois humanos que considera tanto. Se eu folhear as páginas ao contrário sei que encontrarei o rastro dele por meio de humanos com quem interagiu, mas é uma tarefa demorada e eu anseio por respostas imediatas.

– Quem era você antes de conhecer o Giorgos e o Lajar?

– Eu era filho de uma vadia qualquer. Tive de me virar sozinho depois que ela decidiu que eu atrasava a vida dela. Levou um tiro bem no meio dos olhos. Tava tão alta que morreu rindo – ele replica com uma

risada seca. – E se eu fosse me preocupar em perguntar a cada soldado e vagabundo com quem ela trepava qual deles era meu pai, morreria de fome ou coisa pior. O que mais tem por aí são órfãos como eu. Não pense que existe algo de extraordinário na minha vida, porque não tem.

O filho de uma das sobras da sociedade humana.

– E como explica o tiro não tê-lo matado? Por que não está preso a mim?

– Eu não sei, caramba! – ele explode. – Como quer que eu saiba essas coisas? Sou apenas mais um sobrevivente. Lide com isso e pare de me perturbar.

Eu não tenho como impedi-lo de ir, não possuo poder para levá-lo ou mantê-lo comigo até determinar o que o diferencia dos demais. Entre as adversidades que prejudicam minhas ações sobre ele, prevalece a insistência, e eu encontro soluções que jamais cogitaria se não estivesse sobre um tabuleiro de um jogo que desconheço.

– Eu posso proteger você – ofereço, cogitando o único meio de tê-lo ao meu alcance.

Ele para, se vira para trás e, como se duvidando do que ouvira, indaga:

– O quê?

– De Caos, de Ares, dos deuses... – explico, vendo o cenho dele se franzir ainda mais. – Posso protegê-lo do mundo ao seu redor.

– Em troca de quê? – ele deduz a minha intenção. – De eu virar uma cobaia sua?

– É necessário – afirmo, e ele balança a cabeça em negativa. – Enquanto eu não souber o que é você, é perigoso permitir que se machuque ou que interfira no caminho de mais pessoas. Você antecipou a morte de seu amigo, caso não tenha notado. Com sua gritaria ao me atacar, atraiu a atenção do atirador.

A revelação o afeta, o faz engolir em seco e a hesitação, por alguns segundos, me dá a esperança de que ele mudará de ideia.

– Eu não vou te seguir – ele se vira e se afasta em passadas largas.

– Deixe-me acompanhá-lo, então – negocio, me adiantando para tocá-lo no ombro. Quando me dou conta do que eu disse, choco-me com o peso das palavras. Ao adolescente falta perspicácia para perceber que estou me submetendo em vez de submeter.

Envolvido por tal conclusão, tropeço para trás com o susto que ele me prega ao se virar de súbito, com os olhos crispados.

– Eu nunca acreditei nessa baboseira de deuses e conhecer você só me fez odiar mais a ideia de que aquela desgraça toda lá fora está sendo imposta por uma gente que se acha superior. Por você! – Ele cospe as palavras com raiva. – Sabe o que é ódio, Destino? Ou a sua concepção se limita às linhas da merda desse livro? – ele finaliza, arrancando o tomo sagrado de mim, jogando-o contra a parede de concreto, ao mesmo tempo em que me empurra para o chão.

A atitude inesperada me estarrece, branqueia meu raciocínio e faz emergir uma forte ira. Uma coisa é certa: é mais fácil encarar o mundo mortal estando vendado. Sem a faixa, fico exposto, suscetível às reações dele como jamais ocorrera em toda minha existência, me sinto mais fraco.

– Prefere andar sozinho? Sofrer em meio à guerra? – indago entre dentes, indignado, contendo a onda de violência que ameaça me controlar. – Prefere ser feito prisioneiro, torturado? Virar um peão nas mãos das facções? – Minha voz se eleva e o questiono, querendo me erguer para buscar o livro, mas temendo desviar meus olhos e ele desaparecer. – Tomei-o como alguém que prioriza a sobrevivência, mas é somente um tolo chorão, uma criança rebelde.

Ele trinca o maxilar e, assim como eu, luta contra um instinto mais violento. Consigo determinar isso através das linhas de seu rosto: o debate entre a fúria e a razão. Ele quer me bater, extravasar a

agressividade que provoquei ao inferiorizá-lo. Mas, de forma inesperada, a ira se desfaz e ele vai até o livro. Depois, caminha resolutamente até onde me encontro sentado e inclina-se, tomando dolorosamente o meu pulso para colocar o tomo de volta em minha mão.

– É bom que cumpra o que disse – ele diz, entre a ameaça e a resignação.

A decisão me invade de alívio, sobrepujando a raiva, e penso que poderei começar a centrar meu raciocínio para desvendar os segredos que envolvem sua existência.

Curioso, ele toma a faixa que ainda seguro, se ajoelha perante mim e me olha dentro dos olhos. O que sinto, não sei explicar. O jeito como ele me encara me desequilibra, faz meu raciocínio parar de funcionar, anula todo meu conhecimento. Reparo o movimento de sua garganta conforme engole a saliva antes de erguer o pano negro e pergunto-me o quão abominável meus olhos devem ser para que ele anseie cobri-los com tal determinação. A venda se aproxima, retorna ao seu local de origem. Uma sorradeira desolação me abate no instante em que as cores perdem a vivacidade e as imagens voltam ser apenas contornos monocromáticos em minha mente.

– Será que sou o único? – ele questiona como se pensasse alto.

– O que quer dizer com isso?

– Bem, se eu não estou preso ao destino e você diz que não pode me ver e só me descobriu por acaso – ele pondera por um minuto, não mais parecendo com o jovem agressivo e intolerante de antes. – O que garante que não existam outros iguais a mim, soltos das suas linhas, e que você só não os percebeu?

– Isso é impossível. Se existissem mais casos como o seu, eu teria notado com mais facilidade a soma destes elementos deslocados. Mesmo assim, pretendo investigar mais a fundo as páginas do livro para confirmar se é a única linha solta.

– Preocupado por não ter todo mundo em uma coleira? – ele indaga. Quase posso imaginar um sorriso no canto de seus lábios.

– Seu sarcasmo... – estreito os olhos, mesmo vendados. – é irritante.

– É irritante... – ele amarra forte o nó atrás de minha cabeça e o tranco me provoca um gemido mudo de incômodo – porque estou certo.

– Está errado. Eu sou um deus e existo para determinar os caminhos dos mortais. Se tivesse a mínima noção do alcance do meu poder, não falaria uma bobagem dessas.

Ele fica quieto, sua falta de movimentos é suspeita. O que está pensando? Esperava que ele fosse rebater com uma tirada ácida, mas o que sinto é a respiração dele se aproximar de meu rosto. O nariz dele esbarra suavemente no meu e, sem que eu espere, algo úmido e liso roça a minha boca, causando um formigamento na região do toque.

– Alexandros...? – Ele nada diz, mas sei que se afasta.

Um pânico cresce em meu âmago e me condeno por ter confiado nele.

Estendo os braços na vã tentativa de tocá-lo, mas não consigo.

– Alexan...!

A mão dele segura a minha antes que eu comece a desfazer o nó de minha venda.

– Você não pode mesmo me ver, nem prever meus movimentos. – ele confirma, então me viro para trás, na direção de sua voz. Descubro que havia acabado de passar por um teste e me irritado.

Porém, quando os dedos dele se firmam entre os meus, pouco sobra da raiva ou da lembrança daquilo que a causara. Fica em meu rosto somente um sorriso sereno, discreto, enquanto ele me guia rumo à saída, e saboreio os últimos resquícios da sensação dos lábios dele nos meus.

– Venha.

Ele me direciona para fora das galerias. Com cautela, se esgueira por becos, pelos restos das ruas repletas de destroços originados do ataque aéreo. Ao me levar de volta ao lugar onde nos conhecemos, imagino o que fará. Ao começar a soltar a minha mão, num gesto reflexo, seguro-a com firmeza.

– Não vou fugir. Preciso fazer uma coisa.

Confiando em sua palavra, permito que se vá. Em minha palma, fica o frio causado pela ausência do seu calor.

Vejo que o corpo do soldado é arrastado por uma força invisível, levado com dificuldade até a viela onde o pequeno Giorgos se encontra. Ambos foram poupados do impiedoso bombardeio de minutos atrás. Eu o sigo e me encosto à parede de um dos prédios que ladeiam o beco. As estruturas estão mais do que abaladas, embora as construções de meio quarteirão se mantenham bravamente de pé. Elas não cairão até que eu saia dali. Depois, uma rachadura numa coluna de sustentação as derrubará. Observo os corpos serem posicionados lado a lado e escuto um fungar ou outro, mas nada comento. Ele é um humano, devo respeitar o luto por seus amigos.

Alexandros usa uma tábua velha como pá para cobrir os corpos com a neve que se acumula em abundância. Dada nossa condição, é como ver um fantasma mover objetos.

Como esperado, Tânatos se materializa próximo ao corpo de Lajar. Está aqui pelo soldado e exhibe em sua frente um ar de contrariedade. A tábua para de empurrar a neve.

– Des, você está ficando demente?

– Não é hora de brincadeira, Tânatos.

– Como também não era hora de eu vir buscar esta alma aqui. Pensei que não curtisse pegadinhas, Senhor do Livrão.

Tânatos se posiciona e ergue a foice, entretanto, seu movimento seguinte é impedido por uma pegada firme em seus braços.

Alexandros...

Sem ser capaz de vê-lo, pouco posso fazer além de reparar no transtornado rosto da morte. Tânatos, enfim, nota que o adolescente tem consciência de sua presença.

– Alexandros, a única coisa que vai conseguir impedindo o trabalho de Tânatos é que a alma de Lajar fique presa a uma carcaça que irá apodrecer e se deteriorar com o tempo – intercedo para evitar algo pior.

Não sei o que ele pensa, nem o que sua feição denuncia, mas os braços de Tânatos são libertados e descem de uma só vez, acertando a foice bem no centro da testa de Lajar. O crânio racha e uma intensa energia explode em pura luz, se dissipando em segundos.

– Eu só queria mais um pouco de tempo – escuto Alexandros confessar, enquanto volta a usar a madeira como pá.

– Des? ...Oi? – Tânatos cutuca o meu braço com a foice, me tirando do estado de dispersão causado pelas últimas palavras de Alexandros. – Me corrija se eu estiver alucinando, mas... ele não é um humano?

– Sim.

– E como, por Hades, ele está nos vendo? – A morte se exaspera, tanto por receio quanto por descrença.

– É uma boa pergunta.

Narro em sequência todos os momentos desencadeados desde a morte do menino. Omito detalhes, minúcias que ele não precisa saber sobre minha interação com Alexandros, mas de resto tento ser

detalhista. Presencio o surgimento de uma ruga de preocupação no semblante do ceifador de almas, indicando que ele compreende o quanto o problema diante de nós é alarmante.

Durante nossa conversa, vejo que aumenta a rapidez com a qual são cobertos os mortos, e julgo que o adolescente, em sua psique volátil, está extravasando sua frustração.

– Consegue levá-lo até o Aqueronte? – levanto uma nova possibilidade.

– Des, ele não está morto. Não pode simplesmente empurrá-lo para Hades. Além do mais, se seus poderes são inúteis com o moleque, por que seria diferente comigo?

– Eu não sei, mas gostaria que fosse possível tirá-lo daqui. Não quero empurrá-lo para dentro do Aqueronte, quero... – meneio a cabeça na direção dos corpos e finalizo: – dar o tempo que ele pediu, com os mortos.

Sem aviso, Tânatos segura meu rosto com ambas as mãos e me olha exultante.

– Você finalmente decidiu provar daqueles injetáveis mágicos dos humanos que fazem ver duendes?

Afasto suas mãos e ele me encara compenetrado. Continua parado me olhando, procurando por meus olhos vendados como se pudesse ver além do tecido.

E por fim ele vê, descobre a verdade.

– Você fez pior do que isso, não fez? – reparando no endurecimento de meu semblante, Tânatos tenta amenizar sua acusação. – Olha, não estou te recriminando. Quem sou eu pra pregar moral? É até legal você aí todo comovido com algo que não seja o Livrão, apesar de ser bizarro te ver reagindo assim caridoso por causa de um moleque humano.

– Tânatos, você pode ao menos tentar? Faça isso por mim.

Ele nada mais tagarela. Vira-se e assovia, fazendo sinal para que Alexandros se aproxime. A morte, diferente de mim, é capaz de vê-lo e, talvez, somente talvez, tenha a energia necessária para conceder o meu pedido.

– Me dê a sua mão aqui, rapazinho – ele pede, assim que as pegadas na neve se aproximam dele.

Sem resposta, ele se adianta e pega no que eu creio ser o ombro do garoto.

Em silêncio, ele se concentra, mas nada acontece.

– Ele é uma aberração – Tânatos resume meus pensamentos de maneira espontânea.

Sem paciência, Alexandros estapeia a mão de Tânatos para longe, voltando para sua tarefa de cobrir os corpos com neve.

Dessa maneira, descobrimos que Alexandros também é imune à força fulminante da morte.

– Pode manter o bico fechado? Só desta vez? – pergunto, sabendo que a morte adora dar com a língua nos dentes.

– Boca de siri. – Ele passa um zíper imaginário na boca e ri. – Agora tenho que ir, o dever grita por mim. Boa sorte com o rapaz, Des – ele diz, sumindo em um piscar de olhos.

A morte é péssima em guardar segredos, mas sei que pelo menos irá tentar. Quem sabe passe um dia ou dois sem deixar escapar para algum outro deus que estou acompanhando um humano que não é preso às minhas linhas.

Certo. Estou sendo extremamente otimista. Tânatos abrirá a boca na primeira oportunidade, e logo os deuses virão disputá-lo. Pensar nessa imagem me faz lembrar de uma coisa.

– Espere – peço, antes que Alexandros termine o enterro. Os corpos estão quase cobertos, com exceção das cabeças.

Ele para e eu estendo minha mão. Na minha palma surgem duas pequenas moedas de prata. Assim que me aproximo, abro a boca de cada um dos mortos, e as deposito embaixo de suas línguas. Logo depois

me distancio, para ele terminar os sepultamentos.

Não posso levá-lo até o Aqueronte, mas posso garantir que as almas das pessoas que ele amou encontrem descanso.

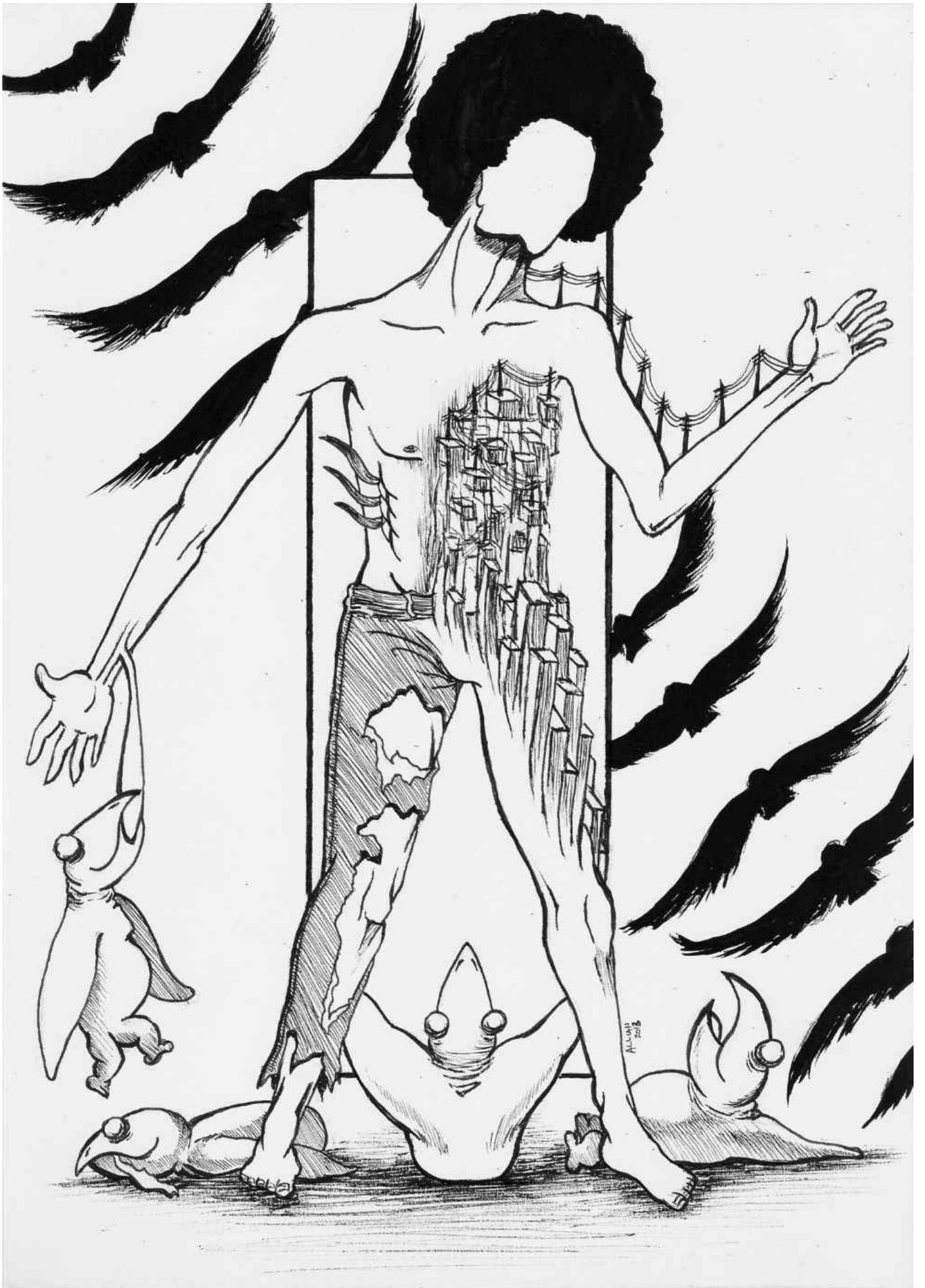
– Podemos ir agora – ele atesta ao fim de seu funeral improvisado.

– E para onde vamos?

– Não sei... – ele segura minha mão e volta a me guiar pelas ruas desertas da cidade devastada. – Isso importa?

Mentalmente, respondo com uma negativa. Não, não importa para onde iremos ou quanto tempo passará até minha busca ao lado dele chegar ao fim. O que importa é desvendar o mistério que o rodeia, entender a forma como ele molda sua mão à minha, entrelaçando nossos dedos, enquanto caminhamos. O que importa é que existe em mim um desejo latente, a centelha de uma vontade proibida de ver o mundo, outrora monocromático, pelo prisma de seus olhos.

– Não, acho que não – enfim respondo e o sigo, sem rumo, sem destino.



O Dono do Cinturão Caminha entre Gigantes – Cirilo S. Lemos

É um soco certo na boca, um cruzado que pega de jeito e traz uma constelação para orbitar sua cabeça. As pernas tremem, ele concentra as forças nos joelhos antes que estes se dobrem e façam o Pesadelo aumentar a intensidade dos ataques. Se isso acontecer é o fim, está fodido eternamente, nada de grana, nada de Felicidade, nada de nada, perder é perder tudo, a derrota é como a morte, não a morte metafórica que Gualter berraria a fim de elevar seu moral, morte real, morte de verdade, daquelas em que se enterra o cadáver para ele apodrecer sob o lixo.

Outro cruzado, não pega por pouco, moveu a cabeça um centímetro para trás e sentiu o vento passar diante do seu nariz. É tudo muito rápido, tudo muito depressa, ele precisa reagir, afastar o Pesadelo antes que fique imprensado contra a grade, o desgraçado está com mais volume de jogo nos últimos cinco minutos, tem que reagir. Em algum lugar entre as estrelas que brilham ao seu redor, perdido entre os gritos das pessoas, o córner está gritando, reage, porra, afasta o cara, afasta o cara, estou tentando, ele gritaria, mas tem de se concentrar. Pesadelo é muito forte, os socos dele pegam doído, parecem amassar a carne e deixá-la meio morta. Uma sequência de jabs, um-dois-um-dois-três, Pesadelo, um cara enorme com peitos de aço, fecha a guarda e sai de lado, agora, porra, agora, deu tempo, pisa fundo, passa o carro nele ou então espanta esses pontos brilhantes na periferia dos olhos, não deixa ele ver que está tonto, quatro assaltos de vantagem não são nada diante de um TKO.

O córner está berrando alguma coisa, mas ele só consegue ver o relógio gargalhando, dizendo que ainda tem dois minutos pela frente e que os músculos esgotados vão ter de aguentar. Dois minutos é o tempo que Deus levou para criar o mundo aqui dentro da jaula, um tempo quase mitológico, infundável, um líquido espesso no qual o campeão se move lenta e graciosamente, tal qual uma bailarina. Movimentos belos, precisos e cheios de dor.

– Vai nas pernas – finalmente entende o que o córner está dizendo. Ir nas pernas, derrubar, manter o jogo, administrar a vitória por pontos.

O Pesadelo solta um chute alto que explode no bloqueio, faz os ossos tremerem e as estrelas brilharem mais, lá vem outro, e outro, o ginásio está meio de lado, seu equilíbrio está meio de lado, se continuar assim o Demolidor Jr. é quem vai ser demolido pelo desafiante no último assalto, maldição, está velho demais para isso, não é a primeira vez que o fôlego ameaça virar a luta para o adversário. Não pode perder, perder é não ter Felicidade, perder é morrer, é ver Marcos indo embora.

– Vai nas pernas – eles continuam gritando, esganiçados, sabem que ele está perdendo a luta em pé, é o que vai fazer, prepara o impulso e vê que o Pesadelo, mais rápido e mais jovem, já se antecipou e está descendo para suas pernas, vai derrubá-lo e amassá-lo no chão. Sem pensar, seu joelho vai de encontro

ao queixo dele, um impacto violento que o faz desabar no chão como estátua de ditador deposto, os olhos vidrados de quem não está mais ali.

O campeão está tonto, a torcida está enlouquecida, o árbitro de repente está sobre ele, impedindo-o de continuar a martelar o homem caído, acabou, acabou, Demolidor Jr. venceu, o Pesadelo está acabado. As energias se renovam sabe-se lá como, ele salta sobre a grade, acena para a plateia que veio vê-lo lutar contra outro homem bom, alguém que não vai ter Felicidade. O córner está ali, comemorando junto com ele, treinadores de boxe, jiu-jitsu, wrestling, tudo, o cinturão dourado e prateado da Liga Definitiva Oeste é preso à sua cintura, seu braço é erguido.

O mundo inteiro volta a se mover em ritmo normal para Tito Nogueira, o Demolidor Jr., quando ele sai da arena onde é rei.

Nas velhas gravações de vídeo, guardadas como um tesouro, essa parte costumava ser diferente. O corredor era eterno, formado por pequenas explosões de som e imagem. Em cada uma delas, centenas de rostos tomados pelo frenesi, centenas de braços se agitando, serpentes alimentadas pelo álcool e pela euforia, tentando tocar, sentir, tomar um boné, um gorro, um toque de punho, qualquer coisa que servisse de lembrança do momento em que, tal qual um Moisés a atravessar o mar fendido, o campeão percorria a trilha no meio da multidão, deixando para trás a jaula onde derramara seu sangue e seu suor em sacrifício ao deus do espetáculo.

Mas isso foi antes. Hoje Demolidor Jr., portador do cinturão, caminha por um ginásio empoeirado e imerso no fedor de urina, iluminado por um holofote pequeno. A plateia, que antes chegava aos milhares, agora mal passa de duas ou três centenas de indivíduos espremidos nas arquibancadas do que fora uma quadra escolar. Eles gritaram, aplaudiram, vaiaram; os ecos se espalharam pelo espaço, reverberando pelo encanamento gotejante, ricocheteando nos ladrilhos, transformando a quadra no palco do maior combate que o Arquipélago já viu.

O MAIOR COMBATE QUE O ARQUIPÉLAGO JÁ VIU: DEMOLIDOR JR. VS. PESADELO. Isso está escrito na faixa pintada em vermelho logo acima do cubículo que serve de bilheteria. Também está nos folhetos mimeografados espalhados pelas ilhotas, postes e becos. Na verdade, a maior batalha que o Arquipélago já viu foi há trinta anos, quando todo o fogo dos militares se concentrou no Gigante que rasgou a cortina que separava a Terra do Subsonho. No vestiário, logo atrás do banco onde Tito está agora, com o rosto enterrado nas mãos, também há um desses cartazes. Um desenho mal feito onde ele encara o Pesadelo, um antigo companheiro de *lucha*. Bater na cara de um amigo – ou um ex-amigo – não é agradável. Mas poucas coisas são agradáveis depois que o mundo acaba.

Lá fora, as pessoas ainda gritam seu nome dez minutos após o fim do combate.

– Eles te amam, campeão.

Tito ergue os olhos para o homem parado à sua frente. Gualter é seu empresário, o sujeito que o tirou das brigas de gangues, espanou o desespero de seus ombros e ensinou-lhe que a melhor forma de exorcizar os fantasmas era dentro do *cage*, onde podia ganhar um bom dinheiro, um pouco de fama e, com sorte, umas doses a mais de Âncora. Gualter tem um sorriso de satisfação na cara quadrada.

– Escuta só a glória – ele aponta para um lugar indefinido e faz pose de quem está prestando uma atenção quase reverente ao som que vem de fora do vestiário. Tito ouve o coro da multidão chamando por ele. Sente as golfadas de orgulho percorrendo-lhe o corpo a partir do estômago, olha as mãos cobertas pela gaze e pelas luvas de seis onças, a máscara de couro largada sobre o banco.

– Ei, Demolidor, olha para a câmera – diz um rapaz de boné azul. Não deve ter mais que vinte anos, apesar da barba, da barriga protuberante e das olheiras. Aponta a filmadora para Tito.

– Tira isso da minha cara – este retruca, meio a sério, meio brincando. Não é muito afeito a fotos e vídeos. Fica tímido, o que ele mesmo admite ser contraditório considerando a sua condição de principal *luchador* meio-pesado da LDO. O cinegrafista chama-se André. Está ali a mando dos Sonhadores, registrando cada segundo do antes e depois da “maior luta que o Arquipélago já viu” para um documentário sobre a importância da saúde física e mental para a manutenção da Realidade Consensual B. As pessoas precisam disso. Estão todas morrendo devagar, se desfazendo numa depressão abissal contra a qual são incapazes de lutar enquanto o Arquipélago, tal qual a Realidade Consensual A, lentamente se desintegra.

Tito se lembra de Marcos. Tem de fazer a sua parte. Sorri para a câmera, ensaia um discurso otimista, gagueja, começa de novo.

Quando a comemoração pela vitória se inicia, Gualter manda André parar a filmagem. Os Sonhadores não aprovariam a bebedeira, as mulheres, os excessos. Algumas das meninas levadas ao vestiário têm menos de quinze anos. Os técnicos se atacam com elas dentro dos banheiros. Gualter já bebeu um terço da garrafa de um uísque produzido numa banheira qualquer. Seu fígado não está na melhor das condições, mas ele não se preocupa com isso.

– Você não beber eu entendo – André fala para Tito. Acende um cigarro, depois aponta para a garota ruiva que mostra os peitos para Gualter. – Mas dispensar esse monte de mulher, campeão?

– Cala essa boca – Tito se limita a responder. Não precisa se explicar, não é obrigado a comer nenhuma daquelas putas adolescentes só porque estão disponíveis. Essa é a parte que ele mais detesta nisso tudo. Sente-se deslocado, uma sensação ruim o estrangula. A orgia é para ele – ou ele é o pretexto –, mas não participa delas. Interessa-o apenas receber sua parte na bolsa e ir para casa saber se tudo está bem.

As meninas permitem que a equipe explore cada pedaço de suas carnes, seios em crescimento, vaginas de penugem rala, bocas sem inocência, sorrisos sem alma. Elas gargalham, dão gritinhos, dançam e cantam com copos de cerveja nas mãos. Quase todas em algum momento se atiram sobre Tito, mas ele procura se esquivar de cada uma delas. Sabe que é difícil resistir ao percorrer de uma língua sobre a pele. Afasta-se como um santo afastaria a tentação, sentindo o corpo estremecer. São crianças, diz a si mesmo, só crianças.

A festa acaba com Gualter distribuindo duas pílulas de Âncora para cada garota como pagamento. Uma pílula representa mais um dia que o pai, mãe, filho ou irmão vai resistir aos impulsos suicidas. Mais um dia sem se matar. O mais provável é que acabem no bolso de algum cafetão, que vai vender caro num beco qualquer. Âncora é difícil de conseguir. Os Sonhadores entregam vinte unidades mensais para cada habitante cadastrado para evitar novos surtos de suicídio em massa. A droga induz a um tipo limitado de sonho, o que ajuda a aceitar e manter coesa a Realidade Consensual B – o Arquipélago. Não é grande coisa, mas alivia a pressão sobre o subconsciente, esse diabinho que vive matraqueando que a realidade natural do ser humano não é esta. E alívio é só o que podem dar. As pessoas ainda ficam dez longos e terríveis dias expostas aos desejos de autodestruição que uma mente que não sonha produz. É preciso ser forte. Nesse mundo monocromático, poucos o são.

Tito vê uma das meninas enfiar uma pílula na boca e engolir a seco. É a primeira a sair. Ele não a verá mais. Provavelmente se atirará do alto de alguma das ruínas se não conseguir trocar sexo por uma nova dose amanhã ou depois.

– Hora de ir embora, pessoal – anuncia Gualter. Está bêbado. Destranca a porta e olha para o agora vazio ginásio. – O caminho está limpo. Os seguranças já expulsaram todo mundo daqui – ele dá dois

passos incertos para fora do vestiário, o senso de equilíbrio transformado em algo com a consistência de uma gelatina.

André e os técnicos pegam suas bolsas e seguem para as lanchas. Tito é o último. Ergue o cinturão com cuidado. É feito de imitação de couro e latão dourado, sem valor além do que representa. Joga-o sobre os ombros, respira fundo. O Gigante se ergue por trás do que sobrou dos prédios, tomando grande parte do céu. Tito observa-o da janela de uma das duas lanchas que seguem pelo labirinto de canais. Junto com ele, na embarcação da frente, estão Gualter e três seguranças armados. No de trás vêm os técnicos de boxe, outro segurança e André, que faz algumas tomadas das ilhas de entulho e lixo.

– Guarda isso, cara – diz o segurança. É careca e tem um nariz fino feito uma faca. Foi contratado diretamente nos sindicatos que se formaram após a dissolução das filiais regionais da Blackwater e Chinagun. – Aqui não é o condomínio fechado onde você dorme. Não vai querer um scuba cortando fora seu braço com um facão por causa de uma merda de filmadora.

A câmera desaparece na bolsa de André.

Tito mira o céu que deve existir por trás do Gigante, sacolejando enquanto o barco desvia dos dejetos flutuantes. Os Sonhadores não têm recursos para recolher a montanha de escombros do que antes eram edifícios orgulhosos, nem as minas deixadas nos canais para destruir as barcaças de comércio. Tito passou a maior parte da vida vivendo numa realidade em ruínas, arrasado pela presença daquela monstruosidade no horizonte. Uma de suas lembranças mais vívidas de quando criança era o pai gritando *meu Deus, meu Deus* agarrado a uma Bíblia encadernada em couro. São memórias estranhas, tênues como ecos numa caverna.

Naquela época, o governo era quase todo controlado por bancadas religiosas cada vez mais empedernidas. Gente que queria transformar o Estado numa espécie de templo político e inviabilizaram o esforço de guerra, taxando as incursões no Subsonho, onde a humanidade rascunhava a Realidade Consensual B e lidava com as formas bizarras de consciência que ali existiam, como ações contrárias à natureza de Deus. Foram esses caras que viram, impotentes, os fictovermes descarregarem suas divindades-armas sobre o mundo real,, um misto de máquina, organismo vivo, rocha e sonho, devastando cidades simplesmente aterrissando sobre elas.

Meu Deus. O pai só sabia dizer isso.

Tito pensava em algo como o carnaval: tanta gente fora de suas casas, enchendo as ruas, as pontes, os morros. Todo mundo louco. A guerra estava chegando à Realidade Consensual A. O comércio foi saqueado, casas depredadas, mulheres estupradas. Era impossível conseguir comida e remédios. A energia acabou e não voltou mais. Mas Tito pouco se importava: era pequeno ainda, e tinha seu saco de areia e suas luvas.

Ninguém sabia o que estava acontecendo de verdade, e em pouco tempo ninguém parecia mais se importar: era a oportunidade de praticar um pouco dessa selvageria que só os homens possuem. A polícia já havia desistido quando o exército obrigou as pessoas a voltarem para as suas casas. O pai de Tito trancou-o no quarto. Por vários dias só o que ele via nas ruas eram cachorros vadios e jornais velhos levados pelo vento. E aquela monstruosidade bloqueando o sol, centenas de casas esmagadas sob seus pés. Nave, monstro, deus, anjo, o que quer que aquilo fosse, estava absorvendo os paradigmas que mantinham o mundo funcionando.

Tito não gostava da sombra que o Gigante projetava sobre a cidade. Era fria e dava sono. Não podia ir às aulas de boxe. Parecia que todos estavam esperando uma tempestade chegar. Mesmo agora, enquanto viaja pelos canais do Arquipélago ouvindo Gualter falar dos peitinhos rosados da ruiva com a

língua amolecida pelo álcool, ele ainda a detesta. O Gigante continua lá, três décadas depois de ter causado o fim do mundo, inamovível como uma esfinge, tão real que pode ser visto, ainda que palidamente, bem ali, na Realidade Consensual B. As pessoas habitam sua sombra. Estão abaixo dele, sobrevivendo como podem, fungos lutando num espaço inóspito. A humanidade inteira agora um bando de mendigos morando embaixo de uma ponte.

Lá está ele, atrás das ruínas e dos morros, aquela coisa maldita, preenchendo o presente e os fragmentos de memória que dançam na mente semiadormecida do campeão. Não há mais sonho de verdade, apenas o espectro de um sonho. A mente se torna incapaz de lidar com o subconsciente sobrecarregado. As pessoas piram. Os fictovermes vedaram a passagem para o Subsonho e para a Realidade Consensual A. Agora são inatingíveis, e seus deuses-armas permanecem no mundo que pertencia ao homem desde que desceu das árvores.

(Gualter ainda está falando das putas adolescentes.)

Tito acha que pode estar tendo um sonho, enquanto viaja pelos canais. Isso é impossível, ele sabe. Ele está no barco agora, mas também está na janela do seu quarto, ainda criança, observando dezenas de helicópteros militares voarem baixo em direção ao Gigante, aviões de guerra riscando o céu, um comboio de caminhões atravessando a avenida, pelotões nervosos nas caçambas. Formiguinhas e abelhinhas. Ele tinha um livro chamado *Aventuras de Gulliver*. Infelizmente, o livro foi para o lixo quando seu pai aceitou o cada vez mais diáfano Jesus.

As duas lanchas param no deque estreito do condomínio. Um guarda armado verifica com uma lanterna a identidade fornecida por Gualter, enquanto o outro se mantém mais atrás, fuzil em punho. Procedimento de rotina, eles sabem quem é Gualter e quem é Tito Nogueira, mas não podem ignorar o protocolo. É difícil encontrar trabalho nestes tempos difíceis. Quem não tem cupons, não compra Âncora. Sem Âncora, você morre.

– Abra o portão – ordena o guarda, com um breve aceno para os seguranças dentro dos barcos.

A cabeça de Tito pende para frente. Ele não pode sonhar completamente com aquela noite, tantos anos atrás, mas pode reconstruir as lembranças naquela zona nebulosa entre o sono e a vigília. Foi como a festa de Ano Novo, só que muito mais legal. Mais fogos de artifício espocando pelo céu, mais tracinhos coruscantes, milhares deles, subindo até as nuvens e se estilhaçando contra o metal/carne/pedra do Gigante, mais gritos de pessoas. O pai irrompeu pela porta do quarto, esbaforido, mandando ele confiar em Cristo e se enfiar debaixo da cama, a saliva espumando no canto da boca:

– Tem uma guerra acontecendo lá, filho.

É a última lembrança que Tito tem dele vivo. Instantes depois, ouviu o maior barulho do universo e metade do quarto se desfez numa chuva de destroços. Um míssil não detonado transformou seu pai numa mancha de sangue.

A noite agora era dia. Ele se virou e viu um pequeno sol azulado crescendo lá fora. O mundo estava acabando e ele nunca havia beijado ninguém.

Tito ouve alguém chamá-lo. É Gualter. Já estão na Zona Habitacional Damato, uma grande área de terra seca, de muros altos, guardas armados, cães e cercas eletrificadas. Um lugar seguro, se você puder pagar ou trazer alguma vantagem ao proprietário, Saul Damato. As casas são antigos contêineres da China Shipping pintados e conectados uns aos outros, formando desde moradias de um cômodo até mansões de vinte. O que se acredita é o que conta.

– Chegamos. Você dormiu a viagem inteira.

– Eu estava sonhando com meu velho. No dia em que essa coisa destruiu metade do país com aquela

bolha azulada.

– Que besteira é essa de sonho agora? Ninguém mais tem isso.

– Eu acho que sonhei, Gualter. De verdade.

– Você está cansado, meu querido.

– Meu pai estava no sonho.

– Tá, tá. Não vai chorar por causa disso, né? – cantarola Gualter, saltando da lancha e ajudando Tito a se levantar. – Você *acha* que sonhou. Sua cabecinha está exausta, só isso. Tome sua pílula e vá descansar. O Gigante nunca mais vai fazer nada. Ele está mortinho da silva, deitado eternamente em berço esplêndido. A gente não sonha, nem vai ao Subsonho.

– Ele não precisa fazer mais nada. Já soltou o banzo na gente. Vamos morrer sozinhos.

– Ei, ei, ei, tome a porra da pílula, ok? – Gualter segura Tito pelos ombros. – Você tem aquele cara pra cuidar e um cinturão pra manter. Banzo, que droga de nome escroto.

O empresário tira um envelope cheio de cupons e passa para ele.

– Valeu.

– Meu campeão merece mais. Se eu pudesse, te dava a bolsa da Liga das Aranhas. Sabe que eu te amo, não sabe?

– Sei, Gualter.

– Sabe ou não sabe?

– Já disse que sei.

– Morreria por você. Deixaria de comer por você. Deixaria de trepar por você.

– Só quero ver Marcos e dormir um pouco. Minhas costas estão me matando. O Pesadelo me acertou em cheio.

Gualter continua com um sorrisinho aberto.

– Vou mandar duas massagistas pra ver isso.

– Não quero suas piranhas de doze anos.

– As melhores são as de onze.

O olhar furioso de Tito encerra a conversa. Gualter se despede e embarca outra vez.

Tito pega a trilha para casa. O ar está mais cheio de fumaça que o normal. Algumas pilhas de lixos estão em chamas não muito longe dali. Ele destrava a porta e sobe a escada, o cinturão no ombro. A única luz vem de um lampião, a chama de um azul violáceo recordando-o do semissonho que teve há pouco: o pequeno sol a se espalhar furiosamente, exterminando pessoas, animais, plantas, fazendo o mar engolir grandes bocados do continente. Foi como um grande vendaval desligando tudo o que era vivo. Dizem que elas foram levadas para o Subsonho e viraram comida para os fictovermes. Tito não sabe a razão, mas histórias como essa o incomodam.

Há um bilhete e uma chave sobre a mesa, ao lado de um cinzeiro. Diz: *Sr. Marcos está no quarto. Está agitado hoje, precisei algemá-lo. Lurdes.*

Lurdes é a mulher que cuida da pequena casa e de Marcos quando Tito precisa estar longe. Teve oito filhos, e todos cometeram suicídio. Mora numa palafita perto do condomínio. Já teve um rim roubado e trocado por três pílulas de Âncora. Marcos riu quando soube.

Tito joga o bilhete de volta na mesa.

Anos atrás, ouviu uns homens falando que grande parte das pessoas estava morta. Os fictovermes encerraram a guerra no Subsonho e trouxeram o inferno para o mundo real, também disseram. Ásia, Oriente Médio e América do Norte haviam desaparecido no interior de seus próprios vagalhões azuis, de

modo que não dava para esperar ajuda externa. Tito e Marcos, ainda jovens, estavam escondidos dentro de um esgoto com uma perna de cachorro enrolada na camisa, a água marrom batendo no peito. Era a única comida que viam em dias, e pela qual estavam sendo caçado pelos dois sujeitos nos escombros acima. Mesmo assim, foi um momento bom. Foi ali que perceberam que precisavam um do outro de mais formas do que imaginavam.

Haviam se conhecido meses antes, quando um homem que se dizia do governo reuniu uma multidão numa das praças devastadas da cidade.

– Só podemos contar uns com os outros para reconstruirmos nossa civilização. Nossa Realidade está se desfazendo, alimentando essas criaturas diabólicas. Precisamos de um refúgio, um lugar onde a gente possa se organizar e reconquistar o que é nosso por direito. Estamos organizando uma retirada para um local seguro, protegido, que poderemos chamar de lar, um lugar onde poderemos sobreviver ao apocalipse de nossas crenças – dissera o homem. Estava metido em roupas militares e usava máscara de gás para conseguir respirar em meio à fumaça e poeira que pairava no ar. Soldados o escoltavam, de modo que foi até fácil acreditar que ele era quem dizia ser. Tito foi uma das vozes que gritaram amém a plenos pulmões no fim da oração, mas Marcos ficou em silêncio. Era a primeira vez que tinham notícia dos Sonhadores e do êxodo para a Realidade Consensual B. Ou o pouco que havia sido construído até então: Arquipélago.

Com o sacrifício de milhões de soldados, a passagem foi feita. Quem ficou para trás acabou se desfazendo junto com os antigos paradigmas.

Mas Arquipélago, um bolsão de realidade embaixo da superfície do Tempo dos Sonhos, estava longe de ser um paraíso. Incompleta, inconstante, soterrada por restos de arquétipos, padrões e hábitos levados pelos naufragos humanos, tornou-se logo uma prisão. Não havia mais volta. O caminho estava bloqueado.

Sem poder sonhar, uma noite de sono era uma noite no limbo. Como consequência, cada vez mais pessoas eram acometidas por uma depressão sobrenatural. Simplesmente não aguentavam mais seus demônios estouravam os miolos, bebiam veneno, se atiravam ao mar.

Marcos disse-lhe uma vez que muitos escravos africanos desenvolviam uma melancolia profunda, de tanta saudade que sentiam de seus lares. Jogados numa terra estranha, perdiam aos poucos a vontade de viver. Paravam de falar, não comiam, isolavam-se. Não raro tiravam a própria vida. Banzo era o nome. Banzo. Marcos seria professor, se o mundo não tivesse acabado. Ele sofre do banzo e tenta se matar todos os dias, dizendo que sua morte libertará Tito da angústia e dessa prisão maldita.

Tito ouviu duas noites atrás o velho Sandoval dizer que esse banzo era uma espécie de luto por tudo o que a espécie perdeu, e também um ódio por ser infinitamente inferior ao inimigo que expulsou os homens do Tempo dos Sonhos. Um inimigo que, quando importunado, condenou a humanidade a viver como formigas num formigueiro pisoteado, prisioneira num arremedo de mundo. Isso é o banzo, ele disse. Matou-se poucas horas depois, enfiando uma faca no coração.

– Marcos? – Tito abre a porta do quarto.

Marcos está na cama, o pulso fino preso à cabeceira por uma algema. Tenta proteger os olhos da claridade súbita que o bombardeia quando Tito acende todas as luzes, um desperdício de diesel.

– Apaga isso – Marcos resmunga, a voz trôpega. O rosto está molhado de lágrimas, suor e muco que escorre do nariz. – Vou matar aquela filha da puta, vou matar ela. Ela me prendeu aqui, isso tá me machucando, tira isso de mim.

Tito se aproxima dele, senta-se ao seu lado, acaricia seus cabelos desgrenhados. Abre a algema delicadamente com a chave de Lurdes e libera seu pulso esfolado. Marcos se retorpe feito um bicho

acuado, berrando ameaças para a mulher e Tito, diz que vai se matar, bater a cabeça na parede até o cérebro vazar do crânio. Com um salto ele está fora da cama, destruindo os objetos do quarto. Tito apenas aguarda-o se cansar e deslizar até o chão, onde ficará sentado e envergonhado, respirando profundamente. É um arremedo de pessoa que se desfaz dia após dia, com raros intervalos proporcionados pela Âncora.

Tito oferece-lhe uma garrafa plástica cheia de água e coloca duas pílulas em suas mãos. Ele as engole com desespero e repulsa. Bebe a água em seguida, um rio descendo pelo queixo. Tito também engole uma pílula.

Lá fora, cinzas caem do céu feito flocos de neve. A noite não tem sonhos.

Batidas urgentes na porta lá embaixo.

Com um sobressalto, Tito percebe que está sozinho na cama. Um sol avermelhado entra pela janela gradeada.

– Marcos?

Desce a escada correndo, o coração aos pulos. Chega esbaforido na pequena sala e se depara com Gualter e um velho sentados no sofá.

Marcos acaba de encher suas xícaras com uma beberagem espessa.

– Encontramos seu amigo perambulando por aí hoje cedo – diz Gualter, olhando de esguelha para Marcos. – Parecia prestes a... tomar uma decisão importante, não é? Importante e irreversível. Felizmente eu e o Sr. Damato demos uma carona para ele. Vínhamos para cá, justamente.

Tito está trêmulo. O medo vai lentamente se convertendo em raiva. É a terceira vez este mês. Marcos percebe a censura no rosto dele e se enfia na cozinha sob um pretexto qualquer.

– Tem que trancar essa porta e esconder a chave, campeão – diz Gualter, mexendo sua xícara com uma colher de plástico. – Uma hora dessas, pode não encontrar esse cara vivo.

O velho Saul Damato é uma mistura de homem e peixe portando uma bengala. Um câncer destruiu seus pulmões anos atrás, mas ele já era rico o suficiente para substituir todo seu sistema respiratório por órgãos-erva produzidos diretamente no Tempo dos Sonhos. Se ele está aqui, no sofá, isso significa que há pelo menos trinta sujeitos armados lá fora, mantendo a área segura. Deve estar em torno dos sessenta anos de idade, tem olhos azuis e cabelos grisalhos. Um dos barões que dividem o Arquipélago em dezoito pedaços. Dono da LDO e do cinturão que Tito defende há três anos.

– A que devo o prazer de sua visita, Sr. Damato? – ia dizer “em minha humilde residência”, mas decidiu engolir essa parte.

Gualter não consegue desfazer um sorriso ansioso.

– Vim trazer uma boa notícia, campeão – Saul Damato responde. Sua voz é cheia de superioridade. – O Faqueiro se matou ontem à noite. Com um tiro de espingarda no queixo.

O Faqueiro era *luchador* da Liga das Aranhas. Um dos melhores. Seus cotovelos cortam – cortavam – feito navalha. Tito tenta entender de que forma isso pode ser uma boa notícia.

– Faqueiro ia lutar pelo título contra o Huno Mutante em três dias.

Tito sabe disso muito bem. A Liga das Aranhas é um espetáculo ainda mais importante que a LDO. Ele mesmo estava ansioso para ver o combate, pensando em contratar Chinaguns para conduzi-lo pelo território dos Canibais até lá.

– As irmãs Farkuar estão desesperadas – continua Saul Damato. – Muitos cupons já se movimentaram em torno dessa luta. Não estamos nos velhos tempos. Não se pode simplesmente tirar o circo dos sujeitos

que garimpavam muito lixo nas áreas fantasmas para trocar pelos ingressos. Ia ser o caos no território das Aranhas. Um distúrbio desses pode facilmente se espalhar por todo o Arquipélago. Os Sonhadores sabem. Querem tudo resolvido ou... – Damato passa o polegar pelo pescoço, um gesto significativo e óbvio.

– E o que eu tenho a ver com isso?

Gualter e Saul Damato se entreolham. O empresário se inclina para Tito:

– Huno Mutante contra o Faqueiro seria a maior luta da Liga das Aranhas em muito tempo. O campeão monstruoso que todos adoram odiar versus o jovem habilidoso e invicto que derrama litros de sangue com suas cotoveladas mortais. E agora acabou. Com o suicídio estúpido do Faqueiro, as piranhas Farkuar não têm um desafiante de peso. Não em três dias. O melhor ranqueado é o Samurai do Fogo do Demônio, mas ele já foi massacrado na última luta.

Massacre é a palavra adequada, pensa Tito. Vem à sua mente a imagem do absurdamente grande e forte Huno Mutante explodindo a cara do desafiante Samurai do Fogo do Demônio contra o tatame.

– As Aranhas vieram até mim rastejando – diz Saul Damato, não sem grande satisfação. – Pediram minha ajuda, logo elas que sempre desdenharam da LDO. Estão dispostas a me ceder dez por cento do feudo delas. Estão desesperadas. Sabem que só há um homem popular o suficiente para fazer o combate que a situação está exigindo.

Uma pausa teatral.

– Campeão da LDO contra o campeão da Liga das Aranhas, a Luta do Século – Gualter ergue as mãos abertas e as vai deslizando lentamente no ar, alisando um pôster imaginário.

– Somos de categorias de peso diferentes – diz Tito, desviando o olhar para o barulho que Marcos está fazendo no cubículo que serve de cozinha. – Eu precisaria de no mínimo quatro meses para me preparar, e só terei três dias.

– Estará me fazendo um grande favor. E eu sei como agradecer àqueles que me prestam favores. Assim como sei tratar quem me vira as costas – as lentes polidas no rosto de Damato percorrem toda a sala, os móveis, os quadros. Tito sabe bem o que tudo isso significa. Sabe a resposta que precisa dar.

Saul Damato sai satisfeito, escoltado por duas dezenas de Blackwater armados. Pela janela, Marcos observa o comboio partir.

Mais tarde, neste mesmo dia, Marcos e Tito brigam por este ter aceitado uma luta tão desigual. Ele fala da bolsa incrível que vai receber, a maior de toda sua carreira. Quando isso não surte efeito, ele se vê obrigado a gritar: a casa onde moram, a Zona Habitacional segura, a comida que comem, os remédios que usam, tudo isso vem de Saul Damato. Bastava dizer não, e o mundinho em que viviam também chegaria ao fim.

– Eles querem matar você – diz Marcos, aflito.

– É só mais uma luta.

– Não há maneira de te convencer a não fazer isso?

– Marcos, sabe que não. É um pedido do Damato, não posso recusar. Por nós dois.

– Me deixa morrer, Tito. Assim você se liberta de mim.

– Para com isso.

– Mas é verdade. É o que eu quero.

– Já mandei parar – Tito sai batendo a porta. Queria dizer para Marcos que estava sonhando de verdade, mas não teve coragem.

Foi olhar as águas dos canais, escutar as ondas.

Três dias para se preparar. Curar a dor nas costelas. Arrebentar uns sacos de areia. Dormir um ano inteiro em setenta e duas horas.

O primeiro dia, o segundo dia, e no terceiro aí está o Demolidor Jr., máscara de *luchador*, calção amarelo, tênis de boxeador vermelhos com estrela branca, camiseta sobre o colante, as iniciais DJR costuradas no peito, percorrendo o corredor entre a massa espremida no ginásio. Pessoas que gritam, vão, aplaudem, urram contra a própria miséria, o próprio fedor e contra a falta de perspectiva na montanha de lixo na qual suas vidas se esvaem. Querem ver a ruína de um herói, a ruína de um homem cuja sorte é maior que a deles, ver sua queda, seu sangue se espalhar e apaziguar seus ressentimentos por algumas horas.

Será que os fictovermes são assim?

Demolidor Jr. entra na jaula, o coração acelerado. Os técnicos estão logo atrás dele, do lado de fora da grade, dando instruções e incentivo. Exibem o cinturão da LDO. Tudo o que o campeão escuta é o chiado indistinto de centenas de sons se misturando e o *announcer* berrando seu cartel perfeito: 32-0-0.

– O Campeão Meio-Pesado da Liga Definitiva Oeste: Tito – Demolidor Jr! – Nogueira.

A plateia vem abaixo.

Demolidor Jr. se apoia na grade. Ajeita a coquilha. Na primeira fileira, cercados de Blackwater e Chinaguns, estão Saul Damato, Gualter e as irmãs Farkuar, aracnídeas vestidas inteiramente de branco. Ao lado deles está Marcos. Está longe, mas Tito pode sentir o peso de seu olhar.

Nessa hora aqueles que trocaram três dias de comida por uma hora de circo enlouquecem: o *announcer*, veias do pescoço saltadas, está desafiando as habilidades do Huno Mutante em volume máximo.

Centenas de braços se agitam em reverência quando ele passa. Sua música de entrada é feita de tambores e linhas hipnotizantes de contrabaixo. Saul Damato, as irmãs Farkuar, os técnicos, Gualter, Marcos: não há quem não se vire para ver o bloco compacto de músculos se dirigir à jaula.

Demolidor Jr. sente um espasmo involuntário nos joelhos, como se eles estivessem pedindo para se dobrar diante de um exemplar da espécie indiscutivelmente superior. Produto de engenharia genética, o Huno Mutante é parte de uma série de homens modificados para gravidades diferentes, que jamais puderam ser utilizados. É alto e largo como um paredão de rocha. Seus braços, troncos de sequoias, são mais longos que o normal, como é comum aos homens moldados para a vida fora do sistema solar.

O árbitro põe os dois campeões frente a frente. A diferença de peso é gritante.

– Lutem limpo, protejam-se o tempo todo, respeitem minhas ordens.

É como estar diante de um Gêngis Khan de três metros de altura: o bigode espesso, o nariz largo, o rosto mongoloide, o olhar assassino, a cabeleira ensebada.

Vitali Chisora, o Huno Mutante, no canto azul.

Tito Nogueira, Demolidor Jr., no canto vermelho.

Senhoras e senhores.

– Vamos lá – grita o árbitro.

Nesses momentos, o mundo para Demolidor Jr. é rápido feito a luz e lento feito o outono.

O tempo é elástico.

Ele avança para o centro da jaula para tentar controlar o espaço, mas o Huno Mutante chega antes com um salto, parece deslizar pelo ar, um navio quebra-gelo no joelho que o atinge em cheio no queixo. Um terremoto na mandíbula, explosões nos tímpanos, o ginásio parece ondular feito água, o desgraçado já me

fodeu, pensa Demolidor Jr., herói das crianças, desferindo dois cruzados no vazio, recebendo três jabs de ferro direto no nariz, sangue escorrendo sob a máscara. A envergadura do Huno Mutante permite que ele bata com distância suficiente para não ser ameaçado pelos contragolpes, os socos vão entrando no rosto de Demolidor Jr, preparando o caminho para um direto ou um cruzado, tudo é tão rápido e tão lento, o sangue tem gosto de ferrugem, a visão borrada querendo se multiplicar, a casa segura fugindo por entre os dedos, a comida, o remédio contra a doença dos malditos fctovermes, mais um soco, e mais e mais um e mais um, tantos que nem doem, parecem mais a lembrança de uma dor, um incômodo, um das pernas quer se dobrar, não porra, merda de Huno, um cruzado devastador que por um milagre Demolidor Jr. antecipa e do qual escapa fintando para a esquerda, tão tonto que a sensação é a de mergulhar de cabeça para baixo, o público gritando, o córner gritando, Marcos em silêncio – Marcos Marcos Marcos – chute baixo na perna do Huno, agora uma sequência de jabs tão lentos que o desgraçado sorri e escapa meneando a cabeça. A joelhada de quebra-gelo custou metade da velocidade, puta que pariu, o brilho de predador que brinca com a presa na cara de Gêngis Khan, ele nem sente os golpes de merda que chegam telegrafados, o mundo acabou lá fora e aqui dentro. Demolidor Jr., Tito Nogueira, sente que ele está para acabar outra vez, só para ele e Marcos, derrota é morte na certa, precisa encurtar a distância, flanquear Chisora, e é o que ele faz, agarra sua cintura com firmeza, mas os troncos de sequoia se enfiam por dentro de sua guarda e de repente Demolidor Jr. se vê sendo erguido por cinquenta andares até a cabeça do Huno Mutante, ouvindo seus rosnados, o ar escapando do nariz grosso feito uma pilastra, o bigode de Átila, as presas pintadas no protetor bucal, e a queda chegando ao instante seguinte: suas costas batem com tanta força no chão que Tito sente como se um raio se espalhasse pelo seu tórax, ramificado como as teias das putas aracnídeas das irmãs Farkuar, enfiando em seu sistema nervoso toda dor que pode existir para um homem. O Huno Mutante se atira sobre ele, imobilizando seus braços e desferindo uma sequência interminável de asteroides contra seu rosto, dentes se abalam sob o protetor, a pele quer se abrir, olhos são espremidos pelo inchaço, o rosto sendo devastado golpe a golpe.

Mas o gongo anuncia o fim do primeiro assalto.

– Acho que posso sonhar – grunhe Demolidor Jr.

A grade se abre e a equipe técnica entra com balde, banco, toalha e água, tá indo bem campeão, tem que fugir da direita dele, se for derrubado tem que raspar, não pode ficar por baixo, eles dizem um monte de coisa, Tito só balança a cabeça, não está ouvindo nada, quer saber de Marcos, está com uma sensação ruim na boca do estômago, tem a dor nas costelas que torna difícil respirar, acha que podem estar quebradas, cinco minutos de combate e já está perdendo feio, o gongo chama, somem banco, técnicos, baldes, toalha, água, o Demolidor Jr. já está quicando outra vez para o segundo assalto.

O chute do Huno Mutante pega em cheio na lateral da cabeça, a plateia geme em uníssonos, Tito vai ao chão, levanta depressa, dá três passos rápidos para trás para escapar da envergadura, troca a base, desfere golpes com esquerda, sua mão mais fraca, acerta quatro bons golpes, tem de recuperar o centro da jaula, controlar o espaço, outro chute, passa de raspão, ele vai na perna de apoio e derruba o grandalhão feito um saco de lixo, ouve os aplausos, suas cotoveladas rasgam o supercílio de Chisora, que o arremessa contra a grade e se põe de pé, surpreso com o sangue descendo pelo rosto. Maravilha, o segredo é a movimentação, as costelas doem, mas com esforço dá para se escapular pelas laterais, é esse o plano, escapular e acertar jabs para pontuar e levar o round. Durante três minutos é o que acontece, Tito foge e bate, deixando o menino de Marte cada vez mais frustrado e grunhindo palavrões monossilábicos com sua voz de caverna.

O terceiro assalto começa, Vitali Chisora é um estouro de manada para cima de Tito, que escapa para

o lado e desfere alguns chutes baixos, mantendo a estratégia do segundo tempo, como o córner mandou, mas está tão difícil respirar, difícil afastar o medo por Marcos. Ele está ali agora, dentro da jaula com ele perambulando feito um fantasma de sorriso triste, a imagem indo e voltando feito onda de mar, sussurrando palavras que a balbúrdia do ginásio abafa, mas que o coração recebe com angústia. Algo está errado. Tito esquiva para lateral e manda jabs, foge da envergadura, os braços de sequoia passam perto, a frustração na cara do Huno é quase cômica, ele nem parece furioso, parece chateado, bora, campeão, Tito provoca, e recebe um soco que faz seu pescoço ir para trás, mas absorve o golpe, continua pontuando com jabs e escapadelas laterais e uma tentativa de queda fracassada do Huno Mutante faz Tito terminar este assalto quase encaixando uma guilhotina.

Banco, balde, gelo, água, instruções, elogios, campeão você está fantástico, ele nem encostou em você, estamos ganhando dois rounds, Tito quer perguntar por Marcos, quer dizer que acha que não consegue mais ser elusivo na jaula, tá difícil até para puxar o ar, onde tá o Marcos, esquece o Marcos, se concentra no Chisora, você vai vencer o maior *heavyweight* da última década, vai se transformar no maior lutador peso a peso das Ligas, vai ter toda Âncora que quiser.

No quarto assalto, Tito tropeça nos próprios pés e vai ao chão, é imobilizado, recebe uma tonelada de socos no fígado, sente a bile subir pela garganta, pensa em Marcos que está em todo lugar e em nenhum lugar e se assusta, tenta se acalmar, controla a respiração e ganha a posição usando seu jiu-jitsu, acaba por cima, mas o Huno consegue se levantar e colocar a luta outra vez no centro e emenda uma sequência direita-esquerda-direita-esquerda-gancho, os dois primeiros acertam, os outros param na guarda alta de Tito, o Huno dá um passo adiante e deixa uma brecha na guarda, um soco penetra nela, quase sem força, uma joelhada quebra-gelo vem em resposta e desliga o cérebro de Tito por um segundo, tempo suficiente para ele ir ao chão e se levantar em seguida, estrelas girando ao redor de sua cabeça, e é dessa forma que o quarto assalto termina.

Dois a dois. O córner quer que ele sente no banco, mas Tito não quer. Põe-se de pé e se apoia na grade. Ignora os acenos de Saul Damato e das Farkuar. Seus olhos vão direto para a cadeira vazia onde Marcos devia estar. Sente o coração parar.

– Cadê o Marcos?

Ele quer escalar a jaula e encontrá-lo. Não percebe o lado esquerdo da arquibancada se agitar de repente, as pessoas gritando e se amontoando depressa. O alarme geral está soando, agitando a multidão. Tito não vê, está confuso, zozzo, imagina que a sirene é o gongo do último assalto.

– Marcos – ele chama. O córner grita algo em seu ouvido, ele ignora. O juiz foge pela jaula aberta, acaba pisoteado por uma coluna de pessoas descendo as arquibancadas de repente, assustadas. Gualter, Saul Damato e as aranhas vadias são escoltadas pelos Blackwater, que precisam disparar para o alto para abrir caminho. O caos se espalha pelo ginásio, dois mil miseráveis tentando sair por uma porta minúscula ao mesmo tempo.

Algo está profundamente errado.

Os técnicos querem arrancar Tito dali. Tentam arrastá-lo pelo braço, mas ele está imóvel, gritando por Marcos. Os homens insistem, e ele reage arrebentando o nariz de um deles. Por um tempo, os técnicos o encaram, perplexos. Tentam convencê-lo a sair dali, alguma coisa grande está acontecendo, os canais estão inundando o ginásio. Tito parece não ouvi-los. Finalmente, com gestos de quem está desistindo, eles saem da jaula e desaparecem no meio da multidão.

– Marcos?

O chão está tremendo, golpes súbitos e intercalados como o de alguém caminhando num andar

superior. Partes do teto e das paredes começam a se desprender, caindo sobre os que ainda não conseguiram sair. Um pedaço grande de reboco atinge o meio da jaula, fazendo subir uma nuvem de pó. A silhueta do Huno Mutante se destaca. Ele também está imóvel, como se tivesse assuntos inacabados. Tito Nogueira já não tem mais certeza de quem é. Algo da personalidade-fantasia de Demolidor Jr. se imiscuiu à sua própria. Ele lamenta não lutar o quinto round e definir de vez o Campeão dos Campeões.

Subitamente, algo desperta em seu cérebro e ele sabe o que aquele pesadelo todo está dizendo: Arquipélago está ruindo. Nem os Sonhadores com seus espetáculos e drogas podem manter viva a fé na Realidade Consensual B. Os vidros das janelas estão estourando lá fora. Uma fissura surge nas paredes e parte do piso afunda. O ginásio, o Arquipélago inteiro, a própria vida, tudo é um grande cenário preparado para manter seu povo preso àquele nexo do Subsonho.

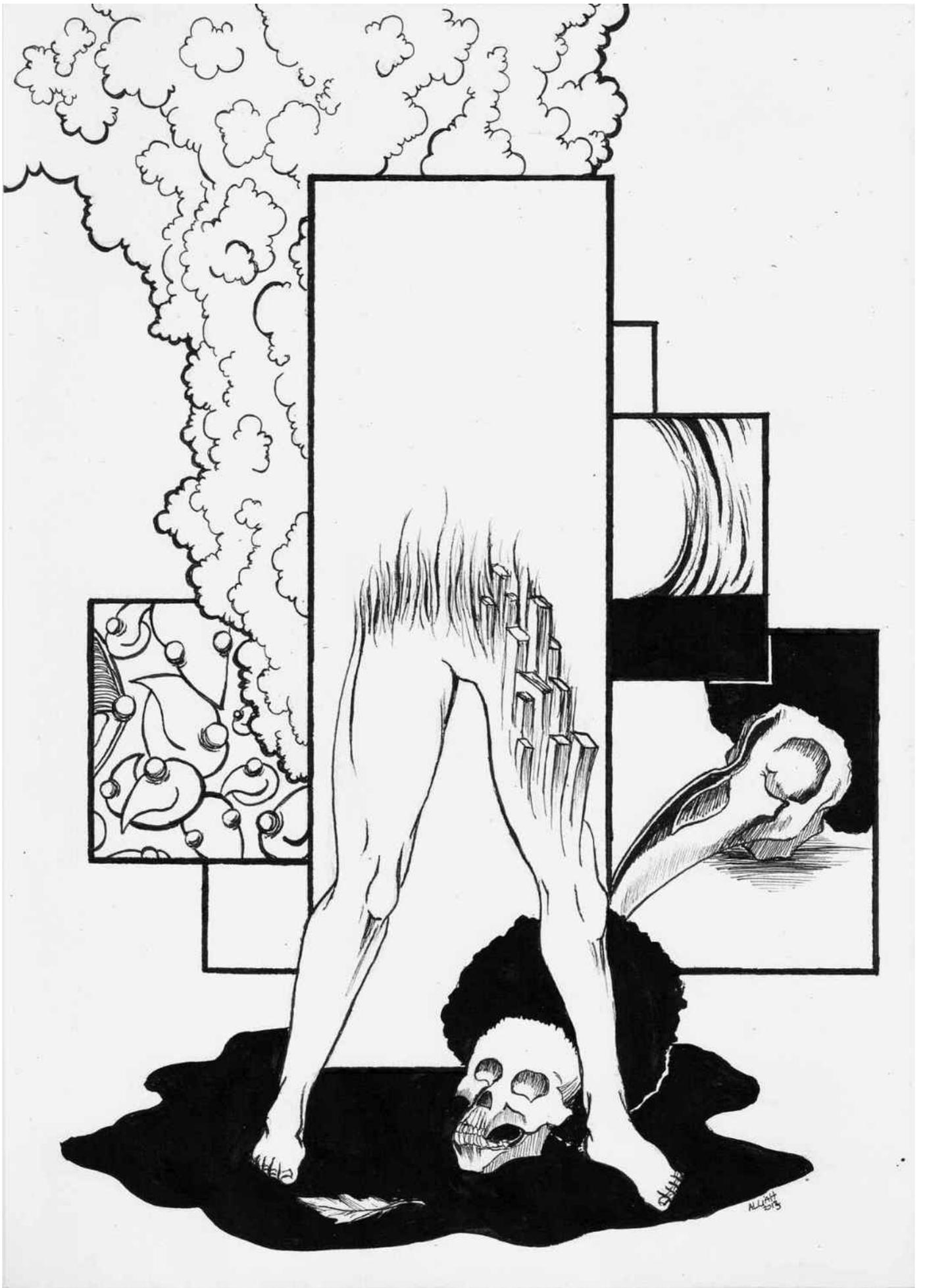
Um maldito campo de extermínio.

O interior do prédio é como uma tempestade de areia, dejetos afiados cortando sua carne enquanto se desfazem. Com sua natureza se restabelecendo, ele pode ver além do onirograma do Huno Mutante: trata-se de uma coisa meio sonho, meio máquina, meio vírus, seu carcereiro nessa prisão sem muros. Níveis diferentes de sonho se interpõem agora entre os dois, até a solidão se tornar absoluta. O nexo se dilui cada vez mais depressa, e com isso o Arquipélago vai desaparecendo.

Precisa encontrar Marcos. Saber se está bem. Protegê-lo.

Tito salta pela grade e pega o rumo oposto ao das pessoas em pânico. Os tremores são cada vez mais fortes, um terremoto cuja escala vai crescendo minuto a minuto, feito o volume de um rádio. Vigas, holofotes, telhas vão chovendo pelo caminho, ferindo ou matando aqui e ali. Tito entra no banheiro masculino.

– Marcos – ele chama. Abre todas as portas. Atrás da penúltima está o corpo, dois arriolos vermelhos brotando dos pulsos rasgados com navalha. Os olhos de Marcos estão abertos, como se tivesse admirado a morte chegando devagar. A boca ainda está quente, Tito sente quando a toca com a sua. Toma-o nos braços, aperta-o contra o peito. Ali, no fim do mundo, o único mundo que importa é Marcos. Não vai abandoná-lo. Ficarão juntos até que tudo se vá. Um morto e um vivo. Como em tantas e tantas noites anteriores, onde tudo o que tinham era a companhia um do outro e as promessas do dia que nascia. Desta vez, porém, mesmo que a ordem se restabeleça e Arquipélago sobreviva, o dia não nascerá para os dois. Tito sabe disso muito bem. E é por isso que em seu peito há um vazio, tão grande quanto o fim do mundo. Talvez maior.



Ao dobrar a esquina do Planetário da Gávea, Carla repara no grafite gigantesco rabiscado na fachada do Minhocão. Um homem de barbas brancas numa toga romana, sentado num trono numa nuvem desenhada acima do Sol e da Terra. A mão do barbudo se ergue cerrada, exceto pelo dedo médio, estendido num gesto obscuro. Abaixo da divindade monstruosa, os dizeres:

“SE DEUS NÃO NOS DÁ A MÍNIMA, TUDO É PERMITIDO!”

Perturbada, constata que, quem quer que sejam, os perpetradores possuem certo domínio da norma culta da língua. Garotada da graduação?

A obra de arte & protesto foi grafitada ali tarde da noite ou, se duvidar, de madrugada, pois quando saiu da PUC ontem por volta das vinte horas, não reparou em pichação alguma na fachada do conjunto habitacional erigido ao lado da universidade.

Ingressa no campus desanimada. Pensou que essas manifestações de indignação já houvessem amainado. Na hora seguinte ao Esclarecimento, deu-se a maior onda de suicídios da história. Na manhã seguinte, começaram os saques e a onda de vandalismo. Então veio o aumento sem precedentes dos crimes violentos. Naqueles primeiros dias deste Primo Anno Postdomini, muita gente se sentiu solta na área para praticar qualquer tipo de desatino que lhe desse na telha. Em geral, quanto mais crente antes do Esclarecimento, mais perdido depois. De qualquer modo, crente ou ateu, ninguém logrou sobreviver à noite do Esclarecimento sem sequelas.

Antes de entrar na capela da PUC, Carla arrisca um vislumbre à lua pendurada no firmamento desta manhã ensolarada do inverno carioca. Ao contemplar o satélite, seus olhos treinados constataam a anomalia. A jovem exala um riso nervoso entre os dentes.

Senta numa poltrona mais ou menos no meio da nave. Antes do Esclarecimento, nunca levava a hipótese de Deus muito a sério. Mesmo assim, vez por outra, sentava na capela fora do horário das missas, à procura da paz de espírito tão almejada e nunca bastante nestes dias de caos. Hoje em dia, precisa pensar no que fará da vida, agora que o namorado, atormentado por uma depressão incurável, decidiu romper o relacionamento. Ainda por cima, com fim do mundo ou não, sentia-se preparada para defender a tese em Física Teórica. Se ao menos seu orientador houvesse tido a decência de esperar sua defesa antes de resolver se suicidar, aquele bosta...

Menos de cinco minutos de meditação tranquila e a capela é *invadida* por quatro homens e duas mulheres que avançam em passos decididos pela coxia central. Cinco deles se acomodam na primeira fila. O sexto permanece de pé e se instala no púlpito. Embora não traje batina, Carla o reconhece como padre, pois se trata do professor que lhe ministrou Cálculo II no Básico.

Com cara de tímido sem sê-lo de fato, Padre Telles se dirige aos demais com voz de palestrante. Curiosa, Carla põe a meditação de lado, atenção focada no que é dito:

– Conforme adiantei na mensagem de ontem à noite, precisamos estabelecer uma estratégia para reverter o esvaziamento do movimento cristão universitário.

– Não vejo muita solução – replica um homem de cabelos louros à altura dos ombros, na primeira fila.
– Não adianta argumentar com a garotada que os valores cristãos permanecem válidos, mesmo sem Jesus Cristo.

– Olha só, em princípio, devemos nos apegar à existência histórica de Jesus. – A jovem morena de cabelos curtos gira a cabeça para encarar o louro. – Está certo que não foi o filho de Deus. Porém, independente de qualquer coisa, ele transmitiu ensinamentos importantes.

– Os ex-católicos não estão nem aí para o Jesus histórico. – A mulher mais velha interrompe num tom desconsolado. – Até os mais fervorosos sabem que não adianta mais rezar. Se Jesus não é o filho de Deus, a Santíssima Trindade está fraturada.

Até então calado, o sujeito calvo sentado entre o louro e a morena solta uma risada. Telles arqueia as sobrancelhas com expressão inquisitiva, forçando o outro a se explicar:

– A questão crucial é como justificar a necessidade de manter a cristandade e de pregar a fé cristã, agora que sabemos que Deus não está nem aí para nós.

– Este dilema não é privilégio dos católicos. Todos os credos passam pela mesma crise de fé. Pelo que se diz, nem os ateus de carteirinha estão satisfeitos. – Telles lança um olhar persuasivo ao fiel calvo.
– Você tem razão, Diogo. Deus não está nem aí para nós. Para todos nós.

– Para a humanidade. – A morena soluça e então prorrompe num choro convulsivo. – Eu sempre pensei... sempre desejei... uma prova... ter certeza...

– Bem, agora nós temos certeza absoluta. – O calvo comenta num tom pernóstico. – Está comprovado: Deus existe.

– Ele falou conosco. – A mulher de meia-idade afaga a cabeça da jovem para consolá-la. – Com todos nós e com cada um de nós. A mesmíssima mensagem.

Carla esboça um sorriso triste. Se já está sendo difícil para ela que nunca apostou suas fichas em Deus ou na religião, imagine a barafunda mental desses católicos que, até três meses atrás, acreditavam na bem-aventurança eterna...

Putaque-O-pariu! Sinceramente, com toda a Sua onisciência, Deus acabou se revelando o maior tapado. Escolheu o pior momento possível e imaginável para falar às pessoas que essa história da carochinha de vida após a morte é só papo mesmo...

Gustavo encara o sujeito de fisionomia sonolenta no espelho do banheiro. Com interesse profissional, observa a face amarfanhada, embrutecida. Exatamente como naquela primeira manhã, no dia seguinte ao Esclarecimento.

Como seria maravilhoso se pudesse fingir que a revelação não passou de um pesadelo. Só que não pode. Aquele Deus Impassível não concedeu margem à dúvida. Mostrou a história da Criação de um jeito que Gustavo se viu compelido a acreditar e, para comprovar que não foi alucinação, viu a Lua ao contrário em seu espírito. Quando Deus acabou de *falar*, levantou da poltrona, foi até a janela correndo, olhou para a Lua e ela estava diferente. Tão cheia quanto na véspera, mas diferente. Quase como se fosse outra Lua.

Parado diante do espelho, aparelho de barba na mão, Gustavo lembra que, na manhã daquele primeiro dia longe dos olhos de Deus, vislumbrou o reflexo do pequeno crucifixo de ouro pendurado ao peito. Raivoso, pensou em arrancá-lo para jogar no vaso sanitário e tocar a válvula. No fim, arrancou o

crucifixo do peito, tudo bem. Mas o guardou na gaveta do armário, junto com as armas e a munição. Afinal, fora presente de Amanda e, se aquele Deus Indiferente não era digno do seu amor e se o Deus que ele amou nunca existiu, ainda amava a ex-esposa, mesmo que, farta de viver com um policial, ela tenha decidido viver com outro cara.

Afaga o queixo barbudo com a mão direita. Liga o aparelho com a esquerda e começa a fazer a barba. Naquele primeiro dia, perdido na vida, não fez barba. Fitou o coitado do zumbi do espelho e voltou para cama. Só acordou quatro horas mais tarde, com o Capitão Lima, seu superior hierárquico, esmurrando a porta da sala.

– Porra, Ribeiro... – Lima resfolegou assim que o amigo e subordinado lhe abriu a porta. – Quando você não apareceu no Batalhão hoje cedo, cheguei a pensar que tivesse cometido uma besteira.

– O mundo acabou, Capitão – resmungou Gustavo, sonado pelo efeito dos comprimidos. – Não há salvação

– Depois a gente pensa nisto, meu chapa. – Lima rosnou entre os dentes, andando de um lado para outro na sala acanhada como um tigre encarcerado no zoológico da Quinta. – Por ora, a cidade precisa de nós.

– Precisa, como?

– Há um monte de gente morta lá fora. Começou de madrugada. Suicídios, estupros, homicídios, o caralho... – Lima sacudiu o tenente pelos ombros. – Veste logo a porra dessa farda e vem comigo. É uma ordem, entendeu?

Sem ação, Gustavo obedeceu. Foi o primeiro dia de uma semana tenebrosa interminável. Mergulhado até os miolos na morte em vida, se conseguiu dormir umas cinco horas ao longo daquela primeira semana foi muito.

No mês seguinte, ele e seu pelotão foram exonerados do BOPE e incorporados à recém-criada Força de Ação Executiva da Lei Marcial, oficialmente designada por FAE e prontamente apelidada FELA pela mídia e pelos cidadãos desalentados de todo o estado.

Quanto ao Capitão Lima, quem diria, acabou não aguentando o tranco. Meteu uma bala na cabeça três semanas atrás. Parece que só estava esperando a situação melhorar um pouco.

Às vezes acho que o capitão agiu certo. Afinal, o que nos restou neste mundo sem Deus?

O estranho de olhar duro faz que não do espelho.

A fé e a dúvida foram irmãs siamesas. Duas faces da mesma moeda. Crer era superar a dúvida, mantendo a fé, mesmo na ausência de provas. O Esclarecimento aniquilou a dúvida. Com ela, a fé.

Analistas que se autoproclamavam isentos e idôneos afirmam que o terror e a aflição diante da perspectiva da extinção da consciência perante a morte do corpo físico propiciaram o surgimento das primeiras religiões.

Mesmo que seja verdade...

De repente, se lembra de uma frase babaca, pura filosofia de botequim, que ouviu num filme plano, quando era garoto:

– A vida é uma merda, mas é uma só.

Solta uma risada amarga

Por que aquele Deus Implacável não nos deixou vegetando na santa paz da ignorância? O que Ele quis dizer quando falou que corríamos risco de não cumprir nosso desígnio... Que merda de desígnio é esse?

Suspira fundo. Rosto escanhado, guarda o barbeador.

Enquanto houver pessoas decentes para ajudar, filhos-da-puta para enjaular, malfeitos para consertar, não posso desistir. Como o capitão falou, o Rio precisa de mim.

Gustavo toma o desjejum já fardado. Quando está prestes a sair, o holo portátil emite o toque do serviço.

– Viva voz. – Determina do outro lado da sala.

“– Capitão Ribeiro, o senhor ainda está em casa?” – A miniatura do sargento de uniforme negro se materializa acima do aparelho largado no tampo da mesa.

– Afirmativo, Torres. O que houve?

“– A Guarda Municipal acaba de pedir nosso apoio para limpar uma pichação. O senhor sabe, às vezes os radicais ficam de tocaia para proteger suas porcarias.”

– Tô sabendo. Mas, e daí?

“– Sua casa fica bem no caminho. Se quiser, buscamos o senhor com a viatura.”

– Onde foi desta vez?

“– No Minhocão.” – Após uma pausa dramática, o sargento acrescenta. – “De novo.”

– Tudo bem, Torres. Aguardo na portaria.

“– Positivo, Capitão. A caminho.”

O gerente pessoal dispara os primeiros acordes de um velho hit do Elton John pelos alto-falantes do deque da piscina erguido no fundo do terreno arborizado de uma rua do Horto. Como o dono da residência não faz menção de se levantar da espreguiçadeira, além da “Balada de Danny Bailey”, o programa emprega linguagem natural com uma voz feminina rouca e arrastada:

“– QUINZE HORAS, JÚLIO.”

– Já sei.

“– SUA REUNIÃO DE PAUTA COM O DIRETOR DE JORNALISMO ESTÁ MARCADA PARA ÀS 15:30H.”

– Eu sei.

“– ELE INSISTIU NO SEU COMPARECIMENTO PRESENCIAL DESTA VEZ.”

– Aparecer lá em carne e osso? – Suado, Júlio enfim se digna a levantar da espreguiçadeira. – Olha só o meu estado? Não tenho a menor condição. – Toma uma chuveirada de quinze segundos na ducha do próprio deque. Enquanto se enxuga, resmunga mal-humorado. – Por que não avisou antes que o Aragão quer que eu vá em pessoa?

“– ELE PRÓPRIO LHE PEDIU ISTO NO FIM DA REUNIÃO DA SEMANA PASSADA.”

– É verdade. Esqueci. Você devia ter lembrado disso antes.

O programa não retruca. Júlio abana a cabeça, aborrecido. Mora perto da Central de Jornalismo. Costuma ir para lá a pé. Se se apressar, ainda dá para chegar a tempo.

Seu recolhimento não tem nada a ver com o Esclarecimento. A questão é que, à medida que o tempo passa, sente cada vez menos vontade de sair do conforto e do aconchego de sua casa. Antevê o dia em que não terá mais ânimo para sair, independentemente do motivo, à semelhança do que ocorria em um conto do Clifford D. Simak que leu na infância.

Uma coisa é caminhar pelas aleias do Jardim Botânico de manhã bem cedo ou pedalar na ciclovia da Pacheco Leão de uniforme e capacete, para não ser reconhecido. Outra coisa, bem diferente, é caminhar sob o sol da tarde até a antiga sede da emissora, assim de repente, sem a preparação psicológica adequada. Bem verdade que poderia usar o segway. Mesmo com os funcionários da empresa dizendo que é coisa de adolescente.

– Confirme que vou comparecer à reunião por holopresença.

Após uma hesitação de três segundos, o gerente responde com voz menos sensual do que de costume:

“– ESTÁ BEM, JÚLIO. PREPARAREI SEU ESTÚDIO.”

– Perfeito. Vou subir para um banho de verdade e desço dentro em vinte minutos.

Meia hora mais tarde, o jornalista aparece na sala de reuniões da emissora.

“– Ora, vejam só.” – Aragão simula uma expressão contrariada. – “Grande Esteves! Pelo atraso, apostamos que viria ao vivo e a cores desta vez.”

– Porra, Aragão, foram menos de três minutos! – Júlio franze a testa. Para relaxar, contempla a visão magnífica do arboreto do Jardim Botânico e da Lagoa Rodrigo de Freitas que se descortina através das janelas panorâmicas da CJ. Então, varre o ambiente da sala de reunião com o olhar. Além do chefe, mais três colegas. Desses, só Letícia, responsável pelo Noticiário Internacional, está presente em carne e osso.

– Afinal, qual a diferença? Estou aqui do mesmo jeito, não é?

“– Se estivesse aqui de verdade,” – Letícia lança um olhar comprido ao holo do amigo, – “podíamos esticar para um vinho gostoso depois da reunião.”

– Por isto, não. – Júlio pisca o olho para a colega presente na emissora. – Você sabe que eu moro a um pulinho daí e minha adega está sempre bem abastecida.

“– Gente, vamos começar logo?” – Maurício olha para o relógio de pulso anacrônico lá do seu escritório em Brasília. – “Daqui a pouco vou precisar supervisionar a cobertura da sessão de emergência do Congresso.”

Aragão examina os semblantes dos subordinados em busca de novidades. Raposas velhas, todos eles. Jogadores de pôquer experientes, os quatro não deixam transparecer os trunfos ocultos nas mangas e implantes de memória.

– “Surgiu um fato novo no atentado da Candelária. Nossa fonte extraoficial no Palácio Laranjeiras ventilou que a ordem para implodir a igreja teria partido do próprio gabinete da governadora.”

“– Cacete!” – Surpreso, Neves apoia as palmas das mãos sob o tampo da mesa, como se realmente estivesse ali. Mais calmo, o gerente do Noticiário Local franze a testa ao suspirar entre os dentes. – “Imagino que ainda não dê para publicar isto.”

“– Exato.” – Aragão assente da sede da emissora. – “Mas podemos e vamos investigar.”

“– Pode deixar comigo.” – De sua residência no Alto da Tijuca, Neves esfrega as mãos com ar satisfeito. – “Vou colocar meu pessoal nesse rastro.”

Em seu estúdio, Júlio apoia o queixo entre o indicador e o polegar.

Um mês depois do Esclarecimento, alguém plantou explosivos na Candelária, marco zero da cidade, e implodiu um dos símbolos mais importantes da fé cristã no Rio às três da matina, acordando boa parte do Centro e deixando um monte de escombros no lugar da igreja histórica.

Lógico que não se tratou de uma ação isolada. Por todo o planeta, templos religiosos vêm sendo alvo de saques, atentados e atos de vandalismo por parte da população revoltada. Houve casos de pastores evangélicos massacrados por ex-fielis que se afirmavam ludibriados. As tendas espíritas se encontram às moscas. Raros os vitrais ainda incólumes numa igreja ou capela católica. Vários padres foram linchados e mortos por ex-paroquianos, que haviam se casado e batizado os filhos em sua igreja. A governadora determinou a criação imediata de uma unidade de elite para proteger o Cristo Redentor. Poucos eram os bairros nobres do Rio sem um destacamento de blindados da FELA.

Iconoclastia é uma coisa, mas, puta-merda, a Candelária? Júlio franze o cenho. Tá certo que o Deus Cristão se revelou inexistente. Mas Zeus tampouco existiu e o Parthenon continua de pé...

“– Letícia, algo de novo na guerra civil dos EUA?” – Aragão gira a poltrona para encarar a única colega fisicamente presente na sala.

“– O presidente em exercício afirmou mais uma vez hoje cedo que as insurreições na Geórgia, Alabama e outros três estados do sul não constituem guerra civil. A alegação é que não há um comando geral unindo os diversos movimentos separatistas. Tropas federais foram novamente acusadas de promover massacres nas ruas de Atlanta. Nenhuma novidade quanto o estado de saúde da Presidente Palin.”

– Washington ainda se mantém aferrada à versão oficial da crise nervosa? – Júlio abre um sorriso cínico em seu estúdio.

“– Ainda.” – Letícia corresponde ao sorriso do amigo. – “Uma fonte extraoficial na Casa Branca afirmou que a presidente se encontra sob forte sedação.”

“– Alguma novidade sobre Wall Street, Maurício?” – Aragão vira para o chefe da área de Política & Economia.

“– A Bolsa de Nova York continua de portas cerradas, sem previsão de retomada.” – O colega residente em Brasília fita o vazio, indício certo de que está consultando dados invisíveis aos demais. – “Três analistas distintos aventaram a possibilidade de abertura já na próxima semana. Mas, se querem minha opinião, é só boato, como da última vez. A situação nas bolsas europeias e asiáticas continua bastante preocupante. Com o preço estratosférico do barril de petróleo, a reação em cadeia das falências das grandes redes bancárias e a epidemia de atentados de cunho religioso, não há mais dúvida de que estamos vivendo a maior crise política e econômica da história.”

“– Ou seja, sem novidades no front.” – Aragão coça a extremidade do nariz num gesto de nervosismo. – “No entanto, temos um holonoticiário para tocar. Daí, pergunto: alguma ideia que possamos transformar em matéria econômica? De preferência, com viés otimista?”

Os presentes arreganham sorrisos tensos uns para os outros e se surpreendem quando Maurício propõe lá da capital:

“– Eu poderia entrevistar aquela economista agnóstica radical da Sociedade Humanista.” – O responsável pelo Noticiário Político & Econômico argumenta. – “A Professora Ana Rodrigues vem advogando propostas um bocado heterodoxas para combater a crise atual, passando, inclusive, pelo confisco de todos os bens e recursos das igrejas e templos de qualquer culto.”

– Qual é a novidade? – Júlio tamborila no teclado antiquado da poltrona, baixando os dados sobre Ana Cristina Rodrigues. – A União Europeia já ocupou o Vaticano e confiscou os recursos da Igreja Católica há dois meses.

“– A proposta da Professora Rodrigues vai bem além.” – Maurício sorri. – “A ideia dela é criar um organismo de âmbito mundial, sob os auspícios da ONU, para expropriar e posteriormente liquidar todas as propriedades, bens, recursos, direitos e serviços de todas as religiões e devolver os recursos auferidos aos lesados.”

– Que são? – Júlio sorri ao antecipar a resposta.

“– Os crentes e ex-crentes.” – Maurício assente com ar grave. – “Com prioridade para os mais pobres.”

“– Essa proposta não vai colar.” – Letícia exala um suspiro céptico.

“– Não importa.” – Aragão arreganha um sorriso pragmático. – “A entrevista pode resultar numa boa matéria. Maurício, manda ver.”

“– Tá na mão.”

“– Ciência.” – Aragão gira a poltrona em direção ao avatar de Júlio. – “Por favor, diga que tem algo interessante.”

– Matéria interessante? – Júlio engole em seco. Estava guardando esse trunfo para uma ocasião especial. Ao que parece, a ocasião chegou. – Estava pensando numa entrevista de pauta aberta com o Professor Jorge Vieira.

“– Vem cá, esse cara não foi seu professor lá na Astronomia?” – Aragão encara o jornalista científico. – Foi.

“– Nunca entendi porque você largou a carreira de astrônomo.” – Letícia encara o avatar do amigo, cujo original se encontra a menos de um quilômetro de distância.

– Cambei pro lado da divulgação. – Júlio abana a cabeça. *Bons tempos aqueles do Observatório do Valongo, do IAG, do Nacional.* – Mas então, o que acham da ideia?

“– Não pode ser nada muito alarmante.” – Maurício pontifica lá de Brasília. – “Nem muito bombástico.”

“– Nem pessimista.” – Aragão exibe um esgar lupino. – “O Planalto e os patrocinadores andam meio putos conosco com tanta notícia ruim. Vocês sabem, se continuarmos nos empenhando desse jeito em levar nossos patrocinadores à falência, vamos contribuir para acelerar ainda mais a corrida da humanidade rumo ao Fim do Mundo. Pelo menos, em termos existenciais e pessoais.”

– Você está ficando mais cínico com a idade. – Júlio se remexe, desconfortável na poltrona anatômica de seu estúdio climatizado.

“– São as pressões do cargo. Aliás, se algum de vocês se dispuser a assumir a cana do leme, agradeço muitíssimo.” – Aragão fulmina os colegas com o olhar. Ante o silêncio constrangido dos demais, esboça um sorriso cansado. – “Tudo bem, Esteves. Pode seguir em frente com essa ideia da holoentrevista com o tal Vieira.”

– Beleza.

“– Só uma exigência.” – Ante o olhar preocupado do outro, apressa-se em explicar. – “Quero você aqui, ao vivo e a cores, para pilotar essa entrevista.”

– Farei o sacrifício pela causa.

Carla sai da PUC por volta das 17:00h. Percebe que a rua está mais vazia do que de costume. Tem sido assim desde que a direção abalada da universidade decidiu suspender *pro tempore* os cursos vespertinos e noturnos, limitando as aulas da graduação ao turno da manhã. Caminha preocupada na pista de pedestres que ladeia o Planetário e repara que o painel holográfico da instituição permanece apagado.

Puro excesso de cautela. As desordens das primeiras semanas após o Esclarecimento haviam ficado para trás. Incrível a quantidade de gente pirada. Pessoas desarvoradas com a notícia de que não há vida após a morte, que perderam o medo do castigo divino e agora se sentem liberadas da compulsão de praticar o bem para investir na salvação de suas “almas imortais”.

No dia anterior, Carla ouviu no holonoticiário que as autoridades ainda não tinham conseguido estimar o número de suicídios com precisão. Devia haver um monte de pessoas mortas, sozinhas em suas casas, apodrecendo até hoje, sem ninguém saber. Fora os que se entregaram, parando de trabalhar, conviver com os amigos e, muitas vezes, até de comer. Mesmo com os planos de ação emergencial implantados nas três esferas do governo, as clínicas e hospitais estavam superlotados de pacientes catatônicos ou com crises de depressão aguda.

De qualquer modo, pelo sim, pelo não, Carla segue em estado de alerta até a pista erma desembocar

na Marquês de São Vicente, artéria principal do bairro e, àquela hora, mais movimentada do que a vizinhança imediata da universidade. Dali prossegue até o Shopping da Gávea, onde ingressa no acesso subterrâneo para o metrô.

Uma vez ali dentro, relaxa sensivelmente. As estações possuem sistemas de vigilância eficientes, onde o poder público ainda logra exercer seu domínio. Estupradores ou facínoras eventuais seriam pegos pela justiça humana e, com a lei marcial em vigor, sentenciados à pena de morte com rito sumário. Primo Anno Postdomini, para mal e para bem. Pelo menos aqui no Rio, a população vem encarando os ditos excessos das forças da lei e da ordem com aquilo a que os sociólogos e especialistas em criminalidade começaram a se referir como “vista grossa salutar”.

– Ei, Carla!

Gira nos calcanhares, punhos cerrados, pronta para o que der e vier, mas a agressividade se derrete em candura ao se deparar com o semblante esbaforido de uma garota loura de cabelos cacheados à altura dos ombros, vestida num uniforme camuflado.

– Alícia!

– Puxa, menina, como você anda rápido. – A loura toma fôlego com a mão direita apoiada no ombro da amiga. – Dei o maior pique desde a saída do shopping para te alcançar.

– Ei, Lili, você não estava em Israel? Na semana passada holei para sua mãe e ela estava na maior pilha com a falta de notícias.

– Carlinha, nem te conto. – As duas se abraçam e se beijam no meio do acesso para a Estação Gávea. – Você ouviu falar que eu me alistei no Exército de lá, não foi?

– Sua mãe me contou. Por isso mesmo todo mundo estava preocupado contigo.

– Bobagem de vocês. Acho que, na conjuntura atual, Israel em geral e o Exército em particular é o lugar mais seguro do mundo para uma garota ficar.

– Como assim? Ouvi falar que o circo tá pegando fogo lá no Norte da África e no Oriente Médio.

– No Mundo Islâmico, você quer dizer. – Os cachos louros de Alícia ondulam para um lado e outro quando ela balança a cabeça numa negativa enfática. – Porque em Israel mesmo está a maior paz. Nem sombra dos tumultos que assolaram o Rio, muito menos os saques e arruaças do resto do Brasil que assisti pela holovisão.

– Pode ser. Mas seus pais estavam com um medo danado que um daqueles países árabes atacasse Tel Aviv. Sei lá...

– Eles não seriam nem loucos. O planeta inteiro com os nervos à flor da pele, se eles bombardeassem Tel Aviv ou Jerusalém, aposto que iam levar um míssil nuclear bem no meio das fuças. Além disso, aqueles fanáticos estão ocupados demais massacrando seus próprios povos. Se você acha que o que está havendo no sul dos EUA é um absurdo, não vou nem te contar das carnificinas que os governos dos países islâmicos estão patrocinando por lá.

– Os noticiários daqui não estão falando quase nada a respeito.

– Estão rolando autênticas guerras civis na maioria das regiões do Mundo Islâmico. As minorias laicas se uniram aos fanáticos desiludidos para massacrar os que ainda insistem em se manter fiéis à fé muçulmana.

– A mesma velha putaria eclesiástica, aqui e lá. Mas, vem cá, manter a fé de que jeito?

A loura abana a cabeça.

– Ouvi um boato de que alguns meios de comunicação nas mãos de facções islâmicas radicais afirmaram que o Esclarecimento foi uma armação das potências ocidentais.

– Cacete! Se eles soubessem como essa porra fodeu conosco. Quase dez por cento da população se suicidou.

– Acontece que eles estão muito mais fodidos do que nós. Fodidos e mal pagos. – Alícia solta uma risada curta. – Lá eles falam em trinta a quarenta por cento de mortos. Então, é o fim do mundo ou não é?

– Ah, deixa essa desgraça pra lá. – De pé na plataforma de embarque, Carla abraça e beija a amiga outra vez. – Que bom que você voltou, Lili! Tava morrendo de preocupação.

– Mas, fala de você. – Alícia brinca com a franja da outra. – Você e o Fernando estão bem, né?

– Que nada, menina. – Carla cerra as pálpebras e vislumbra o semblante compungido do ex-namorido.

– Fernando pirou. Largou o mestrado, terminou comigo, mandou os amigos à merda, não sai mais de casa, não fala com ninguém. – Faz cara de choro. – Não quer mais comer. Morreu pro mundo.

– Depressão da braba, então.

– Pois é. – Carla observa a composição sentido Zona Norte que se aproxima da plataforma. Resolve deixar passar. Da Gávea até seu trecho do Jardim Botânico são só duas estações. – Tá certo que há uma pá de gente assim hoje em dia. Mas nunca pensei que pudesse acontecer com ele.

– Não sabia que o Fernando era tão carola.

– Pior que eu também não. Fernando não tinha religião. Só acreditava em Deus como princípio de tudo, tipo criador de todos os universos possíveis e imagináveis. Não entendo porque se sente tão deprimido. Afinal, a crença dele estava mais perto da verdade do que o meu agnosticismo. – Ela lança um olhar fugidio ao holonoticiário rolando acima de suas cabeças. Algo a ver com o congresso propor o abrandamento da lei marcial. Tomara que não aprovem. – Quando eu entrava numa de sacanear os crentes, criticar as religiões instituídas, ele me dava a maior força. Afirmava todo sério que não acreditava que a mente humana pudesse sobreviver à morte do corpo. Que mentiroso!

– É. Pelo visto, em algum lugar oculto da consciência ou, se duvidar, inconscientemente, Fernando acreditava na vida após a morte. Porque, de acordo com as últimas análises psiquiátricas, os crentes foram afetados mais duramente pelo Esclarecimento.

– Foi mais ou menos o que concluí sobre ele a posteriori. – Carla encolhe os ombros. – Acho que se fingia de ateu só para me agradar.

Alícia gira a cabeça e constata a chegada da composição sentido Barra. Volta a fitar a amiga.

– Então, vamos subir para a praça e tomar um chope, um sorvete, sei lá?

– Não vai dar. – Carla troca um selinho de despedida com a amiga. – Combinei jantar com meus pais. Sabe como é, nesses dias que correm, os velhos ficam preocupados cada vez que anoitece e eu ainda não voltei para casa.

– Sei como é. – Alícia sorri ao se separar da amiga. – Então, vou nessa. Vamos combinar alguma coisa para o fim de semana?

– Vamos, sim. Lá pela quinta ou sexta, eu holo pra você.

– Larga a arma. – Quando esquadrinha o semblante claramente alterado do suspeito, Gustavo vislumbra a mira laser da própria pistola dançando na testa dele.

– Calma aí, companheiro. – O suspeito percorre os homens da FELA com o cano do revólver, sem se fixar num alvo. – Também sou da polícia.

– Então larga a arma e ative seu chip. – Torres mantém a mira do fuzil-metralhadora assestada no tronco do sujeito. – Larga no chão devagar. Chuta para longe e liga a identificação.

– Não vou ligar porra nenhuma.

– Nós somos da FELA. – Gustavo rosna entredentes, tranquilo como água em poço. – Se não estivesse chapado, já teria percebido que se encontra cercado por quinze homens e três viaturas.

– Não sou cego, amigo. – O suspeito sacode a arma para um lado e outro. – Tô vendo os teus meganhas por todo lado. Mas também sei que, mesmo dentro dessas blindagens bonitinhas, posso furar vocês com um tiro à queima-roupa.

– Arma no chão! – Gustavo examina os semblantes dos comandados. – Agora!

– Não fode, babaca!

O capitão troca um olhar rápido com o sargento.

Torres dispara uma rajada curta para o alto.

– Puta-que-pariu... – O suspeito choraminga ao erguer as mãos para o alto. Ato contínuo, agacha, joga a arma travada sobre as pedras portuguesas da calçada e levanta devagar. – Podem conferir no meu chip. Detetive Pires, Polícia Civil do Espírito Santo.

Horas mais tarde, já em casa, Gustavo se lembra do incidente com o policial capixaba e abana a cabeça com um sorriso amargo no canto dos lábios. *Pior que o maluco estava falando a verdade.* Mesmo assim, Pires foi preso em flagrante e autuado por ameaça à ordem pública, abuso de autoridade, emprego ilegal de arma de serviço e resistência à prisão.

Gustavo murmura ao gerente para ativar o holocubo da sala na edição mais recente do noticiário. É legal ouvir uma voz humana enquanto prepara o jantar. O programa conhece bem suas preferências: Esportes, Segurança e Noticiário Local, não necessariamente nesta ordem.

Com a maioria dos campeonatos e competições esportivas paralisada *sine die*, restam apenas as ondas de vandalismo locais, a nova rodada de estatísticas de crimes e suicídios, as indefectíveis rebeliões e guerras civis que grassam no estrangeiro e a crise econômica global que, pelo visto, desta vez veio para ficar.

Nada de novo sob o Sol. Quer dizer, só a Lua...

“– Fontes da Casa Branca voltaram a afirmar hoje cedo que o quadro de saúde da Presidente Palin permanece estável e que ela não corre risco de vida imediato.” – O âncora do holojornal exhibe um sorriso pretensamente tranquilizador. – “Segundo o porta-voz, os boatos de que a presidente teria tentado o suicídio são completamente infundados.”

“– Em Bruxelas, o parlamento da União Europeia aprovou medidas enérgicas para combater a imigração ilegal do Norte da África.” – Também sorridente, a outra locutora assume a palavra. – “Tropas da OTAN e da UE permanecem de prontidão na Itália, Portugal, Espanha e Turquia, para impedir a entrada de fugitivos das guerras civis que assolam o Mundo Islâmico.”

“– A Comissão Executiva dos Direitos Humanos da ONU recebeu hoje novas denúncias da ocorrência de tortura em campos de prisioneiros da Grã-Bretanha e da França.” – O âncora assente para Gustavo com expressão grave. – “A Comissária Geral externou a opinião de que não existem evidências conclusivas de que os prisioneiros estejam sendo compelidos a renegar suas crenças religiosas e prestar juramento de fidelidade à nova carta da UE, sob ameaça de exílio ou deportação, no caso de imigrantes sem cidadania.”

– E eu que pensei que o Brasil tivesse problemas... – Gustavo resmunga ao se acomodar na poltrona defronte ao holocubo.

“– A Comissão Espacial da ONU divulgou hoje o estabelecimento de um link na antiga Face Oculta da Lua para permitir que a Base Neil Armstrong transmita direto para a Terra.” – A locutora informa com olhar intenso focado em Gustavo. – “E, hoje cedo, o comando da Missão Herschel declarou ter obtido

êxito na tentativa de reprogramar a sonda da ESA para que ela possa explorar o sistema de anéis recém-adquirido pelo planeta Júpiter.”

Vira e mexe, esqueço que Deus não mexeu só na Lua.

“– Uma notícia de última hora, exclusiva do Holojornal Nacional.” – O âncora exibe uma expressão de pesar. – “Acaba de falecer o Monsenhor Oswaldo Antunes Vilella, Cardeal-Arcebispo da Cidade do Rio de Janeiro. Dom Oswaldo foi encontrado morto em seus aposentos particulares há menos de meia hora. O porta-voz da Arquidiocese informou que o monsenhor faleceu durante seu cochilo da tarde. O corpo foi descoberto por seu secretário na tentativa de acordá-lo para o jantar. Apesar da ausência de problemas de saúde, a Arquidiocese afastou a possibilidade de suicídio.”

“– É o terceiro Cardeal-Arcebispo do Rio a perecer desde o Esclarecimento.” – A locutora atraente fala encarando Gustavo. – “Com a morte de Dom Oswaldo, sobe para trinta e nove o número de autoridades eclesiásticas brasileiras a desaparecer nos últimos três meses.”

– Desliga. – Gustavo ordena ao gerente doméstico.

Quando o holocubo se apaga, o programa acende a iluminação indireta da sala.

– Apaga a luz.

O aposento mergulha na penumbra, iluminado apenas pela faixa de Lua que brilha esburacada em quarto minguante.

Penativo, Gustavo beberica devagar a taça de Merlot do Vale dos Vinhedos.

Padre Antonio Dias era um bom sujeito. Gustavo frequentava a missa das dez horas todo domingo em que não estivesse de serviço. Confessava seus pecados ao Padre Antonio Dias e se sentia mais puro por dentro ao fazê-lo. Comungava sempre que possível.

Não conseguia entender porque ele teve que se enforcar no terceiro dia do Primo Anno Postdomini.

Amanda não se matou, mas se encontra internada numa clínica de repouso.

Envergonhado, admite para si próprio que já não sente tanta falta da ex-mulher.

– Professor Vieira, a Sociedade Humanista afirmou que não podemos excluir a possibilidade de o Esclarecimento não passar de uma fraude. O que o senhor acha dessa tese?

– Boa noite, Júlio. Boa noite, senhores holoespectadores. – O astrofísico idoso fita a câmera com um sorriso irônico no canto dos lábios. Pensa um pouco e então abana a cabeça calva antes de responder num tom divertido. – Uma fraude? Certo. Mas, e a Lua? Todos sabemos que, de um instante para outro, a Face Oculta apareceu voltada para a Terra.

– O senhor tocou numa questão crucial. – O repórter suspira, aliviado pela oportunidade de fugir da pauta restritiva. – No dia seguinte ao Esclarecimento, um porta-voz da NASA falou que a Lua se moveu acima da velocidade da luz. O senhor confirma essa maluquice?

– Não foi bem assim. – Vieira entrelaça os dedos sobre o abdome protuberante. – Entendo o ponto de vista do tal porta-voz. Num instante, a Base Lunar transmitia para a Terra. No instante seguinte, silêncio absoluto.

– Quando o senhor fala de um instante...

– Vou chegar lá, Júlio. A partir da análise das frequências que os equipamentos instalados em Fra Mauro transmitiam, podemos estimar que a Lua virou sua Face Oculta para a Terra num intervalo de tempo inferior a um picossegundo. Ora, em menos de um picossegundo, rápida como é, a luz não consegue percorrer sequer um milímetro, quanto mais milhares de quilômetros.

– Então o sujeito da NASA estava certo?

- Estaria, se a Lua houvesse girado em torno do próprio eixo para nos exibir sua Face Oculta. Só que ela não fez isto.
- Como podemos ter certeza de que a Lua não fez exatamente isto?
- Vamos pensar um pouco. Se a Lua houvesse mesmo girado 180° numa velocidade comparável à da luz, ela teria se esfacelado diante dos nossos olhos sob ação da aceleração monstruosa necessária para imprimir uma mudança de velocidade tão abrupta. Repare que estamos falando de uma quantidade de energia absurdamente elevada. Contudo, como a Lua permaneceu incólume em sua órbita habitual, sabemos que ela não acelerou e, portanto, não atingiu velocidade superior à da luz.
- Se não atingiu, como explicar o que aconteceu?
- Explicar o que aconteceu é simples. Um poder incomensurável tomou a Lua e, de um femtossegundo para o seguinte, colocou-a de volta no lugar, com a Face Oculta virada para nós. – Vieira esboça um sorriso encabulado. – Explicar como isto foi feito é que são elas.
- Quando o senhor se refere a “poder incomensurável”, isto que dizer “Deus”?
- Olha, Júlio, todos nós ouvimos esse poder se manifestar em nossas mentes. Não exatamente com palavras, é certo, mas com ideias e conceitos de uma clareza e precisão absolutas. Ele criou o multiverso do jeito que ele é, com as leis físicas necessárias e suficientes para propiciar o surgimento e a evolução da vida. Estatisticamente falando, a inteligência é uma decorrência natural da vida multicelular complexa. Ele deixou claro que não costuma se manifestar às suas criaturas e que não se importa muito com elas em termos individuais.
- Ele não formulou a questão exatamente desta forma, Professor.
- Tudo bem, Júlio. Se ele não formulou, reformulo eu. Podemos concluir que esse poder ou princípio não se importa conosco enquanto indivíduos porque, em primeiro lugar, ele afirmou que jamais se manifestou antes para a humanidade e que jamais o fará outra vez, certo?
- Certo, mas...
- Em segundo lugar e mais importante, ele assegurou que não há vida após a morte. Esclareceu que quando nossos cérebros param de funcionar é o fim. De verdade. – O astrofísico exala um suspiro resignado. – Agora, voltando à pergunta anterior, continuar chamando esse poder de “Deus” é mera questão de gosto pessoal. Particularmente, prefiro não chamá-lo assim, para evitar confundir o que esse poder realmente representa com os conceitos equivocados que nossa espécie teceu a respeito dele ao longo de milhares de anos.
- A Sociedade Humanista alega que o Esclarecimento pode muito bem ter sido um embuste armado contra a humanidade por uma supercivilização alienígena que se fez passar pelo Criador.
- Conheço o argumento. Só que não consigo imaginar um meio plausível de comprová-lo ou refutá-lo. Pois, veja bem, Júlio. Se alguém é tão poderoso e tão sábio a ponto de fazer o que esse poder fez com a Lua, a ponto de transferir os anéis de Saturno para Júpiter num piscar de olhos, levando, inclusive, uma sonda da ESA e outra chinesa de carona e, sobretudo, poderoso e sábio a ponto de nos fazer ver aquilo que esse princípio nos fez ver, todo o processo da criação, em toda a sua complexidade maravilhosa, a mesma exata visão para cada ser humano na face da Terra e até para os cientistas residentes na Base Lunar, exibida de um modo inteligível para qualquer pessoa com mais de três ou quatro anos de idade... – Vieira abana a cabeça com um sorriso tenso no canto dos lábios. – Então, esse alguém tem o direito de se afirmar Deus se assim o quiser. Ainda mais que, como ele colocou, já estava aqui bem antes do presente ciclo de expansão deste universo.
- Então, o senhor não acredita na hipótese do embuste?

– Sinceramente? Como hipótese de trabalho, a tese do embuste perpetrado por uma civilização alienígena é mais frágil, menos defensável e menos refutável, além de possuir um poder explicativo inferior ao da hipótese do esclarecimento divino. – Vieira cofia a barba branca com expressão pensativa. – Não, meu amigo. Creio que é exatamente como o princípio esclareceu para todos nós: ele se manifestou com o simples propósito de nos mostrar que nossas falsas crenças estavam nos desviando do nosso curso.

– Nesse sentido, seria possível afirmar que esse *princípio*, como o senhor chama, tem planos para a humanidade?

– Eu diria que essa conclusão é um bom ponto de partida, Júlio. Pelo menos, constitui uma alternativa mais lúcida do que a depressão crônica ou o suicídio. – Vieira acaricia a calva com um sorriso maroto.

Depois de um início de tarde glorioso no arboreto do Jardim Botânico, Carla se dirige à saída para o calçadão da Pacheco Leão, feliz da vida pelas duas horas ensolaradas que passou caminhando no melhor lugar deste mundo sem Deus, com direito à observação do voo dos tucanos, à gritaria agudíssima de um punhado de saracuras histéricas, ao confronto entre micos e jacus numa árvore próxima ao Lago Frei Leandro e ao quase tropeço no primeiro teiú avistado neste início de primavera.

Alegre e siderada, cerra as pálpebras ao cruzar o portão da Pacheco ante os raios de Sol que lhe banham o rosto, reflexo improvável de um prédio espelhado da vizinhança.

Neste instante, recebe um tranco.

Quando dá por si, está sendo arrastada pela calçada. Abre os olhos e se depara com um sujeito enorme, vestido com calças e jaqueta marrom. O atacante que a agarrou mantém seus dois braços presos às costas com uma mão só, enquanto segura uma arma apontada para a cabeça dela com a outra.

– Quietinha, carola. – O sujeito bafeja em seu ouvido com um mau hálito revoltante. – Senão, vou te matar aqui mesmo.

– O que você quer? – Carla perde o equilíbrio com o puxão que o atacante lhe aplica, mas ele a mantém de pé puxando-lhe os braços para cima. – Eu não... – Solta um grunhido de dor. – ... não sou quem você está pensando...

– Já te vi rezando sozinha na capela da PUC outro dia, carolinha sem-vergonha!

– Só fui lá para meditar um pouco.

– Conta outra! – O grandalhão a arrasta para um carro que o aguarda com a porta de trás aberta.

A porta bate com um estrondo, esmagando os dedos enluvados do cúmplice sentado no banco traseiro. O sujeito alto e magro recolhe a perna após o pontapé bem dado de cima de um segway estiloso.

Sem largar a presa, o grandalhão para de arrastá-la a fim de mirar o revólver no peito do recém-chegado.

– Moço, você não devia ter se metido onde não foi chamado.

– Se eu fosse você, baixava essa arma e largava a garota.

– Pera aí, seu moço. Eu te conheço. – Com expressão indecisa, o atacante desfaz a mira. – Já te vi na holovisão.

– É isto mesmo. – Júlio sorri. – E, a propósito, estou transmitindo online para a central de notícias da emissora. Estamos no ar e na net.

– Cara, você não devia ter feito isto. – O sujeito mira a arma, agora para a cabeça do intrumetido. – Nosso negócio era só com a carolinha aqui. Lembrei: você é repórter, não é?

– Não sou carola porra nenhuma, seu bafo de onça! – Carla se livra do atacante com um safanão e faz

menção de escapar.

– Filha-da-puta. – Com uma coronhada nas costas da vítima, o grandalhão a derruba aos seus pés. Então a agarra pelo cangote, obrigando-a a levantar do calçadão. De arma encostada na têmpora da jovem, enfrenta o intrometido. – Júlio Não-sei-quê.

– Júlio Esteves. – O jornalista ergue as mãos num gesto conciliador. – E você, como se chama?

– Pode me chamar de João. – O atacante exhibe um esgar divertido. – João-Ninguém.

– Tudo bem, João. – Júlio desce do segway, mas não faz menção de se aproximar do fanático. – Por que você não libera a menina? Ela não te fez mal algum.

– Como não fez? – João solta uma risada. – A porra dessa garota vive rezando às escondidas lá na capela da PUC.

– Nunca acreditei em Deus, seu fanático arrependido. – Carla se debate, mas não logra escapar outra vez. !

– Mentirosa – João aplica um cachaço na carola. – Nós vamos te ensinar a largar essa carolice de uma vez por todas. O perigo é você gostar do nosso tratamento.

– Olha só, João. – Júlio avança um passo em direção ao fanático e sua vítima. Pisca o olho para a jovem, que assente num gesto quase imperceptível. – Se depois de tudo o que descobrimos nos últimos meses, essa garota ainda faz questão de perder o tempo dela rezando, tá na cara que é uma idiota e tanto. Se eu fosse você, não perdia meu tempo com ela.

– Eu e meus amigos vamos aplicar uma lição nela. Vamos dar um trato legal nessa piranha.

– Mas, idiota ou não, – Júlio prossegue como se não tivesse ouvido, – é direito dela rezar para a entidade imaginária que bem entender.

– O caralho que é!

– Você sabe, João. – O repórter esboça um sorriso cínico. – Normalmente, os antirreligiosos mais radicais são ex-fanáticos religiosos. Imagino se não é esse o seu caso.

– Você é um bocado metido, Júlio. O que eu fui e deixei de ser não é da conta de ninguém. – O atacante mira decidido contra o repórter.

– Deixa eu adivinhar. – Júlio avança um passo na diagonal, tentando fintar a mira do fanático. – Será que você foi católico? Não. Acho que não.

– Cala a boca – João rosna entre os dentes.

–Kardecista? É isto, João? Tá com raiva do mundo porque descobriu que não vai reencarnar?

– Vai à merda que nunca acreditei nessa porra!

– Evangélico! – Júlio avança mais um passo. – É isto, João? Você deve ter ficado muito puto quando descobriu que todos os sermões do pastor não passavam de um monte de asneiras, não foi? E aqueles díizimos todos, hem?

– Fiquei puto mesmo – afirma João, o braço no gesto de quem vai pressionar o gatilho.

– Larga a arma. – A voz autoritária brada da calçada oposta à do Jardim Botânico.

Segura pela nuca, Carla forceja para girar a cabeça. Conta seis policiais com fardas negras da FELA do outro lado da Pacheco Leão. Dois blindados estão parados na esquina da Visconde de Carandaí. Uma terceira viatura chega e estaciona bem atrás do automóvel para onde seu captor pretendia arrastá-la.

Quatro outros policiais saltam dessa viatura. Um deles lança uma granada de gás pela janela aberta do automóvel dos criminosos. Sete segundos e muita fumaça mais tarde, dois homens e uma mulher saem tossindo horrores e são rapidamente rendidos e imobilizados.

– Vocês demoraram séculos. Problemas com o trânsito outra vez? – Júlio sorri para os policiais da

FELA.

– Bom dia para você também, Esteves. – Fuzil-metralhadora mirado na testa do criminoso, Torres lança um olhar de soslaio ao capitão, no aguardo de instruções. – Viemos o mais rápido possível.

– Então, amigo, – Gustavo mantém a pistola apontada para a cabeça do atacante, – vai soltar a garota por bem ou por mal?

– Ela vai conosco. – João vocifera olhando ora para Júlio, ora para o oficial de olhar gélido que parece estar no comando. – Nós vamos ensiná-la. Precisamos limpar toda a fé da cabeça dela.

– Nós quem, cara pálida? Seus comparsas já são nossos, como você acabou de ver. – Gustavo se desloca três metros para o lado a fim de tentar fazer mira na mão do criminoso sem colocar a jovem na linha de tiro.

– Pois se não soltarem meus amigos agora, serei obrigado a estourar os miolos dessa vadia aqui mesmo, no meio da rua.

– O que você acha que nós faremos se você tentar atirar nela? – Percebendo que seus companheiros lograram enfim fechar o trânsito, Torres atravessa a rua devagar, mira laser grudada na testa do bandido. – Tá achando que vai morrer rápido, amiguinho? Nem imagina o que o pessoal do buraco para onde vamos te mandar costuma fazer com gente que aponta arma pra cabeça de garotas inocentes.

Gustavo aproveita que o criminoso desviou sua atenção para o sargento, faz mira e dispara.

O impacto do projétil arranca o revólver da mão do sujeito. A arma atinge a grade da cerca do Jardim Botânico, cai e dispara ao bater no calçadão de concreto.

– Puta-que-pariu! Vocês foderam minha mão...

Cinco policiais da FELA atravessam a rua em três ou quatro saltos.

– No chão! No chão! – Gustavo arrebatava a vítima ao atacante enquanto seus homens o derrubam e o imobilizam. Só então o oficial constata que o disparo do revólver não atingiu ninguém. – Removam esse merda pra viatura. E façam logo um curativo pra ele parar de chorar.

– Como vai, Esteves? – Gustavo solta a jovem com quem estava abraçado e se aproxima do jornalista. – A propósito, obrigado por nos acionar.

– Cara, vocês quase não chegam a tempo. – Júlio recebe o abraço da garota, uma morena bem bonita, por sinal. – Tudo bem com você, meu anjo?

– Tudo. Graças a você. – Carla sorri para o repórter. – Obrigada por ter chamado a FELA.

Supervisionados por Torres, os soldados conduzem João e os outros fanáticos para a traseira da viatura não blindada.

– Qual é o seu nome, querida? – Júlio acaricia os cabelos compridos da garota.

– Carla. – Ela se vira para sorrir ao jornalista. – Pensei que ele fosse atirar em você.

– Não foi nada, Carla. – Júlio contempla a beleza morena com ar embevecido. – Mas, escuta uma coisa. Como se tratava de uma emergência, não pedi sua autorização para transmitir à emissora o registro online do ataque que você sofreu.

– Compreensível. Aquele cara estava me mantendo um pouco ocupada para que eu pudesse autorizar qualquer coisa.

– Certo. Mas eu gostaria de gravar uma exclusiva com você. – Júlio retribui o sorriso. – Fazer uma entrevista para uma matéria sobre vítimas de ex-fanáticos religiosos. Você topa?

– Acho que sim.

– Se eu fosse você, pensava um pouco antes de aceitar. – Gustavo acena para a jovem. – Nosso amigo Esteves ainda não comentou, mas a holovisão propicia exposição maciça. A emissora dele vai colocar

seu rosto dentro de todos os lares do Rio e do exterior.

– Você quer dizer, do Brasil e do exterior, né, Ribeiro?

– Que seja.

– Aliás, esse tiro que você disparou contra o fanático foi um baita golpe de sorte. – Júlio encara o policial com um brilho hostil no olhar. – Mas foi um risco medonho, se quer a minha opinião. Onde foi parar a decantada capacidade de negociação da FELA?

– Negociar com esse bando de malucos? Cai na real, Esteves. Eles iam estuprar e depois matar a garota. – Gustavo reage à hostilidade do repórter com um sorriso frio. – Olha só, nós somos treinados para tomar decisões de risco em situações críticas. Claro que, como jornalista científico, você não tem obrigação de saber disso.

– Muito engraçado. Queria ver onde você enfiaria esse bom humor se tivesse ferido a Carla.

– Espera um instante. – Ela gira o corpo para confrontar o jornalista. Ao fazê-lo, sem querer roça o quadril no oficial fardado de preto. – Ele salvou a minha vida.

– Mas, Carla, você não está entendendo.

– O que eu estou entendendo é que você está tentando crescer pra cima do mané.

– Para cima da FELA, no caso. – Gustavo sorri para a defensora inusitada.

– Exato, Capitão Ribeiro. – Carla assente, fuzilando o jornalista com o olhar.

Caramba! Eu não gostaria de ficar sob a mira dessa moreninha linda...

– Gustavo.

– Ahn, Capitão...

– Só Gustavo.

– Muito prazer, Gustavo. – Derretida, Carla abraça o capitão e lhe aplica dois beijos estalados nas bochechas.

Júlio abana a cabeça desalentado. É melhor refazer sua estratégia. Pois, se continuar pegando no pé do herói da bonitinha, periga perder sua exclusiva.

– Só você mesmo para me fazer passar uma temporada na Tijuca. – Deitada de bruços no almofadão gigante que cumpre papel de colchão, Carla sorri ao estender o braço sobre o tórax peludo do amante. – E, ainda por cima, gostando.

– Logo você, patricinha da Zona Sul, tomando a linha Jardim Botânico-Uruguai... – Gustavo olha para o teto, contemplando o holo do céu estrelado com ar satisfeito.

Nus e abraçados, os dois aguardam na penumbra da sala que o gerente da residência anuncie que a emissora enfim liberou a matéria especial sobre os atentados praticados por fanáticos desiludidos, para a qual ela gravou entrevista.

– Pois é. Quem diria que eu iria me perder de amores por um agente da lei, ainda mais um capitão da FELA ex-católico.

– O que te incomoda mais? – Gustavo solta uma risada. Mês e meio de namoro, não é a primeira vez que brincam a sério sobre o assunto. – Eu ser da FELA ou ter sido católico até cinco meses atrás.

– Você ter sido católico. Mas vou acabar me acostumando. Quanto à FELA, eu me orgulho de você. Ela ergue a cabeça e acaricia o rosto dele com as pontas dos dedos. –

– Nosso amigo Esteves nutre opiniões ambivalentes sobre nós.

– Sobre eu e você? Acho que não. Ele só estava querendo me comer.

– Não, minha pervertida. Sobre a FELA.

– Ah. Pelo que entendi do papo antes da gravação, essa ambivalência é mais da emissora do que dele. Aliás, ele confessou que te admira um bocado.

– Faça parte da equipe de limpeza que tira a sujeira das ruas da cidade.

– Foi uma sorte tremenda termos esbarrado um no outro.

– Talvez devêssemos agradecer ao Júlio Esteves.

– E àquele filhão, o tal João Bafo-de-Onça.

– O nome dele é José Roberto.

– Foda-se o nome de verdade. – Carla toma o queixo do amante entre os dedos, virando o rosto dele para encará-lo. – Para mim, será sempre João Bafo-de-Onça.

– Já que entrou numa de agradecer às forças do destino, talvez devesse começar pelo Esclarecimento.

– Foi o que nos levou à beira do fim do mundo. À pior crise econômica e social de todos os tempos. E ao maluco que me atacou.

– Fim do mundo ou não, há muito tempo não me sentia tão vivo assim. – Ele estende o braço e agarra a nádega carnuda da amante.

– Eu também. – Mesmo na penumbra do aposento, ela vislumbra o brilho fugaz nos olhos dele. – E tão feliz assim. O problema é que às vezes me bate um puta sentimento de culpa. Eu me sinto mal por estar tão feliz com as pessoas todas se suicidando à nossa volta.

– O mundo estava superpopuloso. Tinha gente até dizer chega. O Esclarecimento serviu para derramar o excesso.

– Meu cínico filho-da-puta. – Os dois compartilham um beijo longo e apaixonado – Nem se estivéssemos em guerra morreria tanta gente.

– Numa guerra, as pessoas não podem decidir se querem viver ou morrer. – Ante o olhar céptico da amante, resolve acrescentar. – Não será o fim do mundo, Carla. No final, aqueles que sobrarem construirão uma civilização mais forte e mais madura.

– E nós dois? – Ela estremece nos braços dele. – Será que vamos estar entre os sobreviventes?

– No que depender de mim, estaremos. Nós e nossos filhos.

– Ei! Quem disse que vou querer ter filhos seus? Ainda mais assim, no plural.

– Você mesma. Anteontem. Nesta mesma almofada, esqueceu?

– Você não devia levar em conta tudo o que uma garota geme quando está prestes a gozar.

– Tudo bem. – Ele ri. – Mas, sim. Creio que, haja o que houver, estaremos entre os sobreviventes.

– De repente, esse foi o verdadeiro propósito do Esclarecimento. Propiciar o advento de uma civilização madura.

– Algo como provar à humanidade que ela não precisa mais de um pai celestial para tomar conta dela?

– Exato.

“– A EMISSORA ACABA DE LIBERAR A MATÉRIA JORNALÍSTICA QUE VOCÊS ESTAVAM AGUARDANDO.” – O gerente doméstico de Gustavo anuncia num tom monocórdio ao qual Carla ainda não se acostumou. – “DESEJAM ASSISTIR AGORA?”

– O que você acha? Assistimos agora ou depois da próxima rodada?

– Vai rolar terceira rodada? – Sorridente, Carla move o braço para baixo, tateando com a mão esquerda, até agarrar o que procurava. – Não pretendo perder isto aqui por matéria alguma do mundo.



Quem sobreviveu ao fim

Eric Novello

É autor, tradutor e roteirista. Lançou seu 1º livro em 2004, já participou de diversas coletâneas, com contos também em e-book e em jornal. Pela Draco publicou Neon Azul e A Sombra no Sol, e é coorganizador da coleção Amores Proibidos.

TWITTER @eric_novello SITE www.ericnovello.com.br

Marcelo Augusto Galvão

é apreciador de diversos gêneros literários. Seus contos já foram publicados em coletâneas como *Imaginários v. 3* (2010), em sites e na revista *Scarium* (edições nº 21, 23 e 25). Foi premiado no 3º *Concurso Literário da Scarium – Categoria Horror* (2006), na 16ª edição do *Prêmio Cataratas* (2007) e primeiro lugar na votação do júri no 2º *Prêmio Braulio Tavares* (2008). BLOG galvanizado.wordpress.com

Eduardo Kasse

é escritor e analista de conteúdos. Autor da série *Tempos de Sangue*, com três romances publicados: *O Andarilho das Sombras*, *Deuses Esquecidos* e *Guerras Eternas*. Tem duas paixões, a literatura e os cães. E por incrível que pareça, elas se complementam.

TWITTER @edkasse SITE eduardokasse.com.br.

Nazareth Fonseca

nasceu em São Luís, Maranhão. Começou a escrever aos 15 anos. É autora da saga *Alma e Sangue*, composta por cinco livros. Publicou contos nas coletâneas *Necrópole: Histórias de Bruxaria, Anno Domini, Meu Amor é Um Vampiro, Anjos Rebeldes* e *Sociedade Sombria*. Em E-book publicou *O Olho que Tudo Vê* e os contos *Névoa de Sangue* e *Amores Proibidos - O rosa e o negro*. Mora em Natal, Rio Grande do Norte.

TWITTER @Nazareth SITE www.almaesangue.com.br BLOG nazarethfonseca.wordpress.com

Diogo de Souza

Nascido em São Paulo, começou escrevendo peças para teatro e diversos artigos para revistas. Em 2005, estimulado por um amigo, deu forma à história de *Fuga de Rigel*, que o perseguia incansavelmente há vários anos. Ávido leitor, também fez breve carreira como ator e diretor de teatro, dos quais nunca perdeu o gosto. Atualmente trabalha como gerente de projetos em engenharia de software.

TWITTER @DiogoDeSouza SITE www.diogodesouza.com.br

Alliah

É escritora e artista visual. Natural de Niterói, RJ, nasceu em 1991 e desde então desenha e escreve compulsivamente. Pela Tarja, é autora do livro ilustrado *Metanfetaedro*. Participa das coletâneas *Paradigmas Definitivos, VII Demônios - Inveja, Deus Ex Machina, A Fantástica Literatura Queer - Volume Vermelho*, entre outras. Pela Draco, publicou e-books como *Fritei minha dignidade no bacon*. TWITTER @AlliahArt

Blanxe

Carioca, técnica publicitária e graduada em Letras, desde pequena sempre foi apaixonada pela leitura, sendo os gêneros terror e literatura fantástica os preferidos. Publicou o conto *Distúrbia*, na *Fantástica Literatura Queer*, e é roteirista da webcomic nacional *Entropia* onde vem abordando online a temática homoerótica mesclada à fantasia medieval. SITE entropiacomic.com.br TWITTER @_Blanxe FACEBOOK /Blanxe

Cirilo S. Lemos

nasceu em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, em 1982, nove anos antes do antológico *Ten*, do Pearl Jam. Foi ajudante de marceneiro, de pedreiro, de sorveteiro, de marmorista, de astronauta. Fritou hambúrgueres, vendeu flores, criou peixes briguentos, estudou História. Desde então se dedica a escrever, dar aulas e preparar os filhos para a inevitável rebelião das máquinas. Gosta de sonhos horríveis, realidades previsíveis e fotos de família. Publicou em *Imaginários v. 3* (2010) e *Dieselpunk* (2011), e é autor do romance *O Alienado* (2012). TWITTER @CiriloSL.

Gerson Lodi-Ribeiro

Autor carioca de FC e história alternativa. Referência nacional no gênero, publicou *Alienígenas Mitológicos* e *A Ética da Traição* na edição brasileira da Asimov's. Autor dos romances *Xochiquetzal - uma princesa asteca entre os incas* (2009), *A Guardiã da Memória* (2011) e

Aventuras do Vampiro de Palmares (2014). Participou de diversas coletâneas como *Imaginários v. 1* (2009) e *Taikodom: Crônicas* (2009). Pela Draco editou as antologias *Vaporpunk* (2010), *Dieselpunk* (2011), *Solarpunk* (2013) e *Erótica Fantástica v. I* (2012). Foi consultor da Hoplon Infotainment, sendo um dos criadores do universo ficcional do jogo online Taikodom.

[1]**Nota de tradução:** Aqui começam as primeiras inscrições em grafluias (visíveis o suficiente para que se faça um estudo) localizadas nas camadas mais antigas do depósito mineral. É possível enxergar os traços desaparecendo na base das construções e perdendo-se nas intempéries biogeológicas do ecossistema. É provável que algum significado tenha sido alterado por intervenção accidental de colônias proliferando nos espaços entre os relevos. Considerarei a imagem geral de cada bloco, de acordo com as leituras pós-microrraspagem e com os modelos virtuais tridimensionais codificados através das varreduras das camadas. Algumas inscrições foram sobrepostas a outras mais antigas. Convém esclarecer que as grafluias são lidas da esquerda para a direita, de baixo para cima, em pequenos blocos circulares (frases) iniciados por uma meia-lua e fechados por um círculo comendo o último símbolo, aqui representados pelos parênteses. Devido ao conteúdo, acredito que a interpretação semiótica dessa estrutura aproxima-se do conceito de eterno retorno das extinções.

[2]**NT:** *Vida-luz* é equivalente a um período de 24 horas. A metade, 12 horas, é descrita como *Larva-luz*. A simbologia é referente à iluminação solar que penetra até determinada profundidade na água. Não existem termos para as medições temporais tradicionais que herdamos dos terrestres pré-Apocalípticos. Um período pequeno, que para nós significaria alguns minutos, é geralmente denominado como *Grão-luz*. Para a Zona Abissal e abaixo, aonde a luz não chega, não há contagem de tempo conhecida.

[3]**NT:** O escriba equinodermo repete exaustivamente sua relação com o mestre Trilobita, e nos faz crer que o Trilobita é uma criatura que possui a idade da Terra. A maior parte não está reproduzida aqui, pois essa é uma pequena coleção de trechos selecionados. (Para ler mais procure: “*Enciclopédia de Parapaleosemiótica Grafluídica*”, Editora Sedimentos, Ano 45 D.A.). Muitas das mensagens grafluídas carregam um enorme peso profético e derivativo, mas pouparei o leitor do aborrecimento de destrinchar cada um deles em hipóteses pretensiosas, e deixarei que os significados sejam absorvidos livremente.

[4]**NT:** Aqui o escriba ocupou-se de desenhar minuciosamente um gigantesco mapa arquitetural do sistema de torres, antes mesmo do sistema atingir o tamanho e complexidade que possui atualmente. Ao que tudo indica, as próprias grafluias ditaram os ritmos e direções de crescimento da estrutura mineral, moldando-a aos caprichos do escriba. Acredito que as instruções tenham sido passadas pelo Trilobita, mas não sei precisar por quanto tempo o trabalho foi feito e através de quais mecanismos hidrodinâmicos foi cumprido. Só posso especular que os relevos das inscrições tenham influenciado e colaborado com a vida marinha ao redor.

[5]**NT:** A comparação com uma relação de simbiose pode parecer um pouco forçada, já que uma das partes não é biológica, mas mineral. Para clarificar o entendimento desse trecho, porém, podemos observar o estágio de nossa atual arquitetura, em completo amálgama com a vida marinha que a precedeu e acolheu. Para os entusiastas da segunda onda de arte pós-apocalíptica, sugiro que visitem o *Museu dos Afogados*, que possui uma belíssima estrutura semiviva. E uma escultura *Eremita* no centro do pátio principal, de autor desconhecido, inteiramente feita do molde calcário de centenas de fósseis trilobitas de mais de 400 milhões de anos.